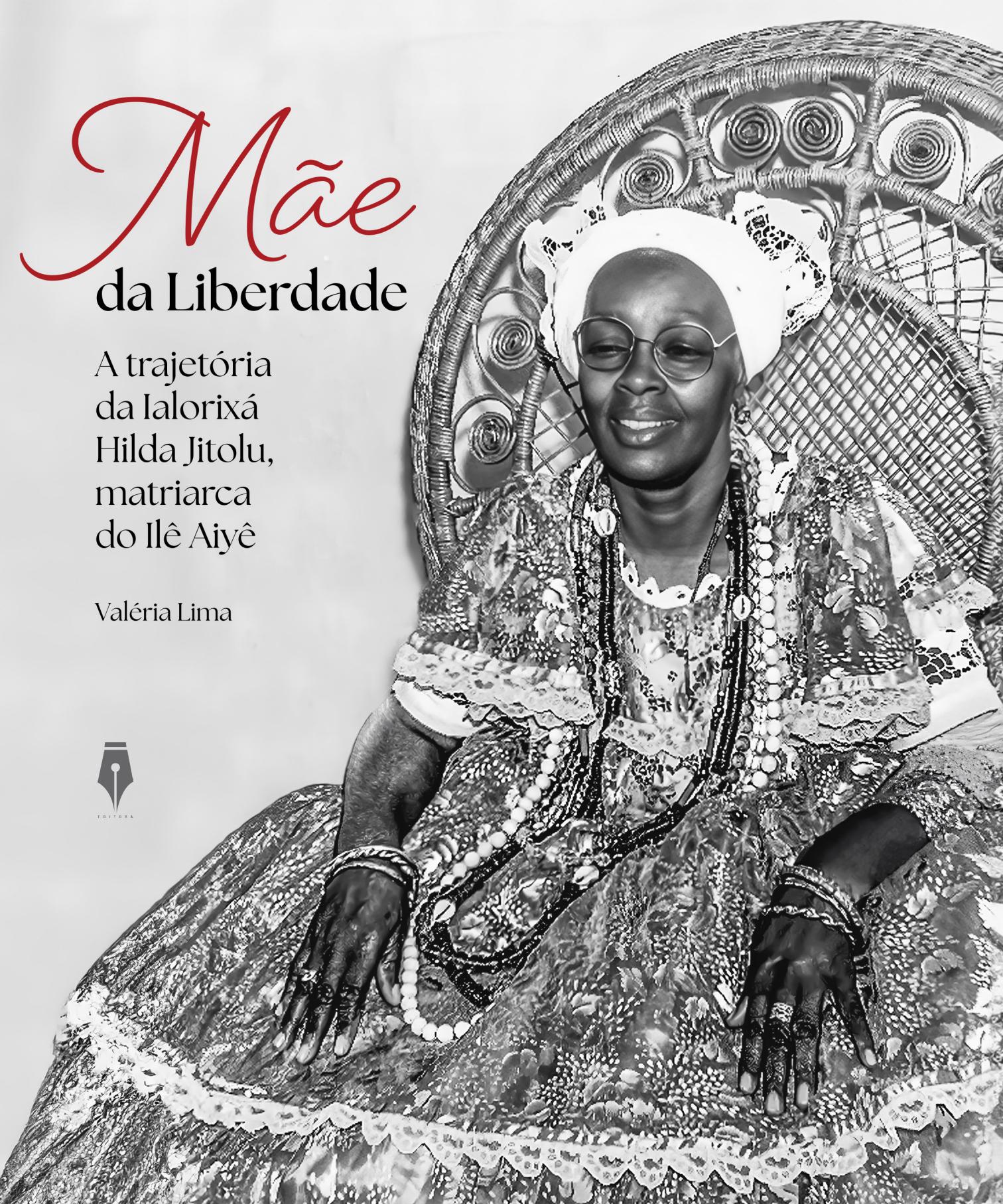


Mãe da Liberdade

A trajetória
da Ialorixá
Hilda Jitolu,
matriarca
do Ilê Aiyê

Valéria Lima





Mãe da Liberdade

A trajetória
da Ialorixá
Hilda Jitolu,
matriarca
do Ilê Aiyê

Valéria Lima

Mãe da Liberdade

A trajetória
da Ialorixá
Hilda Jitolu,
matriarca
do Ilê Aiyê

Valéria Lima



Salvador-Bahia-Brasil
2024

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de "Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas" (BY-NC-ND).

FICHA TÉCNICA

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO



ROSALUX.ORG.BR

DIRETOR

Andreas Behn

COORDENADORA DE PROJETOS

Christiane Gomes

EDITORA

Mel Adún

REVISÃO

Paula Santos & Mariana Andrade

FOTO DA AUTORA

Arquivo pessoal

PROJETO GRÁFICO

Guellwaar Adún

DIREÇÃO DE ARTE

Dadá Jaques

Catalogação na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

L732m

Lima, Valéria

Mãe da Liberdade: Ialorixá Hilda Jitulu Matriarca do Ilê Aiyê / Valéria Lima. – Salvador: Ogum's Toques Negros, 2024.

218 p., fotos.; 20 X 24 cm

ISBN 978-85-69277-17-0

1. Biografia. I. Lima, Valéria. II. Título.

CDD 920

à minha avó

Sumário

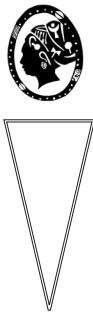
- 11 ► Reluziu o dia
- 13 ► Apresentação
- 21 ► Todos os valores de uma raça estão presentes
- 23 ► As mulheres e o movimento negro no Brasil
- 25 ► O papel da mulher negra
- 28 ► Liderança religiosa
- 30 ► O candomblé
- 32 ► A nação Jeje Savalu
- 34 ► A presença feminina no candomblé da Bahia
- 36 ► Registros
- 37 ► Documentação visual
- 39 ► Flor bela abriu nossas janelas
- 41 ► Da Quinta das Beatas ao Curuzu — As origens
- 45 ► A matriarca chega ao Curuzu
- 47 ► O renascimento
- 51 ► A família cresce
- 63 ► Anos de fé
- 65 ► Mãe Hilda Jitolu: uma líder espiritual baiana —
A Cacunda de Iaiá
- 73 ► Nasce o Acé Jitolu
- 77 ► Os filhos de santo de Mãe Hilda
- 82 ► O Caboclo Tupyassu

- 84 ► As festas do *Acé Jitolu*
- 85 ► Constitui um universo de beleza
- 87 ► Realizações de Mãe Hilda/desdobramentos
- 114 ► A Escola Mãe Hilda
- 121 ► Escola Band’Erê
- 122 ► Projeto de extensão pedagógica
- 125 ► Na Serra da Barriga
- 133 ► Estrela guia, desde os tempos de criança
- 135 ► Mãe Hilda fez sua história —
Fez-se conhecer pelo mundo
- 139 ► Mãe Hilda e a imprensa baiana
- 141 ► Um ser vivo de luz
- 143 ► Como ela é vista
- 145 ► A família de santo de Mãe Hilda
- 146 ► Mãe Hilda e seus descendentes
- 152 ► Nasce o Instituto da Mulher Negra
Mãe Hilda Jitolu
- 159 ► Crianças precisam de horizontes
- 161 ► O Instituto, a Coalizão, a Serra e o Tempo
- 165 ► Referências
- 169 ► Posfácio
- 171 ► Imagens de arquivo



Reluziu o dia¹

1 Negrume da Noite, composição de Cuiuba & Paulinho Do Reco.



Apresentação

NESTE LIVRO RESGATO a minha própria história, a história da minha família. Muitos pensam que essa é uma tarefa simples, pois minhas principais fontes convivem comigo. São meus tios, minha mãe, minha tia. Acredito que ser neta da biografada, em uma pesquisa, não é algo comum na academia, mas me permite viver esta experiência. Mergulhar nessa história é realmente fascinante e através dela resgatei informações que se perderam no tempo e no espaço. Montar esse quebra-cabeça familiar foi uma árdua missão, porém, profundamente satisfatória.

É importante mostrar como cheguei até aqui, e essa é uma longa história. Nascer no Curuzu, um importante bairro negro de Salvador, onde surgiu o Ilê Aiyê, e pertencer à família Jitolu me deixa muito orgulhosa, mas tem valor real quando visto de fora. Talvez a maior dificuldade que tive na vida foi enxergar a relevância histórica e a contribuição dada por toda a minha família à comunidade negra do Brasil. É difícil perceber estando tão perto. Só comecei a ter noção da minha responsabilidade quando já estava cursando a graduação em Jornalismo, entre 2004 e 2007. Foi a partir daquele momento que comecei a escrever sobre as mulheres, que não somente eram responsáveis por minha educação, mas, sobretudo, pela minha formação enquanto mulher negra. Certamente, o que me motiva a contar essa história é ter consciência de que



essas mulheres foram, são e sempre serão os maiores exemplos de minha vida, e é através da história delas que acredito que os meus sonhos se tornarão realidade. Por ser neta de uma mulher negra e pobre, que se tornou uma importante referência no combate ao racismo, como líder espiritual e matriarca do Ilê Aiyê, e se fez conhecer pelo mundo, acredito que toda a luta vale a pena.



Mãe Hilda no Acé Jitolu. Fonte: Acervo pessoal da família.



Quando falo da minha dificuldade em perceber a importância do grupo ao qual faço parte não estou exagerando. Na minha concepção, eu era apenas filha de Dete Lima e Paulo Kambuí, neta de Mãe Hilda, sobrinha de Vovô, Vivaldo, tia Dele e tia Maia (como as chamava). Assistia às festas de candomblé no Acé² Jitolu sem muito envolvimento. Dancei no *Ilê Aiyê* por muitos anos, participei de momentos importantes como a Noite da Beleza Negra, realizada anualmente pelo bloco, e um show no Teatro Castro Alves, pelo aniversário da Fundação Odebrecht, com participação de Daniela Mercury e Família Caymmi, além de alguns outros. Porém, ainda não era o suficiente para uma criança ter uma visão mais ampla de tudo o que representava aquela família. Meu primeiro desafio foi justamente enxergar tudo que já havia sido realizado por essas pessoas, toda a contribuição que elas haviam dado na religiosidade, na cultura afro, na estética, na valorização da raça negra, entre outras.

Com o tempo veio a maturidade e a compreensão, inicialmente, de que eu vivia em um espaço sagrado que é o terreiro de candomblé. Em seguida, comecei a enxergar a importância do *Ilê Aiyê* para a valorização do negro na sociedade, e, mais ainda, sua luta no combate ao racismo e pela igualdade racial. Naquele momento entendi que todos temos missões, e a minha é, sem dúvida, conscientizar ainda mais pessoas sobre essas colaborações. Optei pelo lado feminino dessa história, e, para tal, usei a história das mulheres negras. Logo na graduação, como Trabalho de Conclusão de Curso, escrevi um livro reportagem sobre algumas mulheres negras que atuaram de diferentes formas no Movimento Negro e, já neste momento, contei um pouco da história de Mãe Hilda Jitolu e Dete Lima, além de Luiza Bairros, Nadir Nóbrega e Olívia Santana.

Meu segundo desafio ao escrever foi explanar os fatos, moderando a modéstia, se assim posso dizer. Expor a vida e obra de Mãe Hilda, todos os seus feitos, para imortalizar sua história para as próximas gerações. Compreendo que, na busca pelo conhecimento, são muitas as dificuldades encontradas no caminho. Perguntei-me durante todo o tempo: é

² A grafia de Acé com a letra 'C' tem por objetivo nesta obra ser fiel à língua fon, tradicional dos originários da região do Benin, antigo Daomé e de onde vem o Jeje Savalu, nação do Acé Jitolu, terreiro ao qual faço parte.



possível assim fazer? Aprendi durante a graduação que, para ser uma profissional respeitada, deveria ser neutra, jamais permitir que preconceitos ou pré-noções julguem ou me façam tirar conclusões precipitadas sobre o outro, pois poderia prejudicar seriamente alguém. E o que a vida me ensinou é que não há neutralidade em nada que fazemos; tudo que escrevemos e produzimos sempre leva um pouco do que somos e acreditamos. Não falo de opiniões infundadas, mas dos valores que carregamos e de tudo que vivenciamos.



Mãe Hilda . Fonte: Acervo pessoal da família.



Apesar da proximidade com a minha biografada, busquei ao máximo colocar em prática os ensinamentos que me foram passados. Afinal, não era apenas um trabalho para ser publicado, mas sim a construção (ou retomada) de uma história parcialmente perdida na oralidade, com um imenso valor para as pessoas negras deste país. E para tanto usei a cautela como principal arma a meu favor. Relatei fatos importantes da vida de Mãe Hilda sempre respeitando a voz dos meus informantes.

Na década de 1970, a Bahia e o Brasil viviam um momento de grande movimentação política na comunidade negra; mulheres e homens negros se organizavam em diferentes partes do país para se levantar pelo fim do racismo e a favor da igualdade entre as raças. Paralela a essas movimentações está a religiosidade afro-brasileira. Na família de Mãe Hilda, todos esses aspectos estavam reunidos em seu barracão³, pois era naquele espaço sagrado que aconteciam as festas para louvar os *voduns*⁴, e também as reuniões para a criação do Ilê Aiyê, que, além de ser um grupo cultural e carnavalesco, é, principalmente, um movimento político e revolucionário.

Analizando todas as consequências daqueles movimentos, e, mais ainda, a participação e contribuição de Mãe Hilda para que se alcançasse todo esse resultado, percebi um grande potencial e decidi construir a sua biografia. O número de pessoas atingidas por este movimento cultural, político e religioso é incalculável. Assim como os que foram atingidos diretamente pelas ações educativas do Ilê Aiyê e do Acé Jitolu.

O que apresento neste livro são as conquistas de uma comunidade racialmente marcada, e não apenas de mais uma mulher negra deste país. Uma trajetória capaz de causar impacto nesta e nas demais gerações vindouras.

Escrever sobre a trajetória de alguém requer sempre muita pesquisa e atenção para enxergar as peculiaridades e construir uma narrativa coerente. Investigar a vida de Mãe Hilda tem sido revelador. Já nas primeiras entrevistas pude perceber o quanto desconheço essa história, que me parecia tão familiar. Conhecer detalhes da sua infância e

³ Espaço sagrado onde ocorrem as festas públicas de um terreiro de candomblé.

⁴ Deuses cultuados no candomblé da nação Jeje.

adolescência, da sua vida pessoal, religiosa, seu casamento, os filhos, e ainda relacionar essa história com as Ciências Sociais foi uma grande tarefa.

Para escrever uma biografia é necessário conhecer o seu significado. Biografia é uma narrativa, é a vida por escrito (bio-vida e grafia-escrita). A biografia é a descrição, compreensão, interpretação da vida de um indivíduo, e, na sua construção, busca-se a sua trajetória desde seu nascimento. Porém, priorizam-se os fatos mais relevantes de sua trajetória e o que determina a escolha é justamente a história do biografado. Entretanto, isto não foi sempre assim; o termo "biografia" só aparece ao longo do século XVII para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (Loriga, 2011). É preciso compreender também as particularidades que formam um indivíduo, e, trazendo o pensamento de Certeau (2012), cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. Dessa forma, faz-se fundamental emergir no mundo ao qual o biografado está inserido, no caso de Mãe Hilda, principalmente o terreiro Acé Jitolu e seus desdobramentos sociais, que são o Ilê Aiyê, a Escola Mãe Hilda e, hoje, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu.

Pesquisar a história de uma líder espiritual, que está ligada na mesma proporção à difusão da cultura negra, se torna ainda mais difícil, pois nessa junção surgem inúmeras lacunas. A maior dificuldade, apontada por estudiosos da área, está justamente na verificação da veracidade das informações coletadas, além do tempo necessário para obtenção de uma quantidade significativa de informações (Lima, 2003) através de questionários, entrevistas, etc. É necessário confrontar informações a todo tempo para que se chegue o mais próximo possível da verdade dos fatos. O ideal é encontrar documentos que confirmem as informações. Entretanto, apesar da memória do ser humano ser falha em algumas situações, só ela é capaz de revelar detalhes e emoções de momentos vividos, que documentos jamais conseguiriam.

São muitas as dificuldades encontradas na construção de uma biografia. Interpretar o que é dito, relacionar com outras informações, cruzar as diversas áreas de conhecimento se faz fundamental para o alinhamento



de uma vida inteira. É necessário relativizar por todo o tempo. É preciso ler nas entrelinhas da história, compreender o silêncio, o não dito.

A história do povo negro deste país sempre foi passada de forma oral; são histórias que não constam nos livros. Por isso, faz-se necessário uma busca incessante por informantes, que contem como a história aconteceu. A partir da década de 1970, iniciou-se no Brasil um movimento na tentativa de resgatar histórias de mulheres e homens negros, como Zumbi dos Palmares. Esse movimento ganhou ainda mais força na década de 1990, quando o número de publicações sobre a questão racial aumentou. Se nos referirmos às biografias sobre homens e mulheres negras, esse número cresce ainda mais com a chegada do século XXI. Posso citar exemplos entre lideranças religiosas em Salvador: *Mãe Senhora: saudade e memória*; *Mãe Menininha do Gantois: uma biografia*; *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*; *Mãe Stella de Oxossi: perfil de uma liderança religiosa*, dentre outras publicações mais recentes. Histórias que antes eram compartilhadas oralmente dentro de suas comunidades e, a partir do registro escrito, passam a ter um potencial de circulação infinitamente maior, além da inclusão de corpos textuais negros historicamente excluídos das instituições de ensino.

Esse livro é o começo de uma pesquisa sobre uma mulher negra que, através da religião, ajudou a transformar a comunidade e cidade na qual vivia.



Todos os valores
de uma raça
estão presentes⁵

5 Deusa do Ébano I, composição de Geraldo Lima



As mulheres e o movimento negro no Brasil

APARTIR DA DÉCADA DE 1970, as instituições negras ressurgem de forma organizada. Esta década constitui-se como um marco para a atuação do Movimento Negro, especialmente na Bahia. Grandes mobilizações de representatividade históricas, no que diz respeito à construção da identidade negra, luta e resistência contra o racismo, foram retomadas pela comunidade negra. O ressurgimento do Movimento Negro, nos anos 1970, demarca um processo específico de construção de uma identidade negra, no sentido de luta e resistência. Do elo entre o ontem e o hoje do Movimento Negro surgem as várias lutas cotidianas, e são inúmeras as motivações. Para as mulheres, particularmente, podemos destacar, nas palavras da ex-ministra e intelectual negra Luiza Bairros, a necessidade de dar expressão a diferentes formas de experiência de ser negra (vivida “através” do gênero) e de ser mulher (vivida “através” da raça), o que torna supérfluas as discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras — luta contra o sexismo ou contra o racismo?

Mundialmente a questão racial estava sendo debatida, o movimento Négritude na França, o movimento por direitos civis nos Estados

Unidos, a independência de países africanos como Cabo Verde, Angola e Moçambique e a criação do Dia da África pelas Organizações das Nações Unidas são reflexos desses movimentos. E no Brasil não foi diferente; nesse período surgiram várias entidades negras em Salvador com objetivos de cunho cultural e político. Em 1974, o sociólogo Manoel de Almeida Cruz ajudou a fundar, com outros intelectuais da época, o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB) onde eram estudadas e debatidas as questões raciais do Brasil. No mesmo ano, um grupo de jovens que viviam no bairro da Liberdade, no terreiro Acé Jitolu, criaram a Associação Cultural e Bloco Carnavalesco *Ilê Aiyê*, que nasce, a princípio, para dignificar a presença do negro no carnaval baiano, já que blocos carnavalescos da capital não aceitavam homens negros e mulheres negras como foliões. Nesse período, a participação do negro no carnaval baiano era marcada pela presença de Afoxés, blocos de Índios e Escolas de Samba que já demonstravam a utilização de costumes e crenças afro-brasileiras (Freitas, 2006). O *Ilê* acabou dando origem a outras instituições importantes, como *Olodum*, *Muzenza*, *Malê Debalê*, *Didá* e muitas outras.

O nascimento dessas organizações não significa necessariamente algo importante para as mulheres negras, pois a grande maioria dessas entidades não estava interessada na intersecção entre raça e gênero, mas em trabalhar essas duas questões isoladamente. De acordo com a antropóloga Angela Figueiredo (2008), o Brasil neste período foi caracterizado não só pela abordagem do tema, mas também pela consolidação dos movimentos sociais que emergiram no período da redemocratização, alguns deles assumindo uma pauta reivindicatória voltada, sobretudo, para a defesa dos direitos das mulheres, enquanto outros denunciavam o racismo existente na sociedade brasileira.

A partir daquele momento, com a ampliação destes movimentos, mulheres negras, atuantes no Movimento Negro, como Luiza Bairros e Lélia Gonzalez, dão prosseguimento a esta luta, que ficou conhecida como feminismo negro, e, posteriormente, conquistou espaço relevante na luta pelas questões raciais no Brasil.



Todos os valores de uma raça estão presentes

O papel da mulher negra

Nossa especificidade de ser mulher, sendo negra, exige de nós, cotidianamente, resposta também específica, quando a essas duas categorias gênero e cor, soma-se o dado igualmente fundamental: a pobreza. [...]. A mulher negra realiza no processo de formação histórica do país um exercício cotidiano de administrar contradições.

(Siqueira, 1993)

APESAR DO AVANÇO DOS Movimentos Sociais como um todo, a mulher negra ainda é a última classe favorecida. Para a filósofa e feminista negra Sueli Carneiro, ainda há muita dificuldade para se falar deste tema no Brasil, seja pela escassez de fontes, seja pela imagem estereotipada da mulher presente nas poucas abordagens da temática da mulher negra na sociedade brasileira tendo em vista que, na realidade, tem ocorrido um "duplo silêncio": ao silenciamento das mulheres em geral ("a história é masculina") soma-se o silêncio sobre as classes exploradas ("a história



Ana Célia, Mãe Hilda, Maria de Lourdes Siqueira e Goya Lopes.
Fonte: Acervo pessoal da família.



é a história sobre as classes dominantes"). Sobre o segundo silêncio, Carneiro diz que muito já foi estudado. E quanto ao primeiro, de acordo com a filósofa, ele aparece disfarçado na mitologia sobre a natureza doce e patriarcalista do escravismo brasileiro. E vai além, garantindo que a mitologia não se limita a produzir uma imagem deformada da relação senhor-escravo, mas, na sua lógica, a mulher escravizada ocupa um lugar central: 'ponte entre duas raças', 'embaixadora da senzala na casa-grande', e vice-versa, assim como outras coisas do gênero.

Apesar disso, a atuação das mulheres foi e é de fundamental importância para muitos fatos na conjuntura do movimento. Dessa maneira, da década de 1970 até os dias atuais, as mulheres negras avançaram na construção de uma identidade dentro do movimento negro e feminista, aumentando, assim, as discussões acerca do tema na formação e liderança das entidades. Esse avanço é de grande importância, não apenas no que se refere à inserção deste público nas esferas de poder e narrativas, mas, principalmente, pelas mudanças a respeito de temas do cotidiano,



Mãe Hilda. Fonte: Acervo pessoal da família.



Todos os valores de uma raça estão presentes

como a violência doméstica, políticas públicas que busquem acesso à educação, à saúde, melhores condições no mercado de trabalho, bem como as especificidades do gênero. A partir dos anos 1980, quando os estudos sobre o feminino se desenvolvem no Brasil, a temática da mulher na religião – destacando aqui a mulher negra no candomblé – torna-se foco privilegiado de pesquisa (Bernardo, 2003).

Quando se fala em identidade brasileira há certa complexidade, tendo em vista como se deu a formação dessa nação. Faz-se necessário buscar as características dessa identidade negra. Mãe Hilda se destacou



Mãe Hilda. Fonte: Acervo pessoal da família.

em meio a uma sociedade machista, racista e intolerante, quando se fala em religiões de matrizes africanas. Para Luiza Bairros, o legado de mulheres como ela, que dedicaram suas vidas a causas que consideravam importantes, e que, muitas vezes, inconscientemente, praticaram o feminismo negro, é uma contribuição intelectual ao feminismo, principalmente àquele produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias.

Durante toda a sua vida, Mãe Hilda desenvolveu um extenso trabalho de conscientização da comunidade negra. Tanto através de projetos como a Escola Mãe Hilda, idealizada por ela e instalada nas dependências do seu terreiro no bairro do Curuzu, quanto através do seu trabalho como *Iyalorixá*⁶ e matriarca do *Ilê Aiyê*. Importante ressaltar que este espaço utilizado para os projetos sociais era também sua residência.

Liderança religiosa

O PAPEL DE LÍDER RELIGIOSA de uma religião de matriz africana, como o candomblé, tem um significado muito particular no Brasil e na Bahia. Em uma religião que pode ser considerada matrifocal, assim como ocorre com as mulheres de algumas etnias africanas citadas por Bernardo (2003, p.35), as mulheres pertencentes aos reinos *fons*⁷ e *nagô-iorubá*⁸ desempenham um papel ativo e exerceram um poder político importante. No candomblé a liderança está diretamente associada à figura feminina, em sua maioria. Entretanto, são muitos os fatores que contribuem com esta realidade, entre eles um “[...] aspecto que deve ser destacado para iluminar o fato de a mulher vir a ser a sacerdotisa-chefe do candomblé diz respeito à densidade do sentimento materno da africana. Esse sentimento, por sua vez, tem muito a ver com a noção de Terra-Mãe” (Bernardo, 2003, p. 51).

Para Mãe Hilda, que foi líder do importante Terreiro *Jeje Savalu* do Curuzu, o *Acé Jitolu*, este papel se estendeu por toda a comunidade.

6 Sacerdotisa e chefe de um terreiro de candomblé.

7 Grupo étnico originário do Sul do Benin.

8 Grupo étnico da África Ocidental.



Todos os valores de uma raça estão presentes

Ela foi mãe, conselheira e tudo mais que lhe coube durante os quase 60 anos à frente da casa.

Mãe Hilda tornou-se uma liderança sociocultural no Curuzu, uma referência para a comunidade negra. Sendo o candomblé o núcleo político mais forte de resistência negra, as religiões de origem africana se recriaram no Brasil e se tornaram uma importante ferramenta para o movimento político e cultural negro. Ela se recriou e se difundiu entre os movimentos negros.

O candomblé é extremamente complexo, criando laços profundos de parentesco. A religião não te dá apenas o papel de fiel ou adepto, mas te proporciona laços de família, pois a relação é de mãe, filhos, irmãos e assim por diante. Para uma *Iyalorixá*, ser mãe de tantos filhos traz



Mãe Hilda, Maria de Lourdes Siqueira e Dete Lima. Fonte: Acervo pessoal da família.

consigo inúmeras tarefas. No candomblé se nasce de novo, e um filho recém-nascido exige cuidados especiais; é necessário ensinar o culto, como agir, o que fazer, uma hierarquia complexa, que foge às regras vividas fora do Acé. E é assim, ensinando e aprendendo, que as religiões de matrizes africanas se recriam a cada dia.

Ser uma liderança religiosa traz consigo muitas influências; desde a solidariedade africana, muitas identidades étnicas dos diferentes povos que vieram do continente africano, o sentimento materno, além de valores que cercam o candomblé. Foi essa experiência interna, da vivência de *Iyalorixá*, que fez de Mãe Hilda uma liderança cultural e política.

O candomblé

A **RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA** possui diversas faces, inúmeras formas de se manifestar. Na Bahia é chamada de candomblé, e em cada parte do país possui um nome diferente, mas, independente da denominação, as religiões de matriz africana possuem características múltiplas:

O termo *candomblé*, abonado nos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, é de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas *santos* ou *orixás* e associados ao fenômeno da possessão ou transe mística. [...] procurando definir a religião de um ponto de vista socioantropológico, as dificuldades próprias de várias outras construções não empíricas e hipotéticas da antropologia. (Lima, 2003, p. 17)

O termo *nação* surge como uma forma de identificação geográfica dos africanos que chegaram ao Brasil. Entretanto, essas denominações mudam de acordo com o local em que estes desembarcaram no país. Em cada designação estão embutidos os aspectos culturais e religiosos de cada um desses grupos étnicos; o uso destas nomenclaturas é fundamental para a compreensão da religiosidade afro no Brasil. A expressão ‘nação de candomblé’ permanece viva até os dias de hoje, pois foi adotada como forma de distinguir as formas de prática das religiões de matriz africana no Brasil. No processo de formação



Todos os valores de uma raça estão presentes



Mãe Hilda. Fonte: Acervo pessoal da família.

de uma identidade étnica no candomblé da Bahia, três importantes nações africanas ganharam maior destaque e sobrevivem firmemente, são elas Angola, Ketu e Jeje. A partir da definição, essas diferenças se acentuam ainda mais na religiosidade baiana, principalmente por parte dos nagôs ou ketus, como ficaram conhecidos, com um discurso de auto-afirmação de religiosidade pura, sem interferência alguma das outras duas nações:

Os povos fons e iorubás, ambos também denominados sudaneses, ficaram conhecidos no Brasil como jejes e nagôs respectivamente.

Os jejes, provenientes sobretudo do reino do Daomé, Costa da Mina, trouxeram o culto aos Voduns. (Schumaher; Brazil, 2007, p. 109)



Mãe da Liberdade



Mapa colorido com as cores da bandeira do Benin,
por Olinchuck. Fonte: Adobe Stock Images



A Nação Jeje Savalu

ENTRE AS TRÊS NAÇÕES citadas anteriormente, destaco o Jeje, que possui ainda outras ramificações, nas quais estão o Jeje Savalu e Jeje Mahi. A Cacunda de Iaiá pertencia ao Jeje Savalu, tradição à qual Mãe Hilda se dedicou por toda a sua vida, e foi este quem deu origem ao Acé *Jitolu*, o terreiro Jeje Savalu do Curuzu. Mas quem são os jejes? De acordo com Parés (2007), o termo “jeje” aparece documentado pela primeira vez na Bahia nas primeiras décadas do Setecentos para designar um grupo de povos provenientes da Costa da Mina. Assim, os jejes têm sido usualmente identificados, ao menos a partir do século XIX e, posteriormente, na literatura afro-brasileira, como daomeanos, isto é, grupos provenientes do antigo reino de Daomé.

O candomblé Jeje no Brasil se difundiu em lugares específicos e a Bahia foi um dos estados em que a nação ganhou força. Dividiu-se entre Salvador e o Recôncavo Baiano, este último justamente de onde vem a Cacunda de Iaiá, e onde nasceu Mãe Tança, mais precisamente em Santo Amaro da Purificação. Apesar de ser uma única nação, o jeje possui ramificações, como lembra Parés (2007), pois associadas ao termo “jeje” persistem até hoje denominações de identidades étnicas mais restritas como jeje-marrim (mahi), jeje-dagomé, jeje-savalu e jeje-mundubi (mondobi). Uma vez mais, vislumbra-se uma *identidade multidimensional* baseada em diálogos externos (de fora para dentro e de dentro para fora) e internos (de dentro para fora) (Parés, 2007).

Geograficamente, *Savalu* ou *Savalou* é uma pequena cidade da República do Benim, antigo Daomé, onde existe um centro religioso dedicado à *Nanã Buruku*⁹. Coincidência ou não, este é o *Vodum* de Mãe Tança, mãe espiritual de Mãe Hilda. *Savalu* vem de *Savé*, que era o lugar onde se cultuava *Nanã*. Lima (2003) descreveu com detalhes o lugar de origem dos jejes que vieram para o Brasil:

9 Nome de um Vodum feminino, Deusa da vida e da morte.

Sobre o termo *jeje*, não há dúvida que o mesmo se refere aos grupos étnicos do Baixo Daomé – especialmente os fon e os gu. Uma vasta literatura de viajantes, missionários e administradores de colônias desde o século XVIII abona a forma *jeje*, em suas várias transcrições, e o linguistas e historiadores desde o século XIX reconhecem o termo como referente aos daomeanos meridionais. (Lima, 2003, p. 22)

Na Bahia são poucos os terreiros da nação *Jeje*. Entre eles, ganharam maior realce o *Zoogodê Bogum Malê Rundô*, de tradição *Jeje-Mahi*, no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador; e o *Hùnkápámè Ayono Huntoloji*, em Cachoeira. Entretanto, quando se refere ao *Jeje-Savalu*, destaca-se a *Cacunda de Iaiá*, fundada por Sinfrônio Élio Pires, em Salvador, onde atualmente é o bairro de Nova Sussuarana. O terreiro tem suas raízes em Santo Amaro da Purificação. No entanto, ainda são poucas as pesquisas sobre o *Jeje-Savalu* na Bahia; são muitos os segredos que envolvem esta nação, que deixou poucos filhos. Entre os terreiros pertencentes a ela estão: o *Acé Jitolu*, no Curuzu, o *Hunkpame Savalu Vodun Zo Xwe*, também no Curuzu, em Simões Filho.

A presença feminina no candomblé da Bahia

A PRESENÇA FEMININA NOS candomblés da Bahia ainda é um tema atual nas pesquisas. Foram muitas as *Iyalorixás* que se fizeram conhecer mundo afora. São as mulheres as responsáveis pela manutenção do Acé na Bahia e no Brasil; a elas está atribuída a fundação dos mais tradicionais terreiros de candomblé do estado. Mulheres que, seguindo a tradição africana, se dedicaram, deram suas vidas pela valorização da cultura afro-baiana:

O olhar para a multifacetada identidade social e cultural do Brasil passa necessariamente pelo pensamento sobre a intensa participação das diferentes expressões de religiosidade em sua composição e, nestas, a presença capital das mulheres, sejam elas de origem indígena européia ou africana. Todas contribuíram, como vem fazendo até hoje, para a educação, sociabilização e propagação de valores humanos fundamentais. No que diz respeito à devoção feminina, o



mosaico formado pelas sacerdotisas das religiões de matriz africana, o das mães-de-santo, reveste-se de especial ênfase em razão do contexto histórico no qual sua atuação se deu e das múltiplas esferas sociais em que esta se inscreveu.

As práticas religiosas agregaram e mantiveram incontáveis agrupamentos afro-descendentes em torno dessas mulheres. A despeito da imposição hegemônica da religião católica romana e do extenso período de trevas do regime escravocrata, essa peculiar centralidade significou, entre outros aspectos, a perpetuação de algumas manifestações culturais coletivas que viriam se tornar marcas inconfundíveis de brasiliade. Apesar de enfrentarem perseguições extremas durante séculos, as comunidades negras organizadas ao redor destas sacerdotisas, as chamadas famílias de santo, foram capazes de resistir e preservar vivas suas cosmogonias, seus ritos e símbolos de imensurável valor. (Schumaher; Brazil, 2007, p. 107-108)

É notória a participação das mulheres na preservação das religiões de matrizes africanas no Brasil. São lideranças que possuem uma força diferenciada, descendentes de grandes guerreiras africanas:

[...] no Brasil, como em outros pontos do planeta, vivem mulheres que são descendentes de Héstia; sua ascendentes são Iansã, Euá, Nanã, Oxum, Iemanjá. São as mulheres afro-descendentes. A memória do vido dessas mulheres é nítida, clara. Lembram de detalhes de sua vida, dos grupos a que pertencem no presente. As lembranças herdadas também fazem parte de suas memórias e, sobretudo, dizem que gostam de lembrar. (Bernardo, 2003, p. 32)

São mulheres que compartilham a maternidade biológica e espiritual, desenvolvem papéis importantes na luta pela igualdade racial e pela igualdade de gênero em uma sociedade patriarcal.

É assim que as Mães de Santo – por conta das peculiaridades decorrentes do processo simbiótico que experimentam ao longo da vida, qual seja, sacrifício / ofício / benefício – misturam, sem qualquer constrangimento, afeto e autoridade, domicílio e terreiro, comida e força

de espírito, dança e oração, festa e reclusão, tudo numa experiência onde a *maternidade* (fora da biologia) e um quê de matriarcado (dentro da sociedade patriarcal), as transforma, a cada dia, em sujeitos míticos de políticos que com habilidades e competências específicas — se articulam com outros seres (espirituais e sociais) com quem compartilham sentimentos de pertença, em termos de raça e de fé, e professam sua crença, preservando sua cultura, gerenciando conflitos e contribuindo para a transformação de vida de filhos e filhas de santo que, através de uma relação profundamente afetiva (e igualmente poderosa), encontraram nestas mulheres uma fonte da qual emanam orientação, bênção, estímulo e disposição para a luta, inclusive a luta social em defesa de suas raízes e herança cultural, que constitui o maior patrimônio do qual emergem os fundamentos e as estratégias de combate à intolerância, ao racismo e à desigualdade social na qual estão inseridos/as e contra as quais lutam apaixonada e permanentemente. (Silva, 2013, p. 34)

Há um misto de responsabilidades ao assumir o cargo de líder espiritual de uma religião de matriz africana. Ser uma liderança consiste não somente em guiar seus filhos na religião, mas também aconselhá-los, cuidar de cada um, zelar por eles e sobretudo por seus *Voduns*. Ser Mãe de Santo na Bahia é o mesmo que assumir um cargo social e político.

Registros

A PESQUISA TEVE INÍCIO com uma minuciosa investigação nos documentos familiares. A grande maioria dos registros que apresento neste livro estavam em mãos da própria família, pois foram guardados por muitos anos com Mãe Hilda. Após sua morte, estavam em posse de minha tia — Hildelice Benta — na casa onde reside, na ladeira do Curuzu. Logo que dei início à pesquisa, recolhi todos e organizei em uma pasta, seguindo como critério a data destes. Entre eles, havia os documentos pessoais dela, como RG e CPF; certidões de óbitos de familiares; recibos de pagamentos; listas de contribuições dos filhos de santo do Acé Jitolu; documentos da Federação do Culto Afro, entre outros. Significativa parte



destes documentos está anexada neste livro.

Os documentos da *Cacunda de Iaiá* (Terreiro de Mãe Tança) estão em posse de um dos seus netos — Raimundo Nonato Cerqueira. Ele cedeu toda a documentação necessária, como o registro de compra e venda do terreno, que por anos abrigou a *Cacunda de Iaiá*. Bem como o *Diário Oficial do Estado* em que foi publicada sua desapropriação.

Realizei pesquisas também em jornais impressos da capital baiana, no acervo da Biblioteca Central da Bahia e da Biblioteca Mãe Hilda, na Senzala do Barro Preto — sede do *Ilê Aiyê*. Busquei matérias de periódicos variados como o *Correio*, *A Tarde* e *Tribuna da Bahia*, além da *Revista Raça*.

Mãe Hilda foi lembrada também em muitos livros publicados já nos primeiros anos deste século, que falavam sobre mulheres negras, ou mulheres de um modo geral. Entre eles destaco *Mulheres Negras do Brasil*, *Mulheres de Axé*, e outros, que vou apresentando no decorrer do trabalho.

Documentação Visual

ANALISEI FOTOS DE MÃE Hilda no acervo do *Ilê Aiyê* e da família, que possui um grande número de registros de imagens, porém não há retratos de sua juventude, ou da infância e adolescência de seus filhos. Atribuo a falta destes à pobreza da família, já que, naquela época, essa tecnologia era um privilégio de poucos. Pesquisei também em publicações na internet, já que momentos significativos de sua vida foram divulgados em veículos importantes da imprensa baiana. Tendo em vista que a internet se tornou um meio acessível e rápido, tais registros estão ao alcance de todos. Estes aparecem identificados no texto.

Outra ferramenta importante que utilizei para coletar mais informações foram as entrevistas dadas por Mãe Hilda para a TVE. Percebi que a emissora, ao longo dos anos, reuniu um extenso material sobre ela, bem como falas de personalidades a seu respeito. Algumas foram transcritas e incluídas no texto.



Flor bela abriu
nossas janelas¹⁰



Da Quinta das Beatas ao Curuzu

As origens

ESSA HISTÓRIA TEM INÍCIO em 1923, mais precisamente no dia 6 de janeiro, no bairro Quinta das Beatas, em Salvador, onde nasceu Hilda dos Reis Dias, filha de Benta Maria do Sacramento e Aniceto Manoel Dias. A Quinta das Beatas recebeu este nome porque uma freira católica era proprietária de grande parte das terras da região, e está localizada entre os bairros de Luís Anselmo e Brotas. Porém, na década de 1960, com a chegada do advogado e político Cosme de Farias, o bairro recebeu o seu nome, como forma de homenagem ao bacharel que ficou conhecido como "Advogado dos Pobres".

Mas que Bahia é essa da década de 1920? Não é possível contar essa história sem antes descrever o estado. Sua população em 1920 contava com 3.334.465 habitantes, divididos entre brancos, negros e mestiços; naquele período já era notável uma maior presença de descendentes de africanos, dentre eles, nossa menina Hilda. A região vivia um atraso econômico, quando comparada a São Paulo e Rio de Janeiro. Poucas novas indústrias foram firmadas no estado após 1920, já que as regiões mais prósperas, Sul e Sudeste, atraíam os investidores.



Pode-se dizer que Salvador estagnou durante as primeiras quatro décadas do século XX. A cidade permaneceu como um entreposto comercial para a região, mas poucas novas atividades econômicas se desenvolveram até a decolagem promovida pela Petrobrás nos finais dos anos 1940. Tendo em vista a situação econômica do estado no período, é possível ter uma ideia da posição social da família de Hilda, posto que a cor da pele era um fator determinante, "já não existe senzala, mas a ordem que se mantém guarda muita coisa da escravidão, devido à ausência de substanciais alterações na estrutura produtiva, no perfil ocupacional", como afirmou Bacelar (1994).

Neta de africanos, Hilda nasceu 35 anos após a abolição da escravidão no Brasil. Em meio a uma Bahia de economia desgastada, com pouco a ofertar aos seus habitantes, como afirma Bacelar (1994), quando diz que Salvador sai da escravidão e do Império sem grandes mudanças na sua ordem econômica e social e assim permanece por mais de 50 anos de República. Ele lembra que a cidade permanece fiel à sua função portuária e à sua vocação mercantil condicionada pela importância da agricultura de nossos produtos primários, sobretudo o cacau, mas também o fumo, o açúcar, o sal, a piaçava, os couros, na simbiose do capital urbano e agrário, e o comércio grossista, importador de mercadorias de outros países ou estados brasileiros para atender às necessidades de consumo local.

Nesse contexto tem algo muito difícil de lidar: o racismo, como afirma Bacelar, o qual foi "construído no dia-a-dia, através das representações, com a atualização das expressões e estereótipos da escravidão ou da africanidade" (1994, p. 29). Foi nessa realidade que nasceu Hilda, sem nenhuma perspectiva de crescimento ou ascensão social. Apesar de muitos afirmarem o oposto, que no Brasil e na Bahia se vivia uma democracia racial, "a Bahia sofre por mais de meio século um processo contínuo de regressão pela perda de força e prestígio no plano econômico e político nacional, [...] apresenta um avanço no exercício do poder de dominação sobre os grupos subalternos da sociedade. Um exemplo para o mundo." (1994, p. 23).

Os nomes dos avós africanos de Hilda foram ignorados nos documentos dos seus pais, dessa forma, construir a genealogia desta família torna-se quase impossível. A falta de registro da família está ligada também à



sua situação econômica; por ser de origem humilde, não existem muitos documentos, nem fotografias do período citado, tendo em vista que esses “privilégios” eram para poucos, como afirma Woortmann, para ele, “a elite tem uma maior consciência genealógica, seja porque o parentesco é um importante indicador de status, seja porque seus membros têm maior conhecimento dos laços genealógicos.” (1987, p. 170).

Apesar do acesso aos documentos existentes na família, são muitas as lacunas ali encontradas. Precisar datas e até mesmo anos, como as mudanças de bairro até chegar ao local onde passou a maior parte da sua vida, o Curuzu, ou encontrar os nomes dos antigos membros da família, se tornou cada vez mais difícil. A própria Hilda, no auge dos seus 84 anos, quando realizei entrevistas para o meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2007, lembrou muito pouco dessa parte importante da sua história de vida. Ainda na infância, viu seus pais se separarem e continuou ao lado de sua mãe. Hilda não soube dizer por quanto tempo seus pais viveram juntos ou se de fato chegaram a conviver maritalmente por algum tempo. Para Woortmann, “a vida familiar e o funcionamento das redes de parentesco estão estreitamente associadas, entre os primeiros, à pobreza e a instabilidade financeira das famílias negras de Salvador” (1987, p. 33).

Apesar de ser a única filha do casal, Hilda é a segunda filha de Benta, a primeira seria Olga dos Santos Vieira. As três conviveram em meio a outros membros da família, como tios e primos. Benta tinha um irmão e uma irmã, ambos vieram a falecer prematuramente, o que fez com que ela criasse alguns dos seus sobrinhos, de forma que os vizinhos, por exemplo, não sabiam quem era filho de quem, todos acabaram sendo criados como irmãos. Woortmann (1987) aponta tal prática como exemplo da complexidade e ambiguidade do conceito de família, em que, para ele, a “família” pode significar muitas coisas: pode designar a família doméstica seja de socialização ou de procriação; pode representar uma parte do “kindred” ou a rede de parentesco; ou pode significar a “árvore genealógica”. Este último conceito raramente está presente na consciência do pobre cujas concepções de parentesco não possuem uma “orientação de profundidade”; ele surge com frequência nas elites sociais e em certos setores da classe média (1987, p. 59–60).

Essa complexidade da família brasileira está retratada na da jovem Hilda; passei a minha infância e adolescência tentando descobrir quem

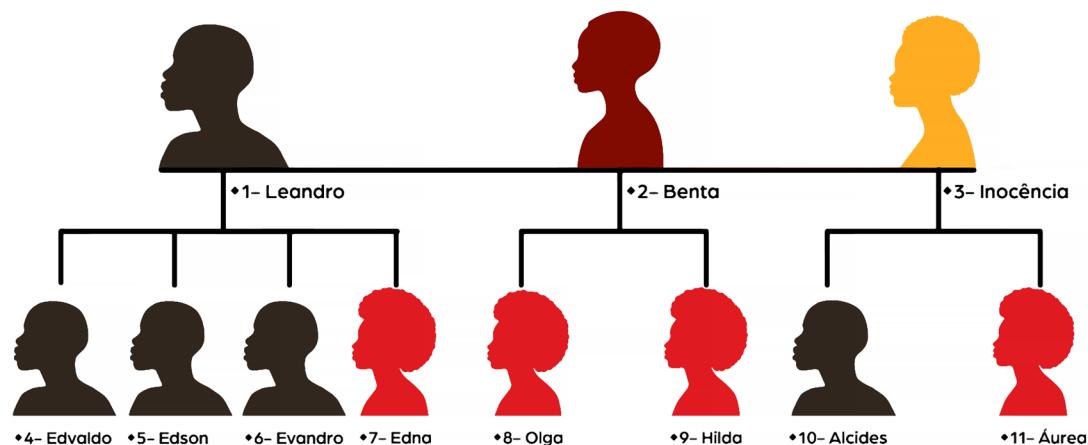


de fato era parente e quem não era, só agora pude compreender e ordenar. Mas as relações de parentesco não acabam por aí. Hilda tem também dois irmãos por parte de pai, um homem e uma mulher, sendo que conheceu ainda na infância o irmão, Vivaldo, com quem teve uma relação muito próxima, e, segundo os filhos de Hilda, ele costumava ajudar muito a família. A outra irmã, de nome desconhecido, só foi possível conhecer bem mais tarde, no Rio de Janeiro, após uma longa busca.

Para entender melhor a estrutura familiar, segue abaixo a árvore genealógica da família materna de Hilda.

Irmãos maternos

Árvore genealógica da Família Materna de Hilda.



1. Leandro Francisco Sacramento (Irmão de Benta)
2. Benta Maria do Sacramento (Mãe de Hilda)
3. Inocência Sacramento (Irmã de Benta)
4. Edvaldo Francisco (Primo de Hilda)
5. Edson Sacramento (Primo de Hilda)
6. Evandro Sacramento (Primo de Hilda)
7. Edna Sacramento (Prima de Hilda)
8. Olga dos Santos Vieira (Irmã de Hilda)
9. Hilda dos Reis Dias
10. Alcides (Primo de Hilda)
11. Áurea (Prima de Hilda)



A matriarca chega ao Curuzu

HILDA NASCEU NA QUINTA das Beatas, porém logo se mudou com a família para um lugar chamado Alto do Pirineu, no bairro da Cidade Nova, em 1928, onde fizeram grandes amizades. Em 1933, com apenas 10 anos de idade, finalmente Hilda chega ao Curuzu, local em que passou o resto da sua vida:

Mamãe comprou a casa, e aí reformou, e a gente veio pra cá. Era de barro e de taipa, tinha que fazer um barro pra botar na parede, enterrava a cumeeira no canto da casa, o que hoje chama pilastra. Eu vim com mamãe, titia, meus primos, nem me lembro de todo mundo. Antes a gente morou na Cidade Nova, num lugar chamado Alto do Pirineu. (Hilda Dias dos Santos, 2007, apud Lima, 2007¹¹)

É possível precisar a data de chegada de Hilda e sua família no Curuzu pelo documento encontrado em posse da família, um “Projecto de Residência¹²” (Anexo B), com data inicial de 24 de janeiro de 1933, assinado pela Diretoria de Engenharia Municipal, na pessoa de L. Siqueira Menezes. O terreno em que moravam pertencia à Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, sendo pago aluguel deste. Em meio aos documentos pude localizar alguns dos comprovantes de pagamento, entre eles o mais antigo, datado de 09 de abril de 1973, e o mais recente, de 02 de junho de 1992.

Desse período são poucas as lembranças; as entrevistas feitas com a própria Hilda e as realizadas atualmente com uma grande amiga de Hilda, conhecida como Dona Marota (Eunice Freitas dos Santos), que foi agregada à família por algum tempo, quando residiu na casa de Hilda com sua mãe. Ela lembrou com muito carinho daquele período:

11 Entrevista realizada em 2007 para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Mulher, Negra, Mãe... Bahia*.

12 Documento que informa medidas do terreno e modelo de como seria construída a casa.

Minha mãe era comadre da mãe de Hilda, tanto que elas se mudaram pra cá, a gente um bocado de tempo sem se ver, ela comprou essa casa aqui, quando eu estava mocinha a gente se encontrou de novo. Eu vim morar aí mais minha mãe, junto com a mãe dela, na mesma casa. Aí a gente continuou o parentesco, eu chamava a mãe dela de tia. Depois eu me casei, ela se casou, a gente ficou aqui, ela embaixo e eu aqui mesmo. (Eunice Freitas, 2012, apud Lima, 2014)

As duas se conheceram quando ainda eram crianças, ambas com cinco anos, divertiram-se muito juntas, "era como eu e outra criança qualquer, festeira... a gente saía no Baile Pastorinho, daqui do Curuzu a gente se divertia muito", recordou Dona Marota.

Na década de 1930, quando a família de Hilda chegou ao Curuzu, a Bahia vivia um importante momento para a cultura afro. Foi quando aconteceu na Bahia o II Congresso da Cultura Afro-Brasileira, organizado por Edison Carneiro, em 1937. Nessa época, Hilda tinha pouco mais de 10 anos de idade quando esses importantes passos da cultura baiana foram dados. Hilda ainda não sabia, mas era também o seu destino que começava a mudar. Pois as questões discutidas naquele momento na Bahia seriam determinantes para o seu futuro.

Mesmo com a Revolução de 1930, a região Nordeste estava entre as que ganharam pouca atenção por parte dos políticos e tiveram seus problemas sociais agravados. A família de Hilda viveu esta realidade; sua mãe, Benta, não tinha um emprego formal, trabalhava vendendo cocadas e outros doces nas ruas da cidade. Era desse trabalho que ela tirava o sustento da família, segundo Hilda, com muitas dificuldades. O pai, Aniceto, trabalhava como estivador no Porto de Salvador, profissão seguida também pelo seu filho Vivaldo.

Segundo suas amigas Marota e Luiza, outra grande amiga da juventude, Hilda soube aproveitar bem a sua juventude no Curuzu; ela era muito vaidosa e gostava muito de dançar. Trabalhava no Trapiche Nestor Aires, no bairro do Comércio, e dividia a sua rotina entre o trabalho e o lazer, como lembrou Luiza dos Santos: "ela só fazia trabalhar e dançar, ela gostava muito de dançar, ela dançava ali no Barão do Desterro, um clube que tinha ali na Baixa dos Sapateiros, hoje em dia é uma loja. Todo sábado eu tinha que fazer um vestido pra ela, ela só queria dançar,



dançar..." (2012). Dona Marota também se lembra de muitos detalhes dessa história, da sua vaidade e de quando começou a trabalhar: "ela gostava muito de festa, andava bonita minha filha, quando ela ficou moça, que foi trabalhar lá no Comércio, ela trabalhava ali na Água Brusca, ela e Waldemar, ele trabalhava lá também, naquele Trapiche" (Eunice Freitas, 2012).

Foi no trabalho que Hilda conheceu seu futuro marido, Waldemar Benvindo dos Santos, que também era funcionário do Trapiche. Não se sabe ao certo em que ano eles se conheceram, mas segundo suas amigas Marota e Luiza, ele foi provavelmente o único namorado da jovem. O que parece ser verdade, já que tudo isso antecede à sua iniciação religiosa, que aconteceu quando ela tinha 19 anos de idade, mas volto a falar do namoro e do casamento mais à frente.

O Renascimento

INICIOU-SE NO CANDOMBLÉ¹³ aos 19 anos por motivos de saúde — o que é um meio muito comum de acesso à religião ainda hoje, já que esse tipo de caminho é recorrente em diversas histórias, como afirma Lima: "o fator mais frequente nessas histórias é a doença. Muitas vezes distúrbios nervosos e de comportamento, mas estes são quase sempre racionalizados pelos informantes de uma maneira eufemística ou evasiva" (2003, p. 67).

Apesar de ter uma família ligada ao candomblé, segundo Luiza, Hilda não queria firmar um compromisso com a religião. Durante sua adolescência, sua mãe foi quem cuidou das pequenas obrigações que eram feitas para agradar o seu *Vodum*, porém, chegou o momento que as cobranças foram mais fortes, e ela teve que ceder e fazer o santo:

Ela não queria saber de candomblé, a finada Benta era quem dava comida ao santo dela todo ano. Quando o santo não respondeu mais assim, ela não tem a perna inchada? Foi sem ferida, sem nada,

¹³ Renascimento através da consagração a um *Vodum/Orixá*, que envolve um longo período de reclusão.

aí foi que deu aquilo na perna dela, ficou deformada a perna, aí ela sumiu. Mas ela dançava, só queria saber de dançar, todo sábado. Ela desmaiava muito. Quando não teve mais jeito, ela teve que fazer o santo dela. Nesse tempo não tinha casa ali, era só roça, tinha muito mato. (Luiza dos Santos, 2012, apud Lima, 2014)

Segundo Hilda, sua adolescência foi bastante conturbada, com muitos problemas de saúde e frequentes idas ao médico. Em uma dessas idas e vindas, “um médico me disse que eu tinha era que procurar um centro pra me cuidar, porque o meu problema não era de médico não”, afirmou. Apesar da família da jovem Hilda ser ligada ao candomblé, a preocupação de sua mãe com relação à sua iniciação era muito grande, pois tinha muito medo da responsabilidade que sua filha assumiria a partir dali, assim como as demais integrantes de sua família biológica:

Eu entrei no Candomblé porque eu era uma pessoa muito doente. Podia sentir-me mal em qualquer lugar, tanto fazia estar na alegria como na tristeza. E por esse motivo, indo pro médico e não tendo solução, eu fui parar realmente num lugar que praticamente apesar de meus parentes serem todos de Candomblé, e eu já ter o meu começo, mas que não eram de acordo que eu entrasse, mas eu fui me bater na casa de uma pessoa, aí me tratou, daí pra cá eu fiquei boa, fazendo o santo e assumindo. (Siqueira; Silva, 1997, p. 9)

Enquanto Ruth Landes realizava suas pesquisas na Bahia para escrever o livro *A Cidade das Mulheres*, Hilda era uma jovem de 15 anos de idade, e ainda não sabia que se tornaria uma *iyalorixá*¹⁴. Enquanto Landes (1967) falava sobre uma cidade dominada pelas mulheres, no quesito religiosidade de matriz africana, essa jovem apresentava sinais de que deveria ser feita no santo¹⁵, algo muito complexo ainda para ela. Já naquele momento, parte da imprensa escrita da Bahia falava sobre o candomblé e mostrava detalhes da vida de importantes *iyalorixás*, como

14 Sacerdotisa do candomblé do sexo feminino.

15 Iniciada no candomblé.



o caso de Mãe Aninha, que abriu as portas de sua casa para Ruth Landes desenvolver suas pesquisas e dar início a discussões sobre a presença e poder das mulheres na manutenção das religiões afro-brasileiras na Bahia.

Foi na Nação Angola que a filha de Obaluáê foi iniciada pelo Babalorixá¹⁶ Cassiano Manoel Lima, no bairro da Caixa D'Água. Nesse contexto, utilizei o conceito de Nação desenvolvido por Lima (2003), que passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia. Hilda foi feita em um barco¹⁷ de três iaôs¹⁸, sendo ela de Azonsu (Obaluáê) e mais duas de Oyá (Iansã). Ela foi a Dofona¹⁹ do barco e suas irmãs de santo, Joana e Josefa, foram Dofonitinha²⁰ e Fomo²¹, respectivamente. A celebração principal da iniciação de Hilda e suas irmãs de barco ocorreu no dia 24 de dezembro de 1942. Sua amiga Luiza lembra dessa época com detalhes:

Quando não teve mais jeito, ela foi fazer o santo, quem fez o santo dela foi Cassiano. Ela foi levada por alguém, nesse tempo não tinha casa ali, era só roça, muito mato e uma ou outra casa de candomblé. Ela sumiu, depois de tanta agonia, desmaiaria, aquilo tudo. Ela não queria que ninguém soubesse, ela só veio depois que cresceu o cabelo, não era pra ninguém saber que ela tinha feito o santo. Não veio de saia, de quelê, nem com pano amarrado na cabeça, passou o resguardo todo lá. Ela não queria fazer. (Luiza dos Santos, 2012, apud Lima, 2014)

16 Nome dado ao Sacerdote do candomblé do sexo masculino.

17 Organização de um subgrupo composto por noviços [...] o termo parece de origem fon, mas não deve ser traduzido, ou entendido, como sinônimo de embarcação ou navio, pela sua homo fonia com o termo da linguagem de santo, embora assim pensem alguns autores" (Lima, 2003, p. 70).

18 "Iaô é o primeiro grau, por assim dizer, de um longo caminho de promoções e de cargos, de responsabilidade, de conhecimento e de poder. [...] A palavra iaô provém do iorubá iyawo (iauô), que significa a esposa mais nova nos sistemas familiares poligínicos dos iorubas." (Lima, 2003, p. 73).

19 O primeiro iniciado do barco de iaôs.

20 O segundo iniciado do barco de iaôs.

21 O terceiro iniciado do barco de iaôs.



No momento de sua iniciação, o adepto recebe um novo nome, denominado *Orunkó*²². O de Hilda foi *Jitolu*. Abaixo descrevo o significado da palavra *Jitolu*:

Ji – Aquele que acorda ou vem

To – Força, intensidade

Lu – Terra

Dessa forma, o significado é “Aquele que vem com a força da terra”.

Hilda era filha de *Azonsu* (*Obaluaê*) e o seu *juntó*²³ era *Tobossi* (*Oxum*). É importante informar as características de cada um desses:

Azonsu / Obaluaê: O filho do santo, o rei e proprietário da terra, aquele que tem o dom da cura, aquele que tem o dom do conselho. Aquele que cria, renova, reorienta o sentido das diferentes dimensões da vida e da espiritualidade. *Obaluaê* é também *Omolu* mais usado no *Ketu/Nagô*.

Obaluaê é o principal responsável pela saúde. Médico que cuida do corpo e da alma das pessoas, por isso tem poderes inimagináveis. Ele desperta nas pessoas o dom da renovação, do crescimento, do trabalho, da reflexão, da crença no sagrado, no divino, na esperança e coragem de acreditar no seu orixá e acreditar na vida. As pessoas crescem sob o poder e orientações das lições de *OBALUAIYÊ*.

Tobossi / Oxum: As terras de *Oxum* ficam nos tradicionais vergéis do Golfo do Benin, hoje Nigéria. *Oxum* tem suas lendas, seus kekés, seus bantés, suas jóias, suas sedas, seu colorido amarelo-ouro, seus perfumes, a precisão dos seus passos, dizendo a sua verdade a todos os cantos, com sua voz entre tons graves e agudos segundo a circunstância que a missão solicita, sempre guiada por *OLORUM*, inspirada por *IFÁ*. (*Ilê Aiyê*, 2004, p. 09)

22 Significa “eco do céu”. É o nome que todos os orixás/voduns obrigatoriamente têm que ecoar no dia especial, chamando o nome do santo em público. Também é o nome que todos os iniciados recebem depois da sua iniciação.

23 É aquele que forma par com o primeiro *Vodum* do adepto do candomblé. É o segundo *Vodum* cultuado após a iniciação.



Porém, Pai Cassiano veio a falecer no dia 14 de dezembro de 1944, e a perda prematura desse Sacerdote fez com que ela tivesse que buscar uma nova casa para dar continuidade às suas obrigações religiosas. Passado algum tempo de sua morte, Hilda procurou ajuda e logo foi acolhida pela nação *Jeje Savalu* através da *Iyalorixá* Constança da Rocha Pires.

Mas Pai Cassiano deixou uma grande herança para sua filha Hilda, além do conhecimento que lhe foi passado e da dedicação que recebeu durante os dois anos de convivência de pai e filha. Ela recebeu a missão de cuidar do *caboclo*²⁴ de seu Pai, denominado *Dangolá*, o qual é cultuado ainda hoje por sua sucessora no cargo de *Iyalorixá*.

A família cresce

ANTES MESMO DE FAZER o santo, Hilda já namorava Waldemar. Os dois se conheceram no Trapiche Nestor Aires, enquanto ela era uma funcionária da confecção de vassouras de piaçava e ele era responsável pela contabilidade da fábrica. Como lembrou o filho mais velho do casal, Antonio Carlos dos Santos Vovô,

Mãe trabalhou no Trapiche junto com pai também, mãe andava na moda, usava chapéu, era muito elegante, gostava de andar na moda. Já participou de grupo de mulheres que iam pro Rio de Janeiro uma vez pra reivindicar melhores salários, melhores condições de trabalho. Ela trabalhou vinte e um anos no Trapiche, ela e pai. Pai trabalhava no escritório, fazia a parte de contabilidade. Pai era muito rápido em conta, porque ele fazia folha de pagamento na mão, ele tinha uma letra muito bonita, parecia letra de fôrma. (Antonio Carlos dos Santos Vovô, 2013, apud Lima, 2014)

Hilda e Waldemar viveram maritalmente por muitos anos até se casarem oficialmente (Anexo B), o que é muito comum nas famílias de baixa renda. Woortmann (1987) nos lembra que o casamento formal tende a

ocorrer quando o casal já viveu junto por alguns anos, e parece estar relacionado à capacidade do homem em "prover" a família; logo, a maior parte dos casamentos formais corresponde a casais de meia-idade e a situações em que um emprego fixo permite ao marido assegurar estabilidade econômica à família.

Com Hilda e Waldemar a realidade não foi muito diferente; o casamento só veio a ocorrer após mais ou menos 20 anos de união. Não é possível precisar essas datas, a começar pelo início do namoro, é certo que o casal iniciou o relacionamento antes dos 19 anos de idade dela, com base nas entrevistas realizadas com suas amigas. Não existe nenhum documento em mãos da família que fale sobre o período de trabalho dos dois no Trapiche Nestor Aires.

Waldemar Benvindo dos Santos era um homem boêmio, já havia sido casado, e, desta união, tinha seis filhos: Izaura, Elisabeth, Creuza, Jorge, Aidê e Elza. Gostava muito de dançar, frequentava bailes e botecos, segundo relata Vovô, e, assim como a própria Hilda, ele dividia sua rotina entre o trabalho e o lazer:

Pai já tinha filhos antes, depois que se separou ele vinha muito pra aqui pro Curuzu. Aqui tinha um baile, ali onde é a casa de dona Meru, era o baile do Galo, ele vinha dançar no baile. Ele era amigo de João da Matança, um cara que tocava na rádio Sociedade, que era cantor, e as festas antigamente eram com violão, pandeiro, essas coisas. E pai cantava em seresta, tocava pandeiro, acompanhava João da Matança. Mas também se meteu em algumas confusões, ele veio aqui no Curuzu uma vez, quando ele saiu, uns caras vieram, um meteu-lhe a faca nele, ele sabia jogar capoeira, aí se defendeu, chegou gente e os caras correram. Tinha um cara chamado Sete Mola, que tinha uma bodega aqui, ele foi chegou no balcão molhou com cachaça, enrolou o braço, na outra semana ele voltou armado, ele usava navalha, mas os caras não apareceram mais. (Antonio Carlos dos Santos Vovô, 2013, apud Lima, 2014)

Após a união, os filhos demoraram a chegar, e, na falta deles, Hilda, com toda sua vaidade, se unia a Waldemar e juntos se divertiam muito, como contou dona Marota: "ela andava toda bonita minha filha, eu já tava de



filho e ela não tinha filho, ela ia pro carnaval e ainda ficava chicanando de mim, subia mais ele e dizia assim 'vumbora Marota', e eu com aquela dor, porque minhas duas filhas nasceram no mês de carnaval." (Eunice Freitas, 2012, apud Lima, 2014).

Não é possível saber em que ano Hilda e Waldemar passaram a morar juntos, porém o casal só teve o primeiro filho em 1952, mais de dez anos após o início do relacionamento, quando Hilda tinha 29 anos de idade. Eles chegaram a pensar que ela não poderia ter filhos, como recorda Dete, uma de suas filhas: "Ela achava que não podia ter filho, porque ela já estava com meu pai há mais dez anos. Quando ela começou a ter sintomas de gravidez, pra ela não era gravidez, era doença." (Hildete Valdevina dos Santos Lima, 2013, apud Lima, 2014).

Daí em diante os filhos começaram a chegar, foram seis: Antônio Carlos dos Santos, em 1952, Hildete Valdevina dos Santos Lima, em 1953, Vivaldo Benvindo dos Santos, em 1954, Hidelita dos Santos, nasceu entre 1955 e 1958, não se sabe exatamente o ano de seu nascimento e faleceu aos seis anos, Hildemaria Georgina dos Santos, em 1959 (faleceu em 2003, com 44 anos), e Hidelice Benta dos Santos, em 1960.

Com a chegada dos primeiros filhos, as dificuldades financeiras aumentaram. Como era comum entre as famílias pobres da época, os problemas eram muito grandes, o que, na verdade, refletia a situação econômica da Bahia. Salvador estagnou durante as primeiras quatro décadas do século XX, o que acabou por impactar diretamente a vida de Hilda e Waldemar. Eles viviam em uma casa humilde, na ladeira do Curuzu, como descreve o primogênito da família:

A casa era de taipa, só tinha de bloco a frente, de tijolo. Depois aos poucos foi mudando, tinham dois quartos, o quarto de pai e mãe era o da frente, aquela sala era um pouco menor. Essa área onde tem a televisão era aberta, o banheiro era do lado de fora, a gente tomava banho de cuia, não tinha água encanada, a gente carregava água da fonte lá em baixo, no chafariz.

Aqui tinha um pé de abacateiro, um pé de fruta pão também. Os quintais todos eram grandes, com muita árvore, tinha mangueira, de manga cavalo aqui, lá no fundo tinha bananeira, depois foi cortando, porque também tinha o perigo né, de cair na cabeça de alguém.

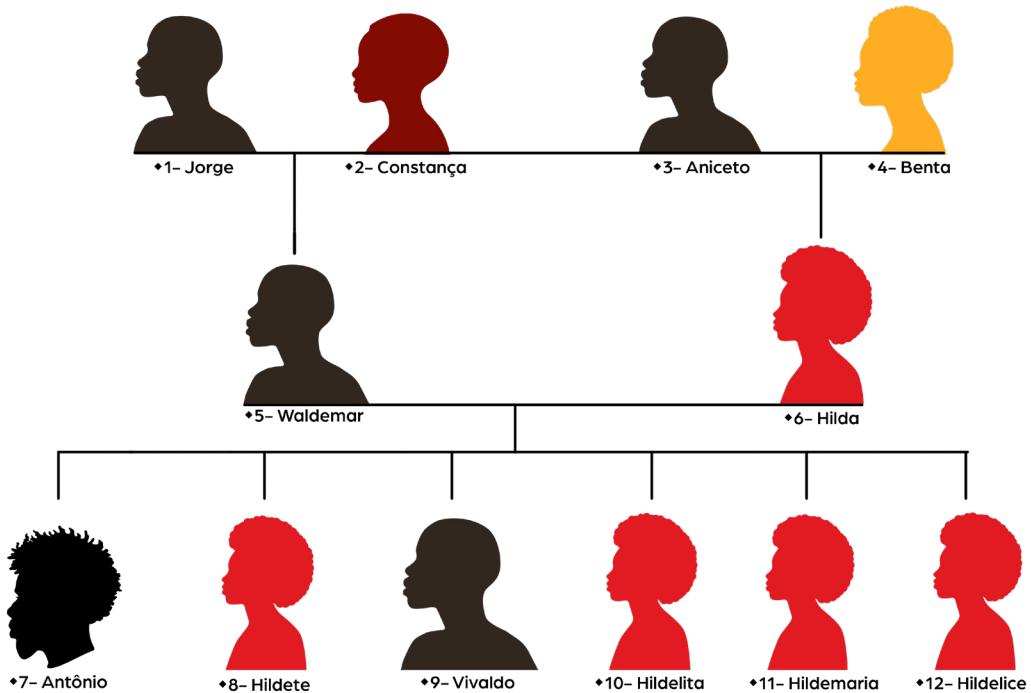
O formato da casa não mudou muito, só que a casa era de telhado, tinha a porta de madeira, uma janela na sala e tinha uma janela no quarto de pai mais mãe. Só tinha um quarto pra gente, dormia todo mundo no mesmo quarto. Era o quarto do casal, o quarto da gente e o quarto do santo. Era somente eu Dete e Vivaldo, Hildemaria foi logo pro Rio, depois veio Hidelice. (Antonio C. dos S. Vovô, 2013, apud Lima, 2014)

No ano 1950, o Trapiche Nestor Aires faliu, Waldemar ficou desempregado, e, com toda essa transição na Bahia, ele passou um tempo sem ocupação, já que não conseguiu outro emprego na indústria como o anterior, tendo em vista que Salvador passava por um momento difícil, como explica Santos: "em 1954, enquanto a indústria de São Paulo representava uma produção de 100 bilhões de cruzeiros, empregando 440.000 operários, as cifras relativas a Salvador eram 2 bilhões e 400 milhões de cruzeiros e 15.000 operários." (1959, p. 51).

Para sustentar a família, Waldemar assumiu um trabalho na Prefeitura de Salvador como varredor de rua, em 22 de abril de 1957, após a frustração de não conseguir emprego como estivador, que era a profissão de seu pai, devido à idade avançada para iniciar este tipo de trabalho. Na época ele já tinha mais de 35 anos, faixa etária em que não era mais permitido iniciar tal atividade. Em 1957, o casal já tinha quatro dos seis filhos que viriam a ter. O que o obrigou a trabalhar na única oportunidade que surgiu. Mas ele ficou pouco tempo varrendo as ruas, pois seu conhecimento com os números lhe deu a posição de fiscal.

Segundo Vivaldo, seu pai era homem de fortes valores, por isso mudou após a chegada dos filhos, e, de acordo com ele, era Hilda quem administrava a renda da família:

Pai era uma pessoa muito determinada, foi muito boêmio, bebia muito, eu não alcancei. Mas no dia que ele parou de beber, ele parou mesmo. Ele trabalhava e o dinheiro dele quem administrava era mãe, até roupa pra ele quem comprava era mãe, ele só tirava o dinheiro do cafezinho, do transporte e entregava o dinheiro a ela, era pouco na época, mas ela que administrava o dinheiro, a casa, com os filhos, pra educação, pra escola, pra tudo... (Vivaldo Benvindo dos Santos, 2013, apud Lima, 2014)



Árvore genealógica de Hilda e Waldemar.

1. Jorge Manoel dos Santos (Pai de Waldemar)
2. Constança Maria de Santana (Mãe de Waldemar)
3. Aniceto Manoel Dias (Pai de Hilda)
4. Benta Maria do Sacramento (Mãe de Hilda)
5. Waldemar Benvindo dos Santos (Marido de Hilda)
6. Hilda Dias dos Santos (Nome de casada)
7. Antonio Carlos dos Santos (Primogênito de Hilda)
8. Hildete Valdevina dos Santos Lima (Filha de Hilda)
9. Vivaldo Benvindo dos Santos (Filho de Hilda)
10. Hidelita dos Santos (Filha de Hilda)
11. Hildemaria Georgina dos Santos (Filha de Hilda)
12. Hidelice Benta dos Santos (Filha de Hilda)

Para Woortmann (1987, p. 64), "contrariamente ao modelo cultural dominante, o marido não é, necessariamente, o chefe, ou 'cabeça' da família." Dessa forma, essa responsabilidade permaneceu nas mãos da matriarca da família, independente dessa renda ser gerada por seu marido. Apesar de Waldemar ter um emprego estável, a renda não foi suficiente para o sustento da família, como revelou Hilda:

Eu me lembro como se fosse ontem, quando Dete nasceu, que eu vi a situação, ela chorando querendo mamar, e eu não tinha mais leite no peito nem podia comprar, aí foi que eu tomei a decisão de ir pra rua trabalhar, fui vender comida, de primeira eu fui ali pro Largo do Tanque, fiquei uns seis anos, quando não tava mais dando certo, eu saí e fui vender perto da fábrica dos Fiais, na Calçada. Só parei quando eles cresceram." (Hilda Dias dos Santos, 2007, apud Lima, 2007)



Mãe Hilda e seus filhos na ladeira do Curuzu – Hildemaria, Vivaldo, Dete, Hildelice e Vovô. Acervo: Jornal Correio da Bahia.

Hilda passou, assim, a ajudar no sustento da casa vendendo comida, o que, segundo os filhos dela, não gerava grandes lucros, mas garantia a alimentação diária da família. Outro fator importante para a boa alimentação da família eram as árvores ali presentes, "tinha fruta pra



todo gosto, manga, carambola, fruta-pão, bananeira, era uma fartura, espaço pra diversão não faltava" afirmou Hilda.

Aliadas às necessidades da família estavam as obrigações religiosas. A determinação do *Vodum* de que Hilda deveria vender comida na rua, como se fosse algo que ela verdadeiramente tinha de passar, como ela mesma revelou no livro *Mãe Hilda: a história da minha vida*:

Depois que fiz o santo, teve uma coisa que ele me pediu. Era uma coisa que tinha dentro do acé, que era de longos anos, dos tempos das africanas: vender, mesmo se ele não quisesse esse acé pra mim, mas por isso ou por aquilo, eu tinha que passar por isso. (Siqueira; Silva, 1996, p. 10)

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela família na infância, os quatro filhos de Hilda entrevistados falam de forma saudosa daquela época. Das brincadeiras com os vizinhos no quintal da casa, de todas as árvores que tinham no local, da simplicidade da casa de poucos cômodos e da educação firme e rigorosa dada pelos pais, porém com muito carinho e cuidado:

Ela era amorosa, ao mesmo [tempo] que era amorosa era muito rígida também. Ela não gostava, meu pai era mais rígido do que ela, meu pai qualquer coisa batia, as vezes eles brigavam por causa disso, porque ela não queria que batesse. Tinham aqueles momentos assim, dia de sábado tinha Aquarela Nordestina, um programa que tinha na rádio, e aí eles dançavam com a gente, mãe dançava com Vovô, pai dançava comigo, tinha esses momentos assim, essa coisa que eu tenho da gente sentar na mesa, é porque final de semana, a gente almoçava, tomava café todo mundo na mesa. Com todas as dificuldades, com todos os contratemplos que existiam, nós tínhamos esses momentos, era uma família pobre, que sofria com determinadas coisas, mas tinha os seus momentos de alegria, e na hora de bater por qualquer coisa batia mesmo, ensinava os deveres, ensinava a somar, se você perguntasse a ele qualquer conta de somar, dividir, multiplicar, ele lhe respondia. (Dete Lima, 2013, apud Lima, 2014)

São muitas as lembranças da infância e juventude na ladeira do Curuzu. Vivaldo, o terceiro filho de Hilda, recordou os momentos em que viveu com a família no local:

Aqui nós tínhamos uma coisa assim, São João mãe comprava fogos pra gente, todo São João ela entrava em um caixa, todas as festas que tinha, nós tínhamos que participar. Carnaval ela saia com a gente, ia lá na Praça da Sé, pra gente ver o desfile de carnaval. O que ela podia comprar, de alegoria, ela comprava. Ela dizia assim, vocês tem que saber, qualquer festa que tinha, nem que fosse pra cada um comer uma nesquinha de queijo, mas ela dizia, vocês tem que saber. Chegava Natal, ela fazia as comidas de Natal, pra gente saber o que é o Natal. Então, dentro das possibilidades dela, todas as festas nossas aqui, a gente sempre teve, desde criança. (Vivaldo Benvindo, 2013, apud Lima, 2014)

Mas o que não faltou mesmo foi uma boa educação, como contou a própria Hilda:

Eu punia quando tinha necessidade, eu e o pai, naquela época a gente batia nos filhos pra educar, não tinha essa coisa de pai e mãe não poder bater nos filhos, batia sim toda vez que tinha necessidade, e agora tá todo mundo aí, ninguém cresceu com raiva da gente por isso, muito pelo contrário, eles me dão muito orgulho. (Hilda Dias dos Santos, 2007, apud Lima, 2007)

Na época em que Hilda vendia comida na rua, ela passou por diversas situações, quando a necessidade a fazia optar pelo trabalho em detrimento dos filhos. Numa dessas situações, além, é claro, de muitas outras, já que os filhos eram crianças no período, sua filha Dete descreveu:

Ela fazia a comida de manhã, e tinha aquele horário, onze horas as coisas tinham que estar prontas pra ela sair, teve uma vez mesmo que ela saiu pra levar a comida e caiu pimenta no meu olho, eu gostava de ficar muito em cima assim, olhando tudo, queria ajudar



também, ficava em cima. Aí na hora que tava machucando o molho caiu pimenta em meu olho e ela não pôde me dar atenção porque se ela me desse atenção ela ia se atrasar, e aí quem ficou pra cuidar disso aí foi a finada Bela, que morava aqui perto.

E ainda tinham aquelas coisas de briga de menino, que a gente brigava aqui, aí quando ela chegava tinha queixa, aí dependendo do que encontrava ela passava mal, desmaiava, era muita coisa. Ela desmaiava muito, quando ela chegava cansada, que encontrava novidade. Uma vez ela chegou, o irmão de Luci, Gilson, tinha caído da mangueira, e a mãe deles não queria que eles viesses pra cá, porque ela era a riquinha daqui do pedaço, e a casa ficava sempre cheia, que todo mundo vinha brincar aqui. Quando ele escutou a mãe dele chamando ele, ele foi descer da mangueira correndo, pisou numa galha, aí veio com tudo no chão. Aí mãe foi chegando, ele foi saindo daqui estirado, carregado, ela desmaiou também. (Dete Lima, 2013, apud Lima, 2014)

Mas a vida de Hilda não foi só de problemas. Foram muitas as alegrias e realizações da família; a aquisição da primeira televisão de uma família negra e pobre da periferia da capital baiana não é possível esquecer. Ela a comprou em São Paulo, quando foi fazer as obrigações de uma filha de santo. Era uma televisão que transmitia em preto e branco. Já naquela época muitas pessoas de outros estados a procuravam para se cuidar. E em uma dessas ocasiões ela teria de ir a São Paulo, então, ela aproveitou a oportunidade para fazer a compra no Sudeste devido ao preço mais acessível. E, no retorno, a festa foi grande; eram poucas as televisões no bairro naquela época.

Como todo ser humano, Hilda teve seus acertos, suas vitórias e muitas alegrias, cometeu erros e se arrependeu de alguns. Porém, o maior de todos eles envolve uma de suas filhas, Hildemaria Georgina (tia Maia), que faleceu em 13 de setembro de 2003, aos 44 anos. Hilda a deixou viver, por um longo período, com uma tia, de nome Áurea, que foi responsável pela educação da menina até os seus 15 anos de idade. Hildemaria tinha mais ou menos dois anos quando foi levada por Áurea para morar com ela no Rio de Janeiro. Para sua filha Dete, Hilda se arrependeu muito da decisão. A ideia não era que ela ficasse em definitivo com a tia, mas

que voltasse depois de um tempo. O que a motivou a tomar a decisão foi a situação difícil na qual a família estava passando na época. Havia momentos em que faltava o que comer. Ao longo dos anos, foram várias as tentativas de trazer Hildemaria de volta para Salvador, porém, sem sucesso por diferentes motivos. Ela afirmou para Dete "que o que ela mais se arrependia era ter deixado ela ir, porque do jeito que ela criou os outros aqui, ela teria criado ela também, mas tia Áurea insistiu, ela deixou e se arrependeu. Eu acho que esse foi o maior arrependimento da vida dela.".

A perda de Hildemaria em 2003 abalou muito a saúde de Hilda, que já havia perdido prematuramente outra filha. Hidelita partiu ainda na infância, não é possível precisar o ano e a idade que a menina tinha quando faleceu, já que nenhum documento dela foi encontrado. Essa parte da história de vida de Hilda se perdeu da sua própria memória. O que se sabe é que, de fato, Hidelita nasceu e morreu ainda na infância, e seus irmãos dizem que ela era muito bonita.

Os problemas enfrentados pela família de Hilda não foram suficientes para impossibilitar seu crescimento. Hilda educou seus filhos e seguiu em frente. Acompanhou cada um deles, em todos os momentos, até a fase adulta. Foi atrás de seu filho Vivaldo em todos os lugares que morou, e ele viajou bastante antes de se firmar definitivamente em Salvador, na década de 1990. E são muitas as histórias dessas idas e vindas:

Quando eu morava em Brasília, mãe foi me ver duas vezes. Eu morei em Minas, no interior, em Montes Claros, mãe foi duas vezes também. Morei em Belo Horizonte, ela foi também. A segunda vez que mãe foi em Montes Claros, ela tinha o maior pavor de andar de avião, não andava de avião por nada, ela deu um repente pra vim embora, eu perguntei se ela queria ir de avião, ela disse eu vou de avião. Aí eu comprei uma passagem de avião, ela veio de avião, na época era a Varig que fazia o vôo de Montes Claros pra Salvador. Quando ela chegou aqui, que eu liguei pra saber dela, ela disse "agora, quem me quiser, pode separar o dinheiro, que agora só viajo se for de avião viu?". (Vivaldo Benvindo, 2013, apud Lima, 2014)



Flor bela abriu nossas janelas

Uma coisa todos os filhos de Hilda deixaram nítido nas suas falas: foi a felicidade que ela os proporcionou. A pobreza e a desigualdade não foram suficientes para criar mágoas e cicatrizes em nenhum deles. Muito pelo contrário, eles encontraram uma forma de driblar a pobreza, realizaram seus próprios sonhos e os dela através das suas principais diferenças: a raça e a religião. Mas isso fica para os próximos capítulos.



Anos de fé²⁵



Mãe Hilda Jitolu: uma líder espiritual baiana

A Cacunda de Iaiá

APESAR DA PERDA prematura de seu pai de santo, Cassiano Manoel Lima, Hilda não desistiu de continuar se dedicando ao candomblé. Naquele momento já sabia que a religião era algo presente e consolidado na sua vida. Antes de falecer, o seu sacerdote havia lhe dito que ela nasceria com um cargo importante. Seu pai Azonsu e sua mãe Tobossi juntos lhe deram uma missão, "eu tinha que fazer o bem a todos, com as bênçãos e conselhos de meu pai", afirmou Hilda. Ela sabia que em breve abriria seu próprio terreiro, pois, "tinha que trabalhar pra meu Vodum", completou. A religião desde então esteve à frente de sua vida, de suas decisões, nos momentos de alegria ou tristeza. A caridade passou a aflorar ainda mais na sua personalidade, o que foi demonstrado no relato de Hilda: "nunca neguei um prato de comida pra quem chega na minha porta, me sinto bem em ajudar quem precisa, mesmo não tendo muito pra mim e pra minha família".

Provavelmente, no início da década de 1950, Hilda procurou ajuda em uma nova casa para dar continuidade às suas obrigações religiosas. É difícil precisar esta data, já que Cassiano havia falecido em 1944 e a

busca por ajuda não ocorreu logo após sua morte, mas sim quando surgiu a necessidade de seguir com a sua vida religiosa. Naquele momento ela já vivia maritalmente com Waldemar, porém ainda não tinha filhos, e acreditava não poder tê-los. A Cacunda está justamente relacionada à chegada do seu primogênito, o que ocorreu em 1952, ano também de fundação do Acé Jitolu, mas essa parte da história desenvolve mais adiante.



Fig.: 05 – Mãe Tança – Cacunda de Iaiá.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Segundo sua filha Dete Lima, ela, mais uma vez, procurou a ajuda da religião por motivos de saúde, entretanto, daquela vez, o problema não existia. Tratava-se, na verdade, da sua primeira gestação. Hilda estava grávida do seu primeiro filho, Antônio Carlos, mas não tinha como saber que se tratava de algo bom, já que em mais de dez anos de relacionamento com Waldemar ela nunca havia engravidado. Na busca por um



novo lugar, encontrou acolhimento na Cacunda de Iaiá.

Foi nesse contexto que a *iaô*, feita sob os rituais da nação *Angola*, encontrou a *Iyalorixá* Constância da Rocha Pires, mais conhecida como Mãe Tança, uma filha de *Nanã*, do Terreiro Cacunda de Iaiá. Hilda conheceu Mãe Tança na Feira do Japão, uma tradicional feira do bairro da Liberdade, em Salvador, onde ela vendia folhas e outros objetos utilizados pelas religiões de matriz africana, como falou sua neta, Edna Rita, *ékede* e herdeira do cargo de *Iyalorixá* da Cacunda de Iaiá:

Minha avó vendia na feirinha da Liberdade, vendia folhas, acaçá e outras coisas. Hilda teve uma intuição, o *vodum*, como era o mesmo de meu avô, levou ela até lá. Ela foi na barraca de minha avó, contou o problema dela, contou a vida dela toda. Ela estava procurando um lugar pra ir, e ela tinha ido até lá pra minha avó cuidar dela. Minha avó era o tipo de pessoa que queria colocar todo mundo embaixo das asas dela. Ela foi a primeira que foi lá pra roça. (Edna Rita, 2013, apud Lima, 2014)

A Cacunda de Iaiá foi fundada por Sinfrônio Élio Pires. No Título de Foreiro²⁶ do terreno consta sua data da aquisição, 22 de outubro de 1920, com extensão de 26 tarefas²⁷. Localizado na Estrada da Sussuarana, antiga Estrada da Muriçoca, entre o distrito de Santo Antônio e Itapoan.

Na ocasião, Sinfrônio já havia falecido, o que ocorreu em 1º de junho de 1938, e em seu lugar estava sua esposa e sucessora Constança da Rocha Pires, que nasceu em Santo Amaro da Purificação, em 19 de setembro de 1887. Nasceu filha de escravizados no interior da Bahia, porém foi liberta pela Lei do Ventre Livre²⁸.

A família de Sinfrônio veio de Santo Amaro da Purificação para Salvador na década de 1910. Constança e Sinfrônio tiveram seis filhos

26 Documento que garante ao indivíduo que adquire um imóvel seu direito ao uso.

27 Medida agrária constituída por terras, que na Bahia equivale a 4.356m².

28 Lei que dava liberdade aos filhos de escravizados nascidos a partir de 28 de setembro de 1871.

biológicos: Inácio da Rocha Pires, Alexandrina Pires da Paixão (Xandu), Maria da Anunciação Cerqueira (Mariazinha), Edite Pires Divino, Senhorazinha e Tatu (apelidos, já que os netos de Mãe Tança entrevistados não lembram os nomes dessas duas tias, pois eles não conviveram com elas). Todos os filhos do casal foram iniciados no candomblé para que dessem continuidade à religião, já que, segundo Edna Rita (2013, apud Lima, 2014), “ele preparava os filhos, porque na nossa casa é herança, vai passando de filho pra neto, pra bisneto, tataraneto, até quando não tiver mais geração nenhuma. Todos os filhos foram iniciados por Gerônima, que era também mãe de santo dele.”

Quando o terreno foi adquirido, na década de 1920, para construção do terreiro, Sinfrônio buscava um local para cultuar seu *Vodum Azonsu*. “Ele saiu com seu pai, Manoel da Paixão, que também era pai de santo, sua madrasta, Gerônima, e um filho de santo, chamado Aderbal, para procurar um terreno e criar o terreiro”, disse sua neta Edna Rita (2013, apud Lima, 2014). A ideia era encontrar um terreno grande e distante, com muita área verde, onde pudesse cultuar seus *voduns* de forma tranquila, sem interferência da polícia, já que, na época, a prática das religiões de matriz africana era proibida. Eles encontraram uma área como a desejada, onde hoje está localizado o bairro de Nova Sussuarana. Enquanto conheciam o local, escolheram o nome do terreiro, como contou Edna Rita:

Ele viu uma árvore caída, seca, numa forma de corcunda, ele virou para o pai dele e disse assim: Mané, isso aqui não parece com a corcunda de Iaiá, ele chamava minha avó de Iaiá. Aí ele disse assim: é Sinfrônio, seria uma homenagem, se a gente conseguir comprar isso aqui. Ele foi entrando mais, e aí uma sussuarana parou na frente deles, eles iam dando pra trás, aí ela entrou no mato. Meu avô disse, já sei o nome que eu vou dar aqui, Sussuarana. (Edna Rita, 2013, apud Lima, 2014)

Sinfrônio e Mãe Tança nunca conheceram toda a área do terreno adquirido na ocasião devido às suas proporções. Segundo Edna Rita, Raimundo Cerqueira (seu primo, filho de Maria da Anunciação) foi o único a conhecer toda a área, quando o governo da Bahia estava em processo de desapropriação do terreno. Aconteceu em 22 de outubro de 1976,



como está publicado no *Diário Oficial do Estado da Bahia* (Anexo B), com fins de ampliação do Centro Administrativo da Bahia, o que nunca ocorreu. Quando a população soube da desapropriação o terreno começou a ser invadido, situação que se tornou incontrolável. Hoje no terreno está o bairro de Nova Sussuarana.

Com a desapropriação do terreno da Cacunda de Iaiá, os santos da casa foram levados para o bairro de Boa Vista de São Caetano, um terreno comprado com o dinheiro da indenização. Atualmente os santos estão em uma casa da família no bairro da Caixa D'Água.

Edna Rita lembrou da sua juventude com sua avó na Cacunda de Iaiá, "ela era um barato minha vó, mas era muito rígida. Com ela não tinha brincadeira, ninguém ia pra barracão pra ficar dançando, brincando não", relata. Continuou comparando sua avó com Hilda, ressaltando a aparência física das duas: "Você vê minha avó, ela parece muito com dona Jitolu, todo mundo sabia que eram irmãs, e minha avó tinha ela como se fosse filha dela, que botou do ventre dela. Ela ia a pé lá pra roça, porque não tinha carro, não tinha ônibus, não tinha nada". E completa descrevendo um pouco a participação de Hilda nas atividades da Cacunda:

Eu me lembro bem de dona Jitolu jovem, ela não perdia uma festa. Eu não sabia que 6 de janeiro era aniversário dela, eu só sabia da festa de Azonsu, porque toda essa época ela estava lá dentro da roça. Eu vim saber que dia 6 de janeiro era aniversário de dona Jitolu quando nós viemos pro São Caetano, que teve uma missa de ação de graças pra ela. 6 de janeiro era festa de Sogbô, tinha o amalá e as frutas do ano. Agora a gente encontra as frutas todo dia, mas antigamente a gente só encontrava fruta a partir da Conceição, minha avó não deixava a gente chupar frutas antes do dia 6. Porque no dia 6 era as frutas do ano. Primeiro saia o amalá, depois o guguru e por último as frutas. (Edna Rita, 2013, apud Lima, 2014)

Hilda sempre lembrava com muito carinho da sua Mãe de Santo, que, como disse Edna Rita, a acolheu com muito carinho em sua casa e ensinou o que pôde à sua filha de santo:

Mãe Tança era uma pessoa muito boa. Fui tratada pela mão dela, quando meu pai de santo faleceu ela me acolheu como se fosse Mãe de entranya, fui bem acolhida, com tudo que eu tinha direito como uma pessoa. Ela abriu a porta e o colo. Tudo que não consegui, que não tive tempo de meu pai de santo dá, foi ela quem me deu. O que eu sei, o que eu boto em cima de minhas filhas de santo, a conversa que eu tenho para louvar esses orixás, tudo foi dado por ela. Foi uma porta que se abriu. Aí é que eu digo assim: mãe não é só quem pare, é quem cria.



Mãe Hilda e Mãe Tança com a família de santo da Cacunda de Iaiá.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Mãe Tança era uma pessoa alegre, muito bondosa, que gostava de passar as coisas pras pessoas, ela não era dessas que segurava; ela passava. Se a pessoa tinha direito, ela não escondia, ela dava esse direito à pessoa. Na festa de Iá da Casa dela, Sábado de Páscoa, se usava dar comida a Obaluáê e 06 de janeiro era comida de Xangô. Depois entrava a festa de Oxalá. Mas a função mesmo de Iá era Sábado de Páscoa, a gente ia e ficava duas semanas, né? Porque era Sábado de Aleluia, até o domingo seguinte, e conforme quando botava Iaô era o mês todo.(Siqueira; Silva, 1997, p. 13)



Mãe Tança realizou todas as obrigações religiosas de Hilda, porém estas foram feitas na casa da própria Hilda, e não na Cacunda de Iaiá. De acordo com Hilda, essa decisão foi tomada por Mãe Tança, que já havia revelado o seu cargo de *Iyalorixá*, e sua missão no candomblé. Por isso, o santo de Hilda não deveria mais sair de sua casa, no Curuzu, como revelou Hilda:

Precisando novamente voltar para cuidar das obrigações, para dar segurança a minha vida, procurando um terreiro achei a Cacunda de Iaiá. O pessoal também se interessou muito pelo meu orixá.

[...] Então, as obrigações de 3 anos, de 7 anos, de 14 anos, de 21 anos e de 25 anos, eu já fiz no Terreiro da Cacunda de Iaiá. Sendo que essas obrigações já foram feitas na minha Casa. O pessoal de lá, realizava os trabalhos na minha Casa, pra ele, meu Orixá não quis ir pra lugar nenhum. Tudo tinha que ser feito na Minha Casa. Aí eu tive que lutar. Vender comida em obras, vender comida em fábrica pra ajuntar dinheiro pra fazer o Terreiro, fazer a Casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. (Siqueira; Silva, 1996, p. 10)

Foram essas obrigações que deram origem ao Acé Jitolu, o Terreiro Jeje Savalu do Curuzu. Em meio às suas obrigações, com ajuda de Mãe Tança, Hilda deu muitos passos no aprendizado e na vivência do candomblé, aprendendo lições importantes.

O Ilê Aiyê tem uma música que descreve muito bem a história da vida religiosa de Mãe Hilda, desde sua iniciação no candomblé até sua chegada à Cacunda de Iaiá para ser cuidada por Mãe Tança:

Matriarca do Curuzu

Mona odara Mãe
Hilda Jitolu
Filha de Obaluaiyê
Juntó com Oxum

Ê Jitolu, Jitolu
Ê Jitolu, Jitolu

Olorum Mossifu
Ê Jitolu, Jitolu
Motumbá Mokuiú

Matriarca do Curuzu, Mãe, Mãe
Hilda Jitolu
Matriarca Ilê Aiyê
Vem saudar você

Estrela guia, desde os tempos de criança
Lá na Quinta das Beatas
Ao terreiro de Mãe Tança
Na Cacunda de Yayá,
Onde tudo começou,
Mãe Hilda tirou roncó,
Quando era Yaô
O seu babalorixá, foi do Aiyê ao Orum
Mãe Tança Ajauci, assume o seu ori
Faz todas obrigações, inclusive o Deká
Na nação Jeje recebe os poderes de Iyalorixá
Tem Ekedis e Macotas
No desfile do Ilê,
Tem ogans e abians, deres e akekerês
Nossa guardiã da fé, de tradição africana
Vai fazer agorossi em prol de toda raça humana

(Paulo Natividade)

Hoje existem poucos descendentes da família de Mãe Tança. São eles Raimundo, Railda (filhos de Mariazinha), Leninha (filha de Xandu), sendo que Raimundo e Railda têm filhos, porém nenhum deles foi iniciado no candomblé para que se pudesse dar continuidade à Cacunda de Iaiá. Edna Rita (filha de Xandu) faleceu em fevereiro de 2019.



Nasce o Acé Jitolu

COM O NASCIMENTO DO Acé Jitolu, Hilda continuou a seguir seu *odù*²⁹, seu caminho, tornando-se *Iyalorixá* ou *Nandoji*, como se chama a mãe espiritual no candomblé da nação Jeje. A partir daqui toda vez que seu nome for referenciado será antecedido pela palavra Mãe, como foi chamada por todos a partir de então, destacando o seu papel enquanto líder espiritual de um terreiro da cidade de Salvador. Foi em 1952 que Mãe Hilda fundou, com a colaboração de Mãe Tança, o Acé Jitolu. Mesmo ano em que nasceu o seu primogênito, Antônio Carlos dos Santos. Mãe Hilda transformou, assim, sua casa em um templo sagrado, e, ao dar esse passo, ganhou novas responsabilidades assumindo o cargo de maior poder na hierarquia do candomblé, como descreve Lima:

O poder da mãe de santo e sua autoridade sobre os filhos de sua casa podem ser expressos pelas cerimônias de iniciação em seus vários graus de intensidade. É a mãe de santo quem entrega a pessoa no grupo com os rituais adequados para cada nível de participação: é quem lava as contas das abiãs, quem dá o bori dos ogãs, quem assenta o santo das equedes, e quem, afinal, raspa a cabeça das iaôs. Em cada um desses ritos, a mãe de santo é a intermediária da força mística dos orixás com o corpo de seus filhos; ela quem estabelece essa comunicação, quem consagra e quem interpreta a vontade dos santos, criando assim, nos momentos críticos da iniciação, uma dependência que resulta num sistema de expectativas mútua, entre ela e seus filhos de santo. O neófito passa a ter a mão da Iyalorixá na cabeça. (2003, p. 135-136)

No ano que Mãe Hilda abriu sua humilde casa na ladeira do Curuzu para, a partir dali, acolher filhos e filhas de santo, o terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* comemorava o cinquentenário de sua líder, Mãe Senhora. A Bahia vivia um importante momento para as religiões afro-brasileiras:

O cinquentenário de orixá de Mãe Senhora foi comemorado de modo comovente, no barracão superlotado, muito bem ornamentado e repleto de iguarias da cozinha afro-baiana, acompanhadas de gostoso aluá (ou aruá). A festa foi motivo de amplo noticiário de toda a imprensa baiana, e contou com a presença de delegações dos mais diversos candomblés da Bahia, vindos para saudar a Iyalorixá do Axé Opô Afonjá, de personalidades da vida intelectual, muitas delas vindas especialmente do Rio ou de São Paulo, inclusive representações do Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek, e do Ministro da Educação Dr. Clóvis Salgado, nas pessoas de Dr. Pascoal Carlos Magno e do Deputado Celso Brant. (Mestre Didi, apud Santos, 2005, p. 57)

A festa de abertura do Acé Jitolu foi contada por Mãe Hilda no livro *A história da minha vida*:

Fizemos um barracão de palha, coberto de palha, todo faixado de palha. Era assim quando inaugurou. Foi quando mostramos um renascimento, porque foi assim a primeira festa aqui no barracão, com os fundamentos todos, abrindo as portas pra muita gente. Aí se considera nascimento. Nasceu o terreiro. (Siqueira; Silva, 1997, p. 10)

Como deveria ser, o Vodum saudado na primeira festa do terreiro, que ocorreu no barracão de palha, foi Azonsu, o "Senhor da cura e da terra". No início, tudo era muito simples, a casa era pequena. A cozinha era a da casa de Mãe Hilda, e, como ela ainda não tinha filhos de santo, contou com a ajuda de Mãe Tança e de seus irmãos de santo.

Na década de 1950 o candomblé da Bahia ainda sofria perseguição policial e necessitava de registro, pagamento de taxa e autorização da Delegacia de Jogos e Costumes para que pudesse realizar suas festas e obrigações. Como afirma Santos, a presença oficial na festa de Mãe Senhora reforçava a ideia de paradoxo sobre o candomblé na sociedade brasileira, significando que, apesar da perseguição, havia grandes mudanças acontecendo com relação às religiões de matrizes africanas. Dessa forma, a polícia não foi empecilho no caminho de



Mãe Hilda. Ela se dedicou à religião, assim como tantos outros líderes espirituais brasileiros, que muito contribuíram para a manutenção das religiões afro-brasileiras.

O candomblé de Mãe Hilda não chegou a sofrer perseguição policial, porém funcionava com a autorização da Federação Baiana de Culto Afro-Brasileiro, fundada em 1946. Entre os documentos de Mãe Hilda havia muitos cadastros de filhos e filhas de santo na Federação, além de comprovantes de pagamento e pedidos de licença para realização de cerimônias religiosas (Anexo B). Esta entidade está ativa até hoje e continua a regulamentar o candomblé, estendendo-se hoje por todo o Brasil, como descrito no site da instituição:

Em 24 de novembro 1946, no salão 9 do Liceu de artes, Justiniano Emiliano de Souza fundou a Federação Baiana de Culto Afro Brasileiro – FEBACAB, onde assumiu a presidência junto com o Vice, Jorge Manoel da Rocha que em 1949 assumiu a presidência, nesta mesma época houve uma recessão por conta de perseguições policiais, retomando à ativa apenas em 1974 onde assume a presidência o Ogan Antônio Monteiro, em 30 de setembro do mesmo ano. Também neste ano registrou-se as sociedades dos terreiros de candomblé da Bahia: Sociedade São Jorge – Casa Branca, Sociedade Santa Cruz de São Gonçalo – Opô Afonjá, Sociedade Lia Masur – Gantóis, Terreiro Oxumarê, Terreiro Bate-folha, Terreiro Beiru, Terreiro Alaketo, Terreiro Tombensi, Terreiro Tombajussara. [...] em 2001, realizou-se uma assembléia geral para mudança da denominação de Federação Baiana de Culto Afro Brasileiro – FEBACAB para Federação Nacional de Culto Afro Brasileiro FENACAB.

Hoje, a FENACAB é uma entidade de utilidade pública municipal e estadual, registrada no conselho nacional de assistência social. Ela congrega as casas de culto a nível nacional e baianas de acarajé regidas pela constituição estadual de 1989, art. 275, que oficializa a Bahia como primeiro estado a conhecer o candomblé como religião³⁰.

30 <http://fenacabbaixaosuldabahia.blogspot.com.br/p/historia.html>.

Quando lhe foi dada a missão de aprofundar a espiritualidade, Mãe Hilda tinha 29 anos de idade. A partir daquele momento o candomblé passou a ter uma importância ainda maior na vida dela. É necessário compreender o candomblé enquanto instituição social e religiosa, que envolve muitas questões, o que trouxe ainda mais responsabilidades, já que a partir dali nascia a Mãe Espiritual. Um cargo que requer muita dedicação e cuidado.



Mãe Hilda no barracão do Acé Jitolu, com sua filha de santo
Profa. Ana Célia. Fonte: Acervo pessoal da família.

A partir do nascimento do Acé Jitolu vieram também os integrantes da família do Acé, e, com ajuda e incentivo de Mãe Tança, Mãe Hilda iniciou seu primeiro barco de yaôs. "Foi um barco de uma filha de Ogum e



duas filhas de Oxum. Justamente um santo que se precisa dentro de um Terreiro, um dos primeiros, Ogum. E Oxum também, que é fundamental porque é das águas, porque abaixo de Deus são as águas.". (Siqueira; Silva, 1996, p. 12).

Diferentemente das grandes casas tradicionais da cidade de Salvador, a casa de Mãe Hilda era muito simples. Na verdade, a mesma em que morava com seu marido e filhos, além, é claro, dos agregados, o que era muito comum na época. O terreno era grande, composto por diversas árvores frutíferas, como banana, carambola, manga, fruta-pão e muitas outras, o barracão era simples, feito de taipa e coberto de palhas, como relembra Vovô:

O primeiro barracão era redondo, as paredes eram de taipa, tipo aqueles modelos africanos, um círculo coberto de palha, as paredes era só até a metade, as pessoas ficavam do lado de fora e do lado de dentro assistindo o candomblé. Meu tio Vivaldo, o irmão de mãe foi quem fez, que ele sabia mexer com essas coisas, com as palhas pra cobrir. Depois que Jaime veio né, que foi o primeiro ogã daqui, que o pessoal começou a fazer o barracão como é hoje aqui. (Antonio C. dos S. Vovô, 2013, apud Lima, 2014)

Os filhos de santo de Mãe Hilda

COM A SIMPLICIDADE DE Azonsu, ela fundou sua casa e construiu sua trajetória, criou seus filhos biológicos e acolheu seus filhos espirituais, que foram muitos, incontáveis, entre ogãs, equedes e iaôs. Entre as filhas está Maria Amélia, iniciada por Mãe Hilda há mais de trinta anos. Ela lembra os momentos em que conviveu com Mãe Hilda:

Dia de sábado de Aleluia, sexta-feira da Paixão a gente vinha de meio dia pra tarde, almoçava, no outro dia era o ossé, depois do ossé, a gente fazia o samba na casa do caboclo, minha mãe dizia: "eu digo nada a vocês, quando esse caboclo chegar aí, eu não quero nem saber, daqui a pouco virava todo mundo no caboclo, era uma alegria né. Ela foi muito boa mãe pra todo mundo, se uma chegasse aqui sem enxoval, ela dava tudo que ela podia, nunca ela mandou

voltar, por não ter nada, o que ela tinha todo mundo comia, era o pão, era o café, ela tirava dela pra dar aos filhos de santo. Se não tivesse uma saia pra vestir, ela dava uma saia dela, emprestava. Uma mãe dessa né, hoje a gente não acha, compreensiva, quando via a gente triste procurava saber, ela sabia os meus problemas, do meu marido, ela perguntava o que foi? Se aborreceu? (Mãe Amélia, 2013, apud Lima, 2014)

Mãe Hilda teve muitos filhos e filhas de santo. No primeiro *barco de iaôs* foram iniciadas três filhas de santo, uma de *Ogum* e duas de *Oxum*, daí em diante a família de santo só cresceu, foram *barcos* de um, dois ou três *iaôs*, nunca mais que isso. Para Ana Célia Silva, pesquisadora e filha de santo de Mãe Hilda, uma característica em sua mãe foi fundamental para o crescimento da família de Acé:

Eu acho que Mãe Hilda, enquanto *Iyalorixá* tinha um mérito muito grande, que era manter o respeito. Ela tinha para mim duas grandes virtudes, que eram manter a hierarquia, ela exigia cumprimento de hierarquia, seu lugar na roda, tratamento com os mais velhos e a segunda coisa era o respeito que ela impunha, com aquele porte de rainha, aquela mulher linda que ela era, quando ela era mais jovem, quando entrei lá em 1984. Mãe Hilda olhava pra nós, a gente já dizia, o olhar 33, bastava ela olhar assim, todo mundo parava. Todos tínhamos um respeito muito grande por ela. (2014, apud Lima, 2014)

Com esses valores e pulso firme, Mãe Hilda conduziu as atividades religiosas de casa, sempre acompanhando todos os passos de seus filhos e filhas de santo, mantendo o respeito em primeiro lugar. Segundo Gilmar Sampaio, seu filho de santo, *ogã de Obaluaiê*, Mãe Hilda sempre foi muito rígida, porém jamais grosseira ou indelicada:

Ela era uma pessoa que impunha o respeito no olhar, não precisava conversar, não precisava reclamar, não precisava nada disso. Só a maneira de olhar, você sabia se podia ir a diante ou se parava de onde você estava. Eu dizia que o olhar dela batia palma e dava língua,



porque só através do olhar dela você já sabia o que ela queria dizer. Eu fui acolhido como filho, eu lembro de uma frase que ela me disse no dia da minha confirmação: "eu tô fazendo um pai pra eu respeitar e um filho que me respeite", isso eu nunca vou me esquecer. Porque é o respeito de um ogã pra uma mãe de santo e respeito de uma mãe de santo pra um filho. Essa frase tem muito peso, pra uma mulher comum, não era uma pessoa com nível superior, como as ditas estudiosas de hoje, nada disso, de um peso que você guarda pra toda vida. (2014, apud Lima, 2014)

Segundo eles, ela jamais abusou do poder de *Iyalorixá* para impor respeito ou exigir postura dos seus filhos e filhas espirituais. Ensinou o que pôde e o que achou que devia a todos, sempre à sua maneira. Sua ekede, Márcia Cristina, relatou como ela ensinava a cada um de seus filhos enquanto estavam recolhidos:

Ela ensinava, a gente quando estava recolhida, às vezes ela ficava no fogão cozinhando, a porta do roncô ficava de meio palmo, e ela cantava, ela rezava, pra gente aprender lá dentro. Tinha um tamborzinho, ela sentava lá dentro, ficava tocando, e botava a gente pra dançar, ou ela dançava primeiro e depois tocava pra gente pra dançar. Ela dizia assim: o candomblé é uma caixa de segredos, você vê, ouve e cala, e assim vai aprendendo. (Márcia Cristina, 2014, apud Lima, 2014)

Para Gilmar, os ensinamentos de sua mãe de santo foram passados também na prática do candomblé, quando não mais estava recolhido, no dia a dia da religião, "muito do que foi passado, era vendo, não tinha aquela aula de dizer você vai fazer assim. Quando ela queria que você aprendesse ela fazia na sua frente, e você via como aquilo era feito". (2014, apud Lima, 2014).

Ser líder de um terreiro de candomblé no Curuzu fez de Mãe Hilda uma *Iyalorixá* conhecida na capital baiana. Apesar de toda a sua vaidade e da sua liderança, era uma mulher simples, e um pouco tímida, sua personalidade é representada no seu comportamento em visita a um importante terreiro de Salvador:

Eu admirava muito a franqueza e a simplicidade dela, minha mãe era uma pessoa muito simples. Uma vez a gente foi, eu, ela e Mirinha, pra uma confirmação na Casa Branca. Quando a gente chegou o candomblé já tinha começado, minha mãe não queria entrar, queria voltar. Eu disse não minha mãe, a gente tá aqui, vamos entrar. Ela disse: "eu não, enfrentar esse povo todo". Quando ela entrou, Tatá, que era mãe de santo do terreiro, parecia que tinha chegado Jesus Cristo na Casa Branca, ela sentou naquela cúpula, que tinham aquelas cadeiras imensas. Mas ela era muito acanhada, ela era muito simples, ela era de poucas palavras e muitas decisões. (Márcia Cristina, 2014, apud Lima, 2014)



Mãe Hilda e as irmãs da Irmandade da Boa Morte.
Fonte: acervo pessoal da família.

Apesar de ter iniciado muitos filhos e filhas de santo, Mãe Hilda sempre foi muito criteriosa, e, de um modo geral, buscava conhecer



profundamente as pessoas antes de avançar. Para Gilmar, um dos fatores que determinavam toda essa rigorosidade era o fato dela sempre colocar a família à frente de tudo, para ele, o Acé Jitolu se caracteriza como um candomblé de família e para a família:

Minha mãe de santo era muito seletiva, então não é todo mundo que entra nesse acé, nesta família. É um candomblé família, é um candomblé pra cuidar dos filhos, dos netos, da família. A gente é acolhido. É um candomblé que pinça as pessoas de fora, mas com o maior cuidado, com uma seleção. (Gilmar Sampaio, 2014, apud Lima, 2014)

Mãe Hilda não iniciou filhos de santo apenas dentro do seu terreiro, mas viajou por alguns estados do país para dar vida a alguns novos adeptos do candomblé. Entre os locais estão Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte, neste último, ela entregou Decá a uma senhora chamada Vilina, que iniciou muitos outros filhos de santo em sua casa.

Para a realização dessas obrigações fora de seu terreiro, Mãe Hilda sempre levava seus filhos de santo para ajudar, eram ekedes e ogás. Nas vezes em que foi ao Rio Grande do Norte, a acompanhou também um de seus filhos, Vivaldo, que, na época, era um adolescente: "eu tinha 14 anos da primeira vez que nós fomos lá. Depois mãe foi fazer uma obrigação, uma festa grande lá, mãe foi na frente e fui depois, com o Raimundo, foi quando ela entregou o Decá à dona Vilina (Vivaldo Benvindo, 2013, apud Lima, 2014).

O terreiro nasceu e se mantém no mesmo local há 71 anos, porém, por anos ela alimentou o sonho de levar o terreiro para outro endereço. Chegou a adquirir pelo menos dois terrenos, mas não obteve sucesso. Segundo relatos dela e dos seus filhos, foi o próprio Vodum quem não quis deixar a casa da família, na ladeira do Curuzu. Um dos locais foi comprado em Simões Filho, em 11 de abril de 1989, entretanto, o Acé jamais foi transferido para esta propriedade.

Mãe Hilda deixou como exemplo a fé que tinha nos voduns, além do respeito que mantinha pela religião e pelas pessoas individualmente. Sua história poderia parar por aí, seria mais uma mulher negra, que, como tantas outras, contribuiu para a valorização e manutenção das religiões

de matriz africana no Brasil. Mas sua participação na história do negro no Brasil ultrapassou as paredes de seu barracão e envolveu muitos outros homens e mulheres negras de todo o país.



Mãe Hilda no barracão do Acé Jitolu, exercendo o sacerdócio.

Fonte: Acervo pessoal da família.

O Caboclo Tupyassu

ALÉM DOS SEUS Voduns Mãe Hilda cultuou ao longo de toda a sua vida religiosa os caboclos, entidades genuinamente brasileiras, reverenciados no candomblé em diferentes nações. Mãe Hilda recebeu o seu caboclo pela primeira vez com pouco tempo de iniciada, ainda na casa de seu pai Cassiano Manoel Lima e desde então responsabilizou-se pela entidade, como cuidou do seu Vodum. Conforme ela mesma relatou no livro *A história da minha vida*:

Ele chega, tem força, vontade escolhe a pessoa que ele quer. Esse caboclo foi uma coisa que invadiu assim: uma ocasião assim muito fina, na casa de meu pai de santo, que é finado, eu estava numa



reverência lá e, nessa reverência, teve assim parecendo uma nuvem, que se instalou pra mim. Então, aquelas pessoas que eram de santo, esse santo assim como Obaluaê que era do lado do gegê, foi justamente essas pessoas que foram escolhidas pra receber. Todas essas pessoas ficaram manifestadas por causa dele. Então, é uma coisa que ele chega, tem força, vontade, escolhe a pessoa que ele quer. Logo que ele pegou, consagraram ele com uma ave, tanto que quando tem festa dele, eu ofereço sempre uma ave, pra ele, porque justamente desde a primeira vez que ele veio, assim se faz! (Siqueira; Silva, 1997, p. 12)

O caboclo Tupyassu foi cultuado e reverenciado por Mãe Hilda ao longo de toda sua vida, e, assim como as demais festas da casa, "O caboclo chegou, invadiu e exigiu e a gente tem de aceitar, abrir as portas pra Ele, porque Ele tem força realmente. Abrir as portas pra Ele louvar dia 7 de setembro, todo mundo com muita influência, com muita dedicação, todos da casa, com o Caboclo." (Siqueira; Silva, 1996, p. 11). Esta festa se mantém da mesma forma ainda hoje, sempre no dia 7 de setembro.

Além do seu caboclo, denominado *Tupyassu*, Mãe Hilda cuidou do caboclo do seu pai de santo após a sua passagem, o caboclo *Dangolá*, que ficou de herança para ela, e que permanece no Acé *Jitolu* sendo zelado por sua sucessora e seus filhos e filhas de santo.

O candomblé de caboclo se mantém em diferentes terreiros, independente da nação, segundo Santos (1995, p. 13): "é visto como uma variante do candomblé jêje-nagô, ao qual seriam incorporados elementos indígenas", como uma forma de sincretismo religioso, entre africanos e indígenas, uma mistura sincrética entre os donos da terra e os que aqui chegaram, oriundos do continente africano". Para ele, "os elementos 'ameríndios' dos candomblés afro-baianos presentes no culto aos Caboclos não revelam uma 'fusão' entre grupos africanos e indígenas, mas uma representação simbólica do que seria a cultura indígena para esses terreiros." (Santos, 1995, p. 13).

Alguns dos grandes terreiros da Bahia, de nação Ketu, principalmente, se recusaram a esse tipo de sincretismo, porém, gradativamente, os caboclos conquistaram o seu espaço nos centros de religiões de matrizes africanas no estado, como descreveu Santos:

É provável que depois da Independência da Bahia se tenha assistido a um “boom” de Caboclos nos terreiros de candomblé; afinal de contas os terreiros não são ilhas isoladas da dinâmica da sociedade. No entanto, parece-nos simplificador estabelecer uma relação unívoca, afirmendo que a representação indígena nos cultos afro-brasileiros seria manifestada exclusivamente a partir do Romantismo e do movimento de 1823. (1995, p. 25)

As Festas do Acé Jitolu

DESDE SEU NASCIMENTO, o Acé Jitolu mantém o mesmo calendário de festas anuais, alternadas por obrigações e/ou iniciações de novos adeptos. Em janeiro acontece sempre a festa de *Lissá/Oxalá*, bem no início do mês, geralmente no primeiro ou segundo domingo do ano. Na sequência, ocorre a festa do *Vodun Gú/Ogum* e *Aganga Tolú/Oxossi*, sempre no mês de abril. Quando todos os filhos da casa se reúnem para saudar esses *voduns*. Nos meses seguintes, só ocorrem obrigações internas ou festas como as citadas anteriormente. Em agosto ocorre a principal festa em homenagem a *Azonsu*, o dono da casa.

Ainda no mês de agosto é realizada a festa das *Yabás* (*Voduns* femininas, como *Kaiá/Yemanjá*, *Tobossi/Oxum*, *Oyá/Yansã*, *Nanã*). Na sequência, são reverenciados os Caboclos, no dia 7 de setembro, feriado da Independência do Brasil. O calendário do Acé Jitolu se mantém como no tempo de Mãe Hilda, foi incluída apenas mais uma celebração após a reabertura da casa, em 2011, a festa de *Sogbô/Xangô*, que ocorre anualmente em junho.

Mãe Hilda sempre gostou de festas bonitas e animadas. Cresci vendo sua felicidade ao celebrar os *Voduns*, todos eles, sem distinção. Seu aniversário sempre coincidiu com a semana da festa de *Lissá*, lembro de comemorarmos quase sempre vestidos de branco, com raras exceções em alguns anos. Mas seu prazer em celebrar a vida era sempre o mesmo. Aprendi com ela a amar a religião e a estar sempre presente, participar ativamente, com amor e dedicação. Sigo celebrando porque tive o melhor dos exemplos. A Família Jitolu segue firme nesta missão de manter vivo seu legado, na vida e na religiosidade. Cumprimos o calendário e aumentamos um pouco, para preservar a chama da fé em nossos corações.



Constitui um
universo de beleza³¹

31 Negrume da Noite, composição de Cuiuba e Paulinho Do Reco.



Realizações de mãe Hilda / desdobramentos

MUITO ANTES DE Antonio Carlos dos Santos Vovô e Apolônio de Jesus pensarem em criar o mais antigo bloco afro do país, eles eram apenas dois jovens negros, moradores de um bairro da periferia de Salvador. Mas o que poderia motivá-los a ter tão grande ideia? Em qual contexto sociocultural viviam? Estavam estudando, trabalhando e, é claro, como grande parte dos jovens soteropolitanos, estavam se divertindo. Organizaram passeios, aprenderam a tocar instrumentos de percussão, fizeram grupos de mortalha e muito mais. Porém, tudo aquilo não foi suficiente. Em meio ao movimento *Black Power* norte-americano e tudo mais que vinha de fora do Brasil, além da insatisfação vivida diariamente com o preconceito racial, surge uma ideia apoiada por Mãe Hilda:

Os meninos tinham vontade de fazer um bloco afro, meu filho com mais quatro colegas, ele vivia sempre me dizendo que queria um bloco afro, e aí quando foi em 1974 eles resolveram se reunir e escolher o nome do bloco. Ele me consultou e eu dei força a eles. Aí eles registraram e comemoraram muito no dia 1º de novembro de 1974. Eles começaram os ensaios num espaço bem perto de casa. Seis horas da tarde de sábado de carnaval de 1975, o bloco saiu pela primeira

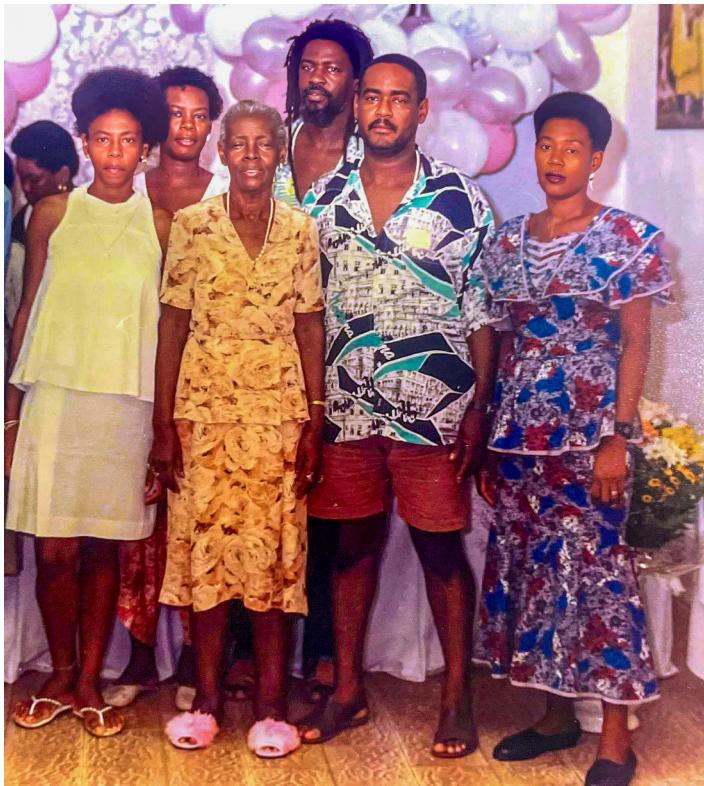
vez. No sábado eu não fui, mas o bloco chamou muita atenção, aí tinham pessoas dizendo que eles iam presos, na segunda eu disse eu vou, porque se eles forem presos eu vou também, então eu fui com eles, e sei que eles realizaram o sonho deles, e graças a Deus não teve confusão nenhuma". (Hilda Dias dos Santos, 2007, apud Lima, 2007)



Registro mais antigo de Mãe Hilda
Fonte: Acervo pessoal da família.



O filho e os amigos tiveram a ideia da criação, porém, o apoio e dedicação de Mãe Hilda foi fundamental para a criação do *Ilê Aiyê*. O candomblé foi o outro pilar do bloco, que nasceu no barracão do terreiro.



Mãe Hilda e seus filhos no seu aniversário de 70 anos (Hildelice, Hildemaria, Vovô, Vivaldo e Dete). Fonte: Acervo pessoal da família.

Mãe Hilda educou seus seis filhos biológicos com muita rigidez, suportou todas as dificuldades com seu marido de cabeça erguida e ensinou o mesmo a seus filhos. Compenetrada e sempre preocupada com eles, não os deixava sair com frequência, então encontrou uma forma de mantê-los sempre por perto. Permitia que as festas acontecessem sempre no barracão de seu terreiro, pois, além de estar ciente do comportamento de seus filhos, não havia bebida alcoólica. Junto à juventude vieram os grupos de São João, os ternos de Reis, os grupos de mortalha, que saíam anualmente no carnaval e nas demais festas, durante todo o ano. O *Ilê Aiyê* é mais uma dessas ideias, a última e mais

importante de todas. Na verdade, o nome do bloco afro não seria este, e sim *Mundo Negro*, mas o medo da repressão fez com que mudassem. "Foi melhor assim", afirmou Mãe Hilda.

O significado da palavra "*Ilê*" mostra a grandeza da intenção. A família pobre da ladeira do Curuzu enxergou além. No final da adolescência, o filho primogênito de Mãe Hilda e Apolônio tiveram uma ideia. Muitos devem ter visto como infundada ou louca, entretanto, para eles, foi a forma encontrada de se fazer ver pelo mundo. Já que um pouco antes surgiram nos Estados Unidos alguns movimentos de cunho racial, buscando a igualdade entre as partes. Inspirados em todos os grupos que já haviam se organizado, entre o final da década de 1960 e início de 1970, nasce o *Ilê Aiyê*. O barracão do terreiro ficava pequeno para as festas organizadas por Vovô, Dete e seus amigos.

Falando em Vovô, são muitas as histórias que marcam esta família. Uma delas é a do seu apelido, que mudou a sua identidade, no sentido literal da palavra, pois hoje está nos seus documentos. Este apelido veio no início de sua adolescência, mais precisamente no inverno de 1965, então com apenas 12 anos de idade. Por causa do frio, o garoto foi para a escola com um paletó, que era um pouco maior que ele, tinha ombreiras desproporcionais ao seu tamanho. Ele, que na juventude já era alto e muito magro, ficou parecendo um avô, segundo a criatividade de seus colegas, que passaram a chamá-lo dessa forma, sem imaginar no que daria. Porém, o apelido não foi bem aceito inicialmente. Ele não gostava de ser chamado desta forma, as brigas eram constantes, de modo que até Dete, sua irmã, se envolveu em algumas para defendê-lo. Entretanto, o apelido se tornou uma marca para o *Ilê* e para a família, atualmente ninguém o conhece como Antônio Carlos, mas, sim, Vovô.

Voltando ao *Ilê*, a mãe nunca abandonou seus filhos. Mãe Hilda sempre permaneceu ao lado deles, acreditou nos seus ideais antes de qualquer outra pessoa e mais do que eles próprios. Na ocasião do surgimento do bloco, a *lyalorixá*, que já havia sido muito criticada pelos vizinhos, viu ainda mais a importância de acompanhá-los no primeiro desfile do bloco:

Os vizinhos estavam dizendo que meus filhos iam ser presos, aí eu disse, se eles forem, eu vou também, porque eu também vou desfilar, foi assim, com a polícia atrás da gente porque naquela época era



tudo muito difícil, era fim de ditadura militar, então ninguém sabia o que podia acontecer. Um monte de negro junto, podiam achar que era manifestação ou alguma coisa assim, todo cuidado era pouco, fizemos pela primeira vez o desfile de carnaval. E só podia sair negro, negro mesmo, todo mundo com um tecido enrolado no corpo, chamando bem atenção, e felizmente deu tudo certo. (Hilda Dias dos Santos, 2007, apud Lima, 2007)



Lula, Mãe Hilda e Vovô.
Fonte: Acervo pessoal da família.

Para Jônatas Conceição da Silva, que escreveu sua dissertação de mestrado sobre a instituição, intitulada *Vozes Quilombolas: uma Poética Brasileira*,

O surgimento do Ilê Aiyê no carnaval da Bahia de 1975 instaura uma ruptura na grande festa popular brasileira. O bloco autodenomina-se bloco afro, com o objetivo principal de narrar a História africana no carnaval. O Ilê Aiyê foi a maior invenção da juventude negra baiana dos anos setenta do século vinte, e ao desfilar como bloco afro, apenas com negros e negras como protagonistas, mobiliza diversos setores da sociedade baiana – carnavalescos ou não – a pôr em pauta de discussão a questão dos conflitos raciais brasileiros. (Silva, 2004, p. 45–46)

Paralela à realidade dos jovens negros da rua do Curuzu, havia toda uma questão política no país, e a tensão era grande. Criar um novo bloco, tendo por trás da dança e da música reivindicações raciais, poderia ser considerado algo particularmente corajoso naquele contexto. Para compreender essa complexidade é necessário entender de que momento estou me referindo. Cardoso afirma que em 1974 o Brasil vivia um clima de terror extremado e qualquer manifestação cultural ou política que fosse diferente dos padrões estabelecidos pela ordem vigente era cuidadosamente vigiada e duramente reprimida. Diz ainda que o medo dos primeiros militantes em “abrir o verbo” contra um sistema político que oprimia a todos soava mais como uma manifestação da falta de garantia individual e coletiva reinante na época: “A repressão e a intimidação era produzida por órgãos de segurança, que acusavam qualquer atitude política de oposição como coisa de comunista”.

Pode-se dizer, que em 1974 – no 10º aniversário da ditadura militar – o surgimento do Ilê Aiyê propiciou um clima para a afirmação do Movimento Negro, especialmente na Bahia. Nesse período, o Ilê Aiyê e outras organizações socioculturais, são a expressão dos grupos negros em busca de auto afirmação cultural. Podemos inferir que os homens e mulheres negras que se reuniam para fazer o carnaval no Ilê Aiyê, tinham a plena consciência de que além da cultura, estavam fazendo política. (Cardoso, 2002, p. 37)



Aliada às questões políticas que envolviam a criação do *Ilê*, estava a figura de uma mulher negra, determinante para que este fosse criado. Está dito de todas as formas e em todos os lugares o quanto a participação dela nesse processo foi fundamental. Mãe Hilda Jitolu, mãe biológica de Antonio Carlos dos Santos Vovô, e sua religiosidade foram decisivas:

[...] os espaços estavam fechados para a afirmação do ser negro. Entretanto, algo ficara vivo, tinha bases firmes, atravessara a escravidão, vencera a reação e a repressão por mais de 50 anos e mesmo com as “novas tecnologias” estava aí: a história vivida e contada no imaginário social, em grande parte plasmada na cultura, tendo com eixo central o candomblé.

Dessa forma, a partir de 1970, os negros elaboraram uma nova proposta para o carnaval, revivendo de forma contemporânea os antigos afoxés. Assim, nasceu o *Ilê-Aiyê*, como uma forma de reação ao carnaval branco e com uma proposta de celebrar os valores da cultura negra nacional e internacional. (Bacelar, 2008, p. 191)

A história do mais antigo bloco afro do Brasil se tornou conhecida mundialmente, e falar de algo tão comum acaba por se tornar uma tarefa mais difícil, principalmente a partir de onde eu venho. Nasci em 1985 e encontrei uma instituição consolidada, já com 12 anos de tradição. Tudo isso faz com que eu veja o *Ilê* como algo sem valor inicialmente. Identificar a contribuição dada e reconhecer suas lideranças como algo importante para toda uma comunidade, estando tão próxima, se tornou uma grande tarefa para mim, na verdade, meu maior desafio.

O *Ilê* tem um contexto muito particular, em que, seguindo a ordem natural da vida, o máximo que poderia ter acontecido com os membros daquela família pobre da periferia de Salvador seria conseguir um bom emprego, e isso já poderia ser considerado uma grande vitória. Na década de 1970, o Brasil vivia um importante momento histórico, a Ditadura Militar. Já na Bahia a situação econômica começava a mudar, com a criação de um distrito industrial:

Entre 1950 e 1980, a economia baiana mudou de cara. Radicalmente. Mas a criação de um distrito industrial em Aratu e de um complexo petroquímico em Camaçari trouxe consigo uma impliação importante, a que não costumamos dar ênfase – ou, pelo menos, a atenção – devida. É que os centros industriais ficaram localizados fora dos limites político-administrativos de Salvador. (Risério, 2004, p. 580)

Essa poderia ser uma excelente oportunidade para a população baiana, e o primogênito de Mãe Hilda, Antônio Carlos, aproveitou a oportunidade e iniciou um curso técnico de Engenharia Eletromecânica, na Escola de Engenharia, situada no bairro de Nazaré, porém parou no segundo ano. Em seguida, foi trabalhar no Polo Petroquímico de Camaçari em 1972, fez curso de caldeireiro pela Petrobrás, onde permaneceu até 1981.

O Bloco *Ilê Aiyê* logo se tornou conhecido por toda a cidade. De modo que não foi mais possível a Antônio Carlos se dividir entre as duas atividades. Não demorou e o jovem logo pediu demissão do seu emprego promissor para se dedicar ao seu sonho: ser carnavalesco e dar prioridade às ações do *Ilê Aiyê*.

Logo após seu primeiro desfile em fevereiro de 1975, o *Ilê* teve a sua primeira aparição na mídia baiana de maneira extremamente negativa; esta refletia todo o preconceito racial daquela época, e que, de outras formas, perdura até o século XXI. “*Uma nota destoante*”, como ficou conhecido o pequeno texto publicado pelo jornal *A Tarde*, divulgada na quarta-feira de cinzas de 1975:

Bloco racista, nota destoante

(*A Tarde*, 12 de fevereiro de 1975)

Conduzindo cartazes onde se liam inscrições tais como: “Mundo Negro”, “Black Power”, “Negro para Você”, etc., o Bloco *Ilê Aiyê*, apelidado de “Bloco do Racismo”, proporcionou um feio espetáculo neste carnaval. Além da imprópria exploração do tema e da imitação norte-americana, revelando uma enorme falta de imaginação, uma vez que em nosso país existe uma infinidade de motivos a serem explorados, os integrantes do “*Ilê Aiyê*” – todos de cor – chegaram até a gozação dos brancos e das demais pessoas que



os observavam do palanque oficial. Pela própria proibição existente no país contra o racismo é de esperar que os integrantes do "Ilê" voltem de outra maneira no próximo ano, e usem em outra forma a natural liberação do instinto característica do Carnaval.

Não temos felizmente problema racial. Esta é uma das grandes felicidades do povo brasileiro. A harmonia que reina entre as parcelas provenientes das diferentes etnias, constitui, está claro, um dos motivos de inconformidade dos agentes de irritação que bem gostariam de somar aos propósitos da luta de classes o espetáculo da luta de raças. Mas, isto no Brasil, eles não conseguem. E sempre que põem o rabo de fora denunciam a origem ideológica a que estão ligados. É muito difícil que aconteça diferentemente com estes mocinhos do Ilê Aiye.

Uma nota como esta, publicada no principal jornal do estado, poderia ter sido o suficiente para frustrar a iniciativa daqueles jovens. Fato que não ocorreu, pois eles já estavam convencidos da importância da instituição e de tudo que ela poderia proporcionar à população negra da cidade, inicialmente.

Desde o seu surgimento, sob as bênçãos de Azonsu, Mãe Hilda saiu todos os anos à frente do bloco, e sempre defendendo seus filhos de qualquer tipo de repressão. Reverenciada como uma rainha que via tudo de cima, desfilava no mesmo carro que levava a Deusa do Ébano, em sua tradicional cadeira de vime. Sempre falou com muito carinho sobre o bloco e sua força, além da iniciativa de seu filho:

[...] o Ilê tem uma força, e eu creio que essa força foi trazida pela força do orixá, porque quando eu comecei a ter filhos eu já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, já tinha minhas obrigações no meu corpo, daí foi quando eu comecei a ter filhos, então o filho já nasceu dentro do Axé. Então ele trouxe a sua missão, porque cada qual traz a sua missão de alma, de servir ao próximo, à comunidade, cada qual já traz uma missão.

Ele veio também com essa estrela, de progredir sobre a parte de qualquer coisa pra comunidade, pra mostrar ao povo, já nasceu com o dom dele. E quando cresceu, estudando junto com os amigos, tinha



as idéias, já idealizava coisas que queria fazer. Ele tinha essa ideia de fazer um bloco de negros. Aí conversou comigo, pediu apoio, logo que aqui era um terreiro de Candomblé, ele é filho de uma Iyalorixá. (Siqueira; Silva, 1996, p. 14).

Pode-se dizer que a religião foi o ponto de partida para o nascimento desta instituição, e, desde o seu primeiro ano de vida, Mãe Hilda se preocupou em pedir licença a todos os voduns que reinam sobre suas cabeças. Ela faz as obrigações pedindo paz no carnaval, agrada aos voduns com oferendas para que todos juntos possam levar harmonia à avenida, como ela mesma descreveu no livro *A História da Minha Vida*:

O Ilê Aiyê surgiu em 1974. Em 1975 foi o primeiro ano que ele foi para rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa casa de Candomblé, consultando os Orixás, achei que era muito negro, é



Mãe Hilda, durante o ritual de saída do Ilê Aiyê.
Foto: Dadá Jaques.



muito negro junto, eu achei que era necessário que se fizesse qualquer coisa pela parte do Axé, para pedir proteção para esse povo. Decidi fazer as "Obrigações", no começo dos "Ensaios" e no dia da Saída. E continuo fazendo todo ano. A proporção que o Ilê vai crescendo as obrigações também vão crescendo, é uma proteção "de fé", inclusive na hora da Saída é uma coisa que eu faço com muito prazer, e eu sei que surte um grande efeito. Vejo com muita satisfação, com muita alegria a saída do Ilê crescendo cada dia, porque é uma coisa que nasceu com muito carinho, uma idéia na cabeça de jovens e que a coisa cresceu, e isso engrandece e vê que os negros estão realmente tendo consciência do que é, levando para frente a força da raça, em busca de direitos como cidadãos. (Siqueira; Silva, 1996, p. 17).

No primeiro ano, o receio era muito grande, pois nenhum deles tinha noção de qual seria a reação das pessoas, já que se vivia um período de ditadura militar no país. Entretanto, o sucesso foi garantido e estava estampado na face de todos aqueles cem ou duzentos negros e negras que dançavam e cantavam ao som dos tambores saídos do Curuzu. O apoio de Mãe Hilda foi fundamental naquele momento:

Naquele tempo, quando começou era perigo até negro se revelar, fazer um bloco de negro pra sair assim batendo no peito e dizer eu sou negro. Porque pra negro pisar forte no Brasil, tem que pedir licença né, tirar o chapéu. Então surgiu o Ilê Aiyê, mas a gente só queria o respeito e consideração, o conhecimento, o saber. Então uma mãe tá ali ajudando o filho, na roda da saia, cobre a cabeça, pra não ter empecilho, que foi o meu papel. (Mãe Hilda, 2008)³².

32 Entrevista de Mãe Hilda exibida na TVE em novembro de 2008.

Para Júlio Braga, importante acadêmico e *Bababorixá* da Bahia, a união de mãe e filho foram decisivas para o crescimento do *Ilê Aiyê*:

A década de 1970 é muito rica nesse surgimento do movimento de orientação política, em defesa dos diretos do negro na Bahia, movimento político e organizado, outros nem tão organizados, nesse processo de visibilização de mostrar quem somos nós. Várias coisas aconteceram na década de 70, entre outras coisas esse aspecto do surgimento de blocos bem orientados, ao conserto do lúdico, mas com uma base, uma sustentação política bem definida, contra qualquer forma de racismo ou de intolerância. O que bem pode caracterizar essa época, são os textos das letras das músicas do *Ilê*, do *Oladum*. Mãe Jitulu está envolvida nesse movimento político, sem perder a sua especificidade de mãe, de uma religiosa. Ela no meu modo de entender, para efeito dessa visibilidade ela contou muito com a grandiosidade do *Ilê Aiyê*. É uma coincidência muita rica ter uma liderança como Vovô, num bloco de características políticas bem definidas e a sua própria mãe, ser uma pessoa que se integra a esse movimento. (Júlio Braga, 2013, apud Lima, 2014).

Todos os anos, antes do carnaval, são feitos rituais para pedir proteção e caminhos abertos nos dias em que o bloco está na rua. São obrigações internas, que acontecem envoltas pelos segredos do candomblé. Estes são repetidos desde o princípio, da mesma forma. O sábado de carnaval é o dia mais marcante e reúne centenas de pessoas na ladeira do Curuzu. A emoção toma conta de muitos, em um momento único do ano.

São “obrigações brancas”, porque o branco é o sinal da paz. São rituais à base de pombos brancos que eu solto: é o grito de da paz e da misericórdia para cobrir a cabeça de todos e levar a proteção, são pipocas bem alvinhas, milho branco cozido. A Saída do *Ilê* é uma satisfação para todos porque aberta ao mundo e todo mundo vê a Saída do *Ilê*, uma coisa tradicional que o povo faz questão de ver. (Siqueira; Silva, 1997, p. 17)



Constitui um universo de beleza

A ladeira fica coberta de branco, pedindo paz para todos. A pipoca e o milho branco são os elementos que compõem o momento, responsáveis por esta parte do ritual. Mãe Hilda fez este trajeto por muitos anos para



Ilê Aiyê Mãe Hilda no ritual de saída do Ilê no Curuzu. Fonte: Acervo da família.

realizá-lo, o que hoje é feito por sua sucessora juntamente com as filhas de santo da casa. Quando rufam os tambores e voam pombos brancos, saudando Lissá/Oxalá, na ladeira do Curuzu, aí sim estão abertas as atividades do Ilê Aiyê no carnaval de Salvador. Presenciei este momento por diversas vezes, mas é difícil compreender e valorizar estando tão perto, vendo de dentro. Precisei sair literalmente e ver de frente, com quase vinte anos de idade, para enxergar o real valor do ritual e da matriarca que o idealizou.

O ritual de saída do Ilê, idealizado por Mãe Hilda e realizado por ela por 36 anos, tornou-se conhecido mundialmente. Atualmente é transmitido pela TVE e incontáveis veículos da imprensa escrita, radiofônica



Mãe Hilda e sua filha de santo (Diva) no ritual de saída do Ilê.

Foto: Dadá Jaques.



e televisiva, que acompanham o momento e exibem em diversos lugares. Elotam o barracão do terreiro durante a preparação da Deusa do Ébano, por sua filha, Dete Lima. É um momento que se une ao ritual religioso, tornando-se parte da tradição do bloco no sábado de carnaval.

Apesar de participar ativamente de todas as atividades do *Ilê*, para Júlio Braga, Mãe Hilda se mantinha no plano da religiosidade, cuidando do bem-estar da caminhada e da saída. Para Braga, Mãe Hilda se mantém na integridade sacerdotal, já que, este é um aspecto importante: ela não o mistura ao lúdico, e, quando se aproxima deste, está ainda na sua configuração de sacerdotisa.

Aliadas às ações culturais do *Ilê* surgiram também as estéticas. Pois não havia como criar um bloco afro sem levantar questões como a da vestimenta e dos cabelos crespos daqueles que compunham o novo bloco. Antes da criação do *Ilê*, estavam em alta grandes



Mãe Hilda no ritual de saída do *Ilê* – Carnaval de 1987. Fonte: Acervo da família.



Movimentos Negros Estadunidenses, como os famosos Bailes *Black Power*. Durante este período, a moda usada pela população negra começou a adquirir características próprias; a mudança foi dos pés à cabeça: a calça era boca de sino e o cabelo *black power*. No início era apenas modismo, a juventude não permitia que eles percebessem as consequências daquelas pequenas alterações no estilo de vestir e no comportamento. Na época, tinha até disputa entre os bairros periféricos; os homens competiam entre si para ver quem dançava mais e estava mais bem vestido. Porém, os resultados superaram as expectativas, e essa juventude conquistou grandes transformações na sociedade.

A estética do *Ilê Aiyê* mudou radicalmente do seu primeiro desfile para o segundo, e da influência americana passaram à africanização do bloco, homenageando inicialmente um grupo étnico africano, os watusi³³.

O *Ilê Aiyê* criou uma identidade estética após o seu segundo carnaval, e foi Dete Lima, uma das filhas de Mãe Hilda e diretora fundadora da entidade, a responsável por toda essa transformação. A partir daí, Dete passou a assumir a organização e produção das fantasias para o carnaval. Porém, o bloco foi crescendo e as necessidades aumentando; começaram os shows, aumentou o número de ensaios e tudo isso exigia uma nova estratégia. Foi daí que o seu trabalho se desenvolveu:

A gente contava com a ajuda do antropólogo Waldeloir Rego, que era nosso conselheiro. Ele trazia muitos livros africanos, nós usávamos pra fazer pesquisas e escolher o tema do carnaval de cada ano. Além disso, tinham muitas roupas africanas, era a única forma de saber o que era usado lá e criar os modelos das fantasias do carnaval. Juntei esses modelos com o que via no terreiro de minha mãe e comecei a desenvolver os meus próprios modelos. (Dete Lima, 2013, apud Lima, 2014)

Ela acabou por trazer muitas consequências para a estética negra,

33 Os watusi são um grupo étnico africano localizado em Ruanda e ao leste do Congo.



inicialmente, através da produção de figurinos para dançarinas, cantores, percussionistas, rainhas e foliões do Ilê. Sem perceber, fez grandes transformações. Mudou a forma de vestir da sua geração e das posteriores. Mostrou-se capaz de estar à frente das grandes produções do Ilê sem nunca ter ido à África. Durante os 50 anos de existência do bloco, ela foi responsável pela criação de toda a indumentária utilizada pela instituição. Dete lembra como tudo começou:



Foto que inspirou a fantasia do segundo carnaval do Ilê. Fonte: Acervo pessoal da família.



Vivaldo Benvindo com fantasia do tema Watusi -1976. Fonte: Acervo pessoal da família.

No primeiro ano de carnaval a gente se reuniu pra costurar no barracão de minha mãe, peguei a máquina de costura, pedi algumas emprestadas e começamos o trabalho, esse ano foi simples, foram duzentos foliões, era uma espécie de lençol feito com um tecido estampado comprado aqui mesmo na Liberdade, numa loja que existe até hoje, Nazaré Magazine. Os tecidos eram muito bonitos, tinham vários tipos de estampas, muitas cores, bonitas e cheias de

vida. (Dete Lima, 2013, apud Lima, 2014)

Como decorrência do trabalho de Dete, muitos outros seguiram esse novo caminho. A revolução da estética negra começou neste país. Surgiram novos blocos afro, a exemplo do *Olodum* e *Malê Debalê*, junto com eles novos artistas, inspirados nos trabalhos realizados por ela para a produção do vestuário de seus foliões e dos componentes. Além dos penteados que passaram a ser utilizados por eles. Consequentemente, as mulheres, que antes penteavam com tranças os cabelos de suas filhas, começaram a ter uma rentabilidade desta forma, o que serviu também como um alerta para muitos jovens negros acerca da conscientização racial, utilizando todos esses aspectos culturais.

Através das artes, se conseguiu trazer toda essa juventude pensante pra dentro do *Ilê Aiyê*. Foi através dos trançados, dos bordados, da música, da dança, que esse povo invadiu e acreditou no *Ilê Aiyê*. Muita gente que tinha vergonha de botar um colar de búzios, de amarrar um torço na cabeça e tendo a sede e a casa do candomblé como referência, isso tudo puxou todo mundo pra cima e até hoje é escola pra muita gente. (Gilmar Sampaio, 2014, apud Lima, 2014)

Outra importante ferramenta utilizada pelo *Ilê Aiyê* para alertar a população negra foram as letras de músicas do bloco. Através delas, o *Ilê Aiyê* conscientizou racialmente multidões e sobrevive firmemente até hoje. Uma música que se tornou emblemática desde o início foi “Que bloco é esse?”, composta por Paulinho Camafeu:

Que Bloco é esse?

Que bloco é esse?
Eu quero saber
É o mundo negro
Que viemos mostrar pra você
Branco se você soubesse
O valor que o preto tem



Constitui um universo de beleza

Tu tomava banho de piche
Pra ficar preto também
Não te ensino minha malandragem
Nem tão pouco minha filosofia
Quem dá luz a cego
É bengala branca de santa Luzia
Somos crioulo doido
Somos bem legal
Temos cabelo duro
Somos black power
(Paulinho Camafeu)



Mãe Hilda no Ilê Aiyê no carnaval de 1978.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Essa é uma das primeiras músicas do bloco. O que justifica o susto que todos devem ter levado em um momento político delicado, como foi o fim da ditadura militar. Principalmente porque a questão racial era um

tabu para a maior parte da sociedade. É preciso muita coragem para sair cantando e dançando ao som dos tambores, ainda mais vestindo roupas estampadas e cabelos trançados ou *black power*. Mas alguém tinha que tomar a iniciativa; esses cem ou duzentos negros que ergueram juntos suas cabeças e foram às ruas naquele carnaval se refletem até hoje em cada conquista negra neste país.

Na década de 1970, quando o *Ilê* foi criado pelos jovens negros do Curuzu, surgiram também outras entidades negras, que tinham os mesmos objetivos do bloco, porém, lutavam por caminhos diferentes. O que na época causou uma certa disputa entre eles, pode ser considerado normal, já que se tratavam de jovens que não tinham muitas referências para seguir. Porém, segundo Maria de Lourdes Siqueira, Mãe Hilda ou Dona Hilda, como costumava chamá-la, sempre foi superior ao assunto.

Dona Hilda é um caso muito especial, porque esse pessoal que depois criou o MNU, e outras organizações, começou uma divisão, que se chamava de Movimento Negro Culturalista e Movimento Negro Político. Então existia essa divisão, mas dona Hilda era uma pessoa que ficava acima dessas questões, porque ela tinha postura, que era maior, que uma postura de uma pessoa que era mãe, que era educadora, que era uma líder comunitária, uma líder cultural, e aí coincide, que, com essa reunião dos orixás aqui na Bahia, a questão dos orixás ganha mais visibilidade, e ela era uma das lideranças. Dona Hilda foi em Congressos, ela foi a Serra da Barriga, ela foi em congresso em Brasília, nessas reuniões entre a igreja católica e o candomblé, de onde depois surgiram os agentes de pastoral negros. Então ela tinha uma liderança superior, ela não ficava entre aquelas pessoas. Dona Hilda entra numa situação privilegiada para os que conviviam com ela e um lugar privilegiado em que ela própria se colocou, pela postura dela, pela sabedoria dela, pela disponibilidade dela. (Maria de Lourdes Siqueira, 2013, apud Lima, 2014)

A contribuição de Mãe Hilda para o surgimento e manutenção do *Ilê Aiyê* foi reconhecida por diversas vezes. A primeira homenagem que o bloco prestou à sua matriarca foi ainda na década de 1970, com a música



Constitui um universo de beleza

Mãe Preta, escrita por Apolônio (idealizador e fundador do Ilê) e Jailson (diretor e fundador do Ilê):

Mãe Preta

Trinta anos de fé
Dos quais destinados
Ao culto do Candomblé

Eua colonaê didewá nagô
Agô agolonã
Eki maior didewá nijeô

(Apolônio de Jesus e Jailson das Virgens)



Mãe Hilda, Makota Valdina, Dete Lima e Maria de Lourdes

Siqueira, na Semana da Mãe Preta de 2001.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Após terem escrito essa música foi criado no Ilê um evento intitulado



"Semana da Mãe Preta", uma forma de homenagear as mulheres negras através da imagem de Mãe Hilda.

A celebração de 1979 em homenagem aos trinta anos de sacerdócio de Mãe Hilda preparava a futura criação do personagem ritual da Mãe Preta enquanto papel carnavalesco. "A Mãe preta, diriam os autores do cordel de 1983, foi e é ama, mestra e protetora". Reencontram-se aí os três conjuntos de valores anteriormente evocados: o trabalho íntegro e dedicado da "ama", a tradição religiosa da "senhora" do candomblé, enfim o sentido da família da mãe protetora. São três gêneros de maternidade que o personagem representa de uma vez só: mãe de leite, de santo e de sangue. (Agier, 1996, p. 201)

Assim como na *Semana da Mãe Preta*, para Agier, Mãe Hilda desenvolvia também no carnaval um papel importante, ressignificando a ideia de "Mãe Preta":

É no desfile que a personagem se torna ritual, carnavalesca, portanto, mas contrastando nitidamente com a "folia" do ambiente geral da avenida. Nesse contexto, é sobretudo a dignidade da sacerdotisa que é posta em cena, num ceremonial centrado na referência "africana". Tal como uma imagem, Mãe Hilda "desempenha" o papel da Mãe Preta, fazendo se juntar, até se confundir, as identidades do cotidiano e do ritual. Instalada imóvel numa cadeira de vime (vinda do terreiro) sobre a plataforma principal do único carro alegórico do bloco, a Mãe Preta encarna então uma parte da história re-escrita e dos valores morais que o bloco tenta escrever como um texto (uma "retórica") ao mesmo tempo político e moral sobre os negros baianos. (1996, p. 201-202)

Porém, a maior de todas as homenagens o *Ilê* lhe prestou ao completar 30 anos de carnaval, em 2004, quando ela foi o tema do bloco: "Mãe Hilda Jitolu – Guardiã da Fé e da Tradição Africana". Na ocasião, o Festival de



Música³⁴ do Ilê rendeu inúmeras canções falando sobre a sua trajetória, algumas delas aparecem neste trabalho. Transcrevo abaixo mais uma dessas canções, que permitiram e continuam a permitir ao Ilê contar a história do povo negro do Brasil e do mundo:

Comando Doce

Nigéria, Abeokutá, Brotas
Brotá com muito encanto
Hilda Dias dos Santos
Ano vinte e três com altivez
Quinta das Beatas pro Curuzu

Flor bela abriu nossas janelas
Escola Jitolu, Ilê Aiyê, Band'Erê,
Terreiro Jeje-Nagô Jitolu
Casa própria de Orixá e Vodum oh! Mãe
Obauaiyê, Oxum, Ilê Aiyê
Trindade cheia, homenageia
Tronco central além Carnaval

História viva, Curuzu, Mãe Hilda Jitolu oh! Mãe
Ojá, pano da costa, saia meiga, seda
Mãe Hilda mão das raízes infindas
Ancestralidade viva, octogenária
Jóia rara, antiga-contemporânea
Guardiã, nobre, herança africana oh! Mãe
Iyá Hilda Jitolu, Obaluaiyê Candomblé
Meu tripé minha Mãe Hilda adupé
Meu terreiro Jitolu adupé
Adupé, Obaluaiyê, xirê
Meus trinta anos Ilê Aiyê

(*Juraci Tavares, Luís Bacalhau e Ulisses Castro*)

34 O Festival de música do Ilê ocorre anualmente. Nele são eleitas as melhores músicas para o carnaval do ano seguinte, nas categorias tema e poesia.

Essa é mais uma das músicas do *Ilê* que retratam um pouco a vida da matriarca. Ao ser tema do bloco, Mãe Hilda teve sua trajetória de vida revelada, e foi comparada a grandes lideranças negras femininas, que, como ela, resistiram e muito lutaram por seus ideais.

Ontem, como hoje, temos exemplos de muitas mulheres que sempre lutaram mas também foram lideranças. A Rainha Nginga em Angola, lutando contra os portugueses. Dandara e Aqualtune no Quilombo de Palmares. E tantas e tantas mulheres, anônimas guerreiras que lutaram por um mundo melhor. Mãe Hilda pertence, também, a este tipo de linhagem. Ao proporcionar que do seu Terreiro surgisse um bloco afro com objetivos explícitos de combate ao racismo, em plena ditadura militar, e mais tarde, também que do seu Terreiro surgissem várias ações educativas, sem dúvida, Mãe Hilda se alinha a uma tradição de mulheres lutadoras que não abriram mão de seus compromissos ancestrais oriundos das energias irradiadas por Iansã, Yemanjá e Oxum. (*Ilê Aiyê*, 2004, p. 37)

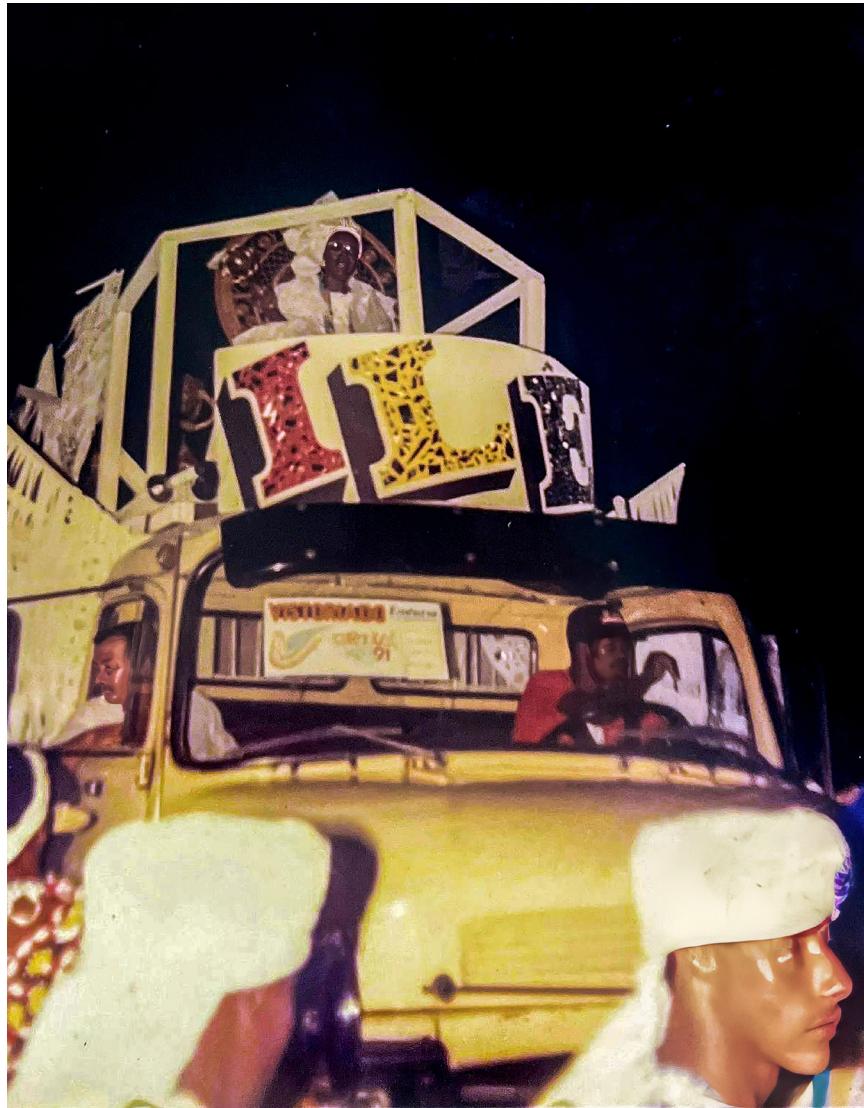
Tendo como maior símbolo de representatividade uma mulher negra, o *Ilê Aiyê* acabou por influenciar positivamente as mulheres negras como um todo, que se sentem representadas tanto na figura de Mãe Hilda quanto na beleza e expressividade das Deusas do Ébano do *Ilê*, eleitas anualmente na Noite da Beleza Negra³⁵. A exaltação da mulher negra, em todos os seus aspectos, faz do bloco uma referência quando se trata do assunto:

A figura ritual e poética da Mãe Preta ajuda portanto as mulheres negras e pobres a dar um sentido à sua existência e a torná-la mais respeitada na sociedade. Se o grupo ainda é comumente objeto de críticas e de acusações diversas (racismo ao avesso etc.), sua imagem da Mãe Preta é um dos seus maiores sucessos rituais, junto com a Deusa do Ébano, o rito da primeira saída no carnaval e o desfile! (Agier, 1996, p. 2003)

35 Evento realizado há 35 anos pelo *Ilê Aiyê* para eleger a Rainha do Bloco – a Deusa do Ébano.



Constitui um universo de beleza



Mãe Hilda no carro do Ilê no carnaval de 1991. Fonte: Acervo pessoal da família. Fonte: Acervo pessoal da família.

Dessa forma, o Ilê Aiyê e Mãe Hilda mudaram e influenciaram escolhas e comportamentos de incontáveis homens e mulheres negros e negras de todo o país. Foi, também, responsável pelo surgimento de muitas outras instituições negras. Mãe Hilda se fez presente em todos os passos dados pelo bloco, e, em entrevista dada à TVE em novembro de 2008, falou sobre seu apoio incondicional, “enquanto eu tiver viva eu tô dando conselho. Quando eu for me embora, deixo aí a força, a raiz em terra.”.



Mãe Hilda no desfile em sua cadeira, no desfile do Ilê Aiyê no carnaval de Salvador. Fonte: Acervo pessoal da família.

Muitas das pessoas que conviveram com Mãe Hilda a viam como uma mulher à frente do seu tempo. Se levarmos em consideração o fato dela não ter frequentado a escola em nenhum momento de sua vida esse fator ganha ainda mais destaque. Uma de suas grandes preocupações era, de fato, a ascensão do povo negro deste país:

Era uma pessoa de um tempo antigo, mas com uma mentalidade super atual, ela era muito organizada, tinha uma visão futurista. Então ela sabia quais eram os direitos dos negros, sabia dos direitos das mulheres, ela sabia o que isso puxava, uma mulher negra pra cima valoriza o negro. Então, isso era de uma pessoa comum,



onde a mulher negra era dona de casa, trabalhava servindo ao branco na maioria das vezes. Ela tinha essa mentalidade, de que nós somos iguais, que tínhamos os mesmos direitos. Que nós podemos estudar, que podemos fazer curso superior, mestrado, doutorado, isso tudo é o direito de todos. E mesmo que você não faça isso tudo, que você tenha o seu valor. (Gilmar Sampaio, 2014, apud Lima, 2014)

O *Ilê Aiyê* continua o seu trabalho cultural e educacional no Curuzu. Atualmente, desfila no carnaval com mais de dois mil foliões e permanece com a mesma bandeira contra a discriminação racial e pela igualdade de direitos entre brancos e negros. No carnaval de 2014 desfilou com o tema: "Do *Ilê Axé Jitolu* para o Mundo – Ah se não fosse o *Ilê Aiyê*".



Dete Lima e Mãe Hilda no lançamento do livro "Mãe Hilda – A história da minha vida", em 1996

A Escola Mãe Hilda

APESAR DE NÃO TER tido muitas oportunidades, Mãe Hilda sempre sonhou com um mundo mais igualitário e sabia que a melhor forma de alcançar tal objetivo era através da educação. Esta foi sua prioridade na criação de cada um dos seus filhos, e, sempre com muito afinco, acompanhou todos os seus passos.

Ela foi uma mãe muito dedicada, pra gente estudar mesmo, ela correu muito, participava de tudo. Quando a gente foi pra Escola Parque ela ia, ela brigava. Eu tava fazendo a 5^a série na Escola I, ela foi lá falar com Dona Carmen (diretora da escola), porque eu tinha perdido, e ela disse assim: é ninguém mais quer ser empregada, a gente não acha mais uma empregada pra botar dentro de casa. Aí mãe disse assim, não acha mesmo não, porque essa daqui nunca vai pra sua cozinha, e me tirou de lá. Depois foi procurar um colégio pra eu fazer o curso de admissão, porque assim eu ficaria atrasada. Aí achou uma vaga no Grêmio São Joaquim, eu e um monte de menina daqui do Curuzu. (Dete Lima, 2013, apud Lima, 2014)

A mesma dedicação que Mãe Hilda teve na infância e adolescência de seus filhos, transferiu para as crianças da comunidade. Motivada por essa preocupação com a educação, ela teve a ideia de fazer o que seria o papel do Estado: oferecer educação básica gratuitamente para a população:

Todos os meus filhos estudaram, ninguém parou de estudar pra trabalhar, porque eu nunca permiti, então via as crianças da comunidade sem escola e tinha muita vontade de ver uma nova realidade pra elas, abri as portas do meu terreiro pra a educação. (Mãe Hilda, 2007, apud Lima, 2007)

A Escola Mãe Hilda foi a grande realização da sua vida. Inaugurada em 1988, foi o primeiro passo para os projetos educacionais do Iié. Considerada por muitos uma mulher à frente do seu tempo, viu na educação o melhor caminho para alcançar grandes transformações. No início, as



Mãe Hilda com alunos da escola no barracão do terreiro – década de 1990.

Fonte: Foto Correio da Bahia.

aulas eram no próprio barracão do terreiro, suas filhas ensinavam e depois foram chegando outras professoras. O *Ilê* arcava com as despesas e o objetivo principal foi alcançado; muitas crianças foram alfabetizadas naquele pequeno templo religioso. Segundo Maria de Lourdes Siqueira, o que levou Mãe Hilda a fundar a escola foi um apelo da comunidade: "Dona Hilda dizia: Aqui não tem um colégio perto, essas crianças não podem ir pra longe, então elas ficam jogando bola na rua". Siqueira afirma que Mãe Hilda conseguiu apoio do professor Edivaldo Machado Boaventura, que era secretário de Educação. Ele, além de apoiar a criação da escola, mobiliou as salas e doou cadeiras.

Com a contribuição do então secretário estadual de Educação da Bahia, Mãe Hilda deu início às atividades. Eles se conheceram durante a implementação da primeira "Especialização em Introdução aos Estudos de História e das Culturas Africanas", realizado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com a Secretaria Estadual de Educação e outras instituições, entre elas o *Ilê Aiyê*. A partir desse primeiro contato eles se tornaram grandes amigos.

Eu conheci Mãe Hilda quando da criação da disciplina de Introdução de Estudos Africanos na Escola Secundária Baiana, projeto esse que Mãe Hilda deu todo apoio. Nos reuníamos lá com ela para estabelecer o currículo deste curso, que foi uma inovação muito grande, que está retratado no meu trabalho de Introdução aos Estudos na Bahia, relato de uma experiência, isso foi em 1984, 85 e 86. Nos reunimos lá com ela, eu, Arany Santana, Eugênia Lúcia Viana Nery, que era muito de lá, e esse apoio todo que ela deu pra gente. Tanto assim que eu a condecoro com a Medalha Castro Alves, ela recebeu essa medalha em vida. E para agradecer tudo isso, ela me ofereceu um almoço, preparado por ela. Eu me lembro do prato, "que galinha gostosa Mãe Hilda!", ela disse que era a galinha que se servia a mulher parida, uma galinha maravilhosa. Ela cozinhava divinamente bem. (Edivaldo Boaventura, 2014, apud Lima, 2014)



Escola Mãe Hilda – quando funcionava no barracão do Acé Jitulu. Fonte: Acervo pessoal da família.



A contribuição deste amigo foi fundamental para que Mãe Hilda realizasse o seu sonho:

Me tornei amigo da casa, amigo dela, sempre ela me chamava para as festividades, fui juiz do Concurso da Deusa do Ébano, eu, Mãe Stela, Waldeloir Rego. Meu contato com ela sempre foi muito grande, ela sempre muito atenciosa, com aquela meiguice. O que acho importante da personalidade de Mãe Hilda, é que era uma liderança de uma mulher meiga, uma mulher educada, de uma mulher que sabia das coisas, mas numa tranquilidade, numa paciência muito grande. Era uma personalidade tranquila, ela exalava tranquilidade e naturalidade. (Edivaldo Boaventura, 2014, apud Lima, 2014)

Foi ali mesmo, no terreiro do Acé *Jitolu*, que, mais uma vez, abrigou uma iniciativa e o barracão se tornou a sala de aula. No começo, funcionava apenas como reforço escolar ou uma base para os que ainda não tinham idade para entrar na escola regular.

Eu tinha muita vontade de implantar uma Escola aqui dentro do meu Axé. O terreiro é pequeno mas já tem a disciplina, que é uma escola para minhas filhas de Santo, e queria fazer uma Escola pras crianças daqui carentes, daqui da nossa comunidade, então acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola. (Siqueira; Silva, 1996, p. 20-21)

Apesar de ter cedido o barracão do terreiro para ser sala de aula da escola que leva o seu nome, Mãe Hilda manteve o calendário de festividades e as obrigações do terreiro, "temos as atividades do Candomblé, de ano em ano, mas sempre assim do final de um ano pro começo do outro, então não empata as atividades da Escola." (Siqueira; Silva, 1996, p. 21).

As primeiras professoras da Escola Mãe Hilda foram suas duas filhas mais novas, Hildemaria e Hidelice, que, mesmo sem muita estrutura, se dedicaram para dar início à realização do sonho da mãe. Hidelice Benta relembra como foi o começo: "juntas, eu e Hildemaria, depois foi crescendo, um foi passando pro outro, porque a gente não podia botar cartaz



na frente, porque não tinha licença. No início era só banca, aí o pessoal foi conhecendo. Por que era o sonho dela, fazer uma escola, agora tá aí a escola" (Hidelice Benta, 2013, apud Lima, 2014).

Hidelice continuou a trabalhar na Escola Mãe Hilda, dedicou toda a sua vida à educação das crianças da comunidade. Sempre foi muito reservada, porém, com o incentivo de sua mãe alçou vôos mais altos e foi a única filha a fazer uma graduação, lembrando dos conselhos que recebeu: "ela sempre dizia: se atire, seja alerta, se alerte viu, não fique parada não, seja firme. Tome suas decisões. Você fala pouco, tem que falar mais, você é muito fechada, por isso que eu tomei a iniciativa de entrar na faculdade, porque lá eu teria que falar." (2013, apud Lima, 2014).



Mãe Hilda com alunos da Escola Mãe Hilda, no barracão do Ilê Acé Jitolu, quando funcionava também como sala de aula – década de 1980. Fonte: Acervo pessoal da família.

Formou-se em Pedagogia em 2010 e hoje é diretora da escola, cargo que já vem exercendo há muitos anos. Foi com muita persistência que nasceu a Escola Mãe Hilda, fundada no ano do centenário da abolição da escravatura no Brasil, em 1988. Com princípios religiosos, ética e educação, criou seus filhos e os fez cidadãos, Mãe Hilda foi responsável pela formação de muitas crianças da comunidade e, através desta iniciativa, deu origem aos demais projetos educacionais do Ilê Aiyê.



A Escola Mãe Hilda possui um papel fundamental no bairro da Liberdade. Foi através dela que muitas crianças do local tiveram seu primeiro contato com a Educação Básica. No barracão do Acé Jitolu aprenderam não somente a ler e a escrever, mas adquiriram valores para toda a vida por meio dos ensinamentos de Mãe Hilda:

Na vida de Mãe Hilda tudo se entrelaça: Família, Terreiro, Escola, Comunidade, portanto ética, religião, educação, direitos humanos, solidariedade, cidadania, auto-estima, orgulho de ser negra e com toda dignidade.

Mãe Hilda convive com muitas personalidades religiosas brasileiras, africanas, afro-americanas, Ministros de Estado, Embaixadores de países africanos, artistas consagrados nacional e internacionalmente, professores, cidadãs e cidadãos.

As crianças da Escola Mãe Hilda, as professoras facilitadoras de aprendizagem sabem que a Diretora – fundadora é uma Iyalorixá, que a Escola funcionou, por muito tempo, em um Terreiro. Que em um Terreiro se celebram festas em homenagem aos Voduns e aos Caboclos. Sabem quem é OBALUAIYÊ, quem é Oxum, quem é Oxalá, quem Oxossi, quem é Logun Edé, quem é Iansã, quem é Yemanjá – Mãe de todos os Orixás e Voduns. (Ilê Aiyê, 2004, p. 25)

A escola possui um projeto pedagógico diferenciado das demais escolas da comunidade, focado no ensino da cultura afro-brasileira e africana. É importante ressaltar que, no momento da criação da escola Mãe Hilda, não havia nenhuma iniciativa parecida. Para tanto, foram aproveitadas as mesmas armas que serviram para conscientizar multidões acerca da questão racial: a música.

Passou-se a usar a música do Ilê como instrumento / ferramenta para o trabalho com as crianças. As músicas passaram de uma atividade do simples “cantar para o motivar” ou para “recreação” para ser a “lição” do dia, onde se podia interdisciplinar à vontade.

Na Escola Mãe Hilda não se ensina a religião do Candomblé. Na Escola os alunos aprendem acerca dos orixás, suas comidas, suas



lendas e histórias, seus animais preferidos. O que é possível ser ensinado e esclarecido, as professoras ou até mesmo Mãe Hilda explicam. O sagrado e o segredo, segundo afirma a Iyalorixá, é restrito aos iniciados. "Candomblé não se ensina vivencia-se", é o que Mãe Hilda sempre afirma. Ela diz ainda que religião é da responsabilidade da família e não da Escola. O papel da Escola, segundo ela, "é ensinar as crianças a respeitar toda e qualquer religião". (Ilê Aiyê, 2004, p. 32)

Dessa forma, com uma proposta pedagógica inédita no país, o Ilê Aiyê e Mãe Hilda inovaram ao anteceder o Estado com uma educação diferenciada. Com o Projeto de Extensão Pedagógica, que surgiu poucos anos após a criação da Escola Mãe Hilda, o Ilê adentrou outros espaços de educação do bairro da Liberdade. O que quero reforçar aqui é a antecipação da criação da Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo de todas as escolas públicas e particulares do país. Posteriormente, esta foi alterada pela Lei 11.645/08. Ao levar para a sala de aula a cultura afro-brasileira e africana, o Ilê Aiyê e a Escola Mãe Hilda se tornam referência do tema no Brasil.

A escola funcionou de 1988 até 2004 no terreiro de candomblé de Mãe Hilda, e só saiu de lá porque o Ilê inaugurou sua sede, a Senzala do Barro Preto, no dia 27 de novembro de 2003, onde funciona até hoje. Lá também ocorrem as demais ações educacionais do bloco, e foi inaugurada a "Sala de Leitura Mãe Hilda", uma biblioteca, para que os alunos possam realizar suas pesquisas e seus trabalhos escolares.

Escola Band'Erê

Cinco anos após a criação da Escola Mãe Hilda, em 1992, é fundada a Band'Erê, com as bênçãos de Mãe Hilda, dedicada às crianças e aos erês. Para ela, essas crianças, além de serem a garantia do futuro do Ilê, seria mais uma escola que tiraria as crianças da rua e da faixa de risco. (Ilê Aiyê, 2004, p. 32)

A ESCOLA BAND'ERÊ surgiu como uma forma de dar continuidade ao trabalho já realizado pela Escola Mãe Hilda. Entretanto, além de



Ruth Cardoso e Mãe Hilda no barracão do Acé Jitolu. Fonte: Acervo pessoal da família.

aprenderem sobre a cultura afro-brasileira e africana, são ensinados também a dançar e tocar instrumentos de percussão. Mas, para participarem das atividades oferecidas na *Band'Erê*, as crianças da comunidade devem estar matriculadas em uma escola regular e comprovar frequência. As lendas africanas, as histórias dos *voduns* e da luta do povo negro no Brasil também são parte do conteúdo do projeto.

A *Band'Erê* iniciou suas atividades entre o Acé e um pequeno espaço alugado, em frente ao terreiro, onde funcionou por alguns anos. Em seguida, suas atividades foram transferidas para outra casa alugada, próxima à atual sede do bloco, e, finalmente, em 2004, após a inauguração da Senzala do Barro Preto, todas as atividades educacionais do *Ilê Aiyê* ganharam uma casa nova e definitiva. Hoje as aulas de dança são realizadas em uma sala apropriada, as de percussão em um estúdio bem equipado e as demais aulas em salas diversas da sede. Os alunos recebem alimentação e fardamento gratuitos.

Projeto de Extensão Pedagógica

A **ESCOLA MÃE HILDA** gerou grandes consequências para o Ilê Aiyê, que, inspirado nesta primeira ação educacional, desenvolveu o PEP (Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê):

Eu abri as portas do meu barracão para botar uma escolinha de Primeiro Grau, e daí essa escolinha rendeu um projeto pra todas as Escolas daqui da Comunidade: Abrigo, Duque, Teresa Conceição, Celina Pinho.

As professoras dessas escolas se reúnem aqui uma vez por mês pra tomar um curso, para se especializar na Cultura Afro. E daí vêm outras coisas, outras oportunidades, tem aula de religião, tem aula de teatro, tudo isso vem acontecendo, foi uma coisa que eu queria, Deus me ajudou, que eu consegui que entrasse mais essa parte na história da minha vida. (Siqueira; Silva, 1997, p. 21)



Alunos da Band'Erê, na antiga sede do Ilê Aiyê.

Fonte: Foto do Acervo Ilê Aiyê.



A Escola Mãe Hilda foi a base para o desenvolvimento do Projeto de Extensão Pedagógica do *Ilê Aiyê*. Após a idealização e criação da escola, na década de 1990, os diretores do bloco viram o potencial que o tipo de ação poderia causar na comunidade. A entidade já trabalhava com temas diversos no carnaval, como os países africanos e personalidades negras em diferentes contextos, porém, se limitava apenas ao carnaval. A partir dali eles passaram a expandir aqueles temas trabalhados nas letras das músicas e criaram os Cadernos de Educação. O primeiro deles foi *Resistência Negra*, em 1995.

O PEP – Projeto de Extensão Pedagógica, criado em 1995, pelo *Ilê Aiyê*, tem como objetivo central construir uma pedagogia educacional que tenha como base o resgate das raízes da cultura africana e suas influências no Brasil, a partir da perspectiva de uma sociedade pluricultural. (Silva, 2004, p. 67)

Com este projeto, o *Ilê* adentrou as escolas públicas Tereza Conceição Menezes, Duque de Caxias, Pierre Verger e Abrigo dos Filhos do Povo, das redes municipal e estadual do bairro da Liberdade. E muito contribuiu para a formação de professores acerca da cultura afro-brasileira e africana. Os Cadernos de Educação do *Ilê* se tornaram fontes de pesquisa para todas as fases da educação,

[...] fazem parte das ações do PEP, tendo como objetivo principal encorajar os professores a utilizarem conteúdos complementares que não são contemplados com o sistema oficial de formação para o magistério. Com os Cadernos também pretende-se formalizar e sistematizar os conhecimentos do *Ilê Aiyê* em forma de material didático e de apoio ao professor, contribuindo de forma concreta para a criação de currículos e programas adaptados à realidade multi-étnica brasileira, uma vez que o material didático que chega às escolas não contém informações sobre a história dos africanos e dos afro-brasileiros. (Silva, 2004, p. 71)

Neles é possível encontrar informações sobre a África, a influência da cultura negra em diversos estados do Brasil, histórias de inúmeras

personalidades negras, as quais já foram tema do *Ilê* no carnaval. Este material penetrou não somente as escolas, mas também as universidades e contribuiu com muitas pesquisas de mestrado e doutorado em diversas instituições de ensino superior do país, e, em alguns casos, serviu como tema de vários trabalhos científicos.



Três edições dos Cadernos de Educação – Mãe Hilda Jitolu publicados, respectivamente, em 2004, 2009 e 2013. Fonte: Acervo pessoal da família.

Por já ter sido tema do *Ilê* no carnaval, Mãe Hilda possui a sua história contada em um desses cadernos, que já chegou em sua terceira edição, haja vista sua importância. A primeira, editada pelo *Ilê*, a segunda edição foi uma homenagem feita pela SEPROMI (Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia); e a terceira foi feita em 2013, pelo Ministério da Cultura, através da Fundação Cultural Palmares, também em parceria com a SEPROMI, em celebração aos 40 anos do *Ilê Aiyê*.

Em 1996, Maria de Lourdes Siqueira e Ana Célia da Silva se uniram para escrever o livro *Mãe Hilda: a história da minha vida*. O livro apresenta a história de vida de Mãe Hilda sobre o seu próprio olhar, com suas palavras. Uma série de relatos sobre diferentes momentos de sua vida, sua família biológica e espiritual. Essa foi a primeira obra impressa produzida para manter vivo o seu legado e muito contribuiu para a realização deste trabalho. Uma verdadeira colcha de retalhos construída a partir da oralidade das pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela, costurada pela publicação citada, que aparece aqui por diversas



vezes. Este texto nos oferece a voz de Mãe Hilda, em muitos momentos, unida à entrevista realizada com ela em 2007, enquanto escrevia meu Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, um livro reportagem, e ela foi uma das minhas personagens.

Na Serra da barriga

Separatismo Não

Zumbi
Encarna no Ilê
E luta para esse povo ver
Lutar
Se elege Zumbi
O tradutor de Obá
(Caj Carlão)

AINDA NA DÉCADA de 1980, iniciou-se no Brasil um movimento em torno das questões raciais, uma tentativa do Estado de reforçar a ideia da democracia racial brasileira. Entre suas ações estava a criação de um parque no local que sediou o Quilombo dos Palmares:

A criação de um parque histórico, na área onde existiu o Quilombo dos Palmares, refletia, também, as “preocupações” oficiais com as reivindicações de lideranças afro-brasileiras. A possibilidade de fazer desse Parque uma referência de nossa nacionalidade era uma resposta àqueles que estavam a fazer do Quilombo dos Palmares um espaço próprio de referência exclusivamente negra. Ao reafirmar a criação de um Parque Histórico naquela área, o Estado regulava algo que tinha sido, desde o período do Estado Novo, um tema considerado inoportuno. (Santos, 2005, p. 95)

Esse processo de valorização de espaços culturais negros tem início a partir de reivindicações dos próprios negros. No caso dos quilombos, essa luta é ainda maior, pois estes têm uma importância muito grande para população negra brasileira por representarem a resistência à escravidão imposta por séculos pelos brancos portugueses, como relata Cardoso:



[...] o quilombo passa a ser uma referência e símbolo de resistência e afirmação política. Para o Movimento Negro a experiência coletiva dos quilombos foi uma das formas mais ricas de organização e luta do povo negro brasileiro pela liberdade, onde negros e negras, se rebelaram contra a violência racial da escravidão, ocuparam as terras virgens de difícil acesso, reorganizaram a sua vida em liberdade baseada na herança cultural africana. Além de representar uma ação militar aos ataques dos colonizadores brancos; faziam diversas incursões às fazendas, guerreavam com fazendeiros e resgatavam homens e mulheres negras na condição de escravos. (2002, p. 65)

Um deles ganhou maior destaque pelo tamanho e, sobretudo, pelo tempo que resistiu, o de Palmares, que foi cruelmente destruído e teve seu último e principal líder Zumbi morto. Foram 100 anos de luta (1595 a 1695) para manter vivo o mais famoso quilombo do Brasil, apesar da grande perseguição, como relata Cardoso:

Com a destruição de Palmares pelo exército colonial comandado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho em 1694, Zumbi foi morto no dia 20 de novembro de 1695. Depois de esquartejado e mutilado, Zumbi teve sua cabeça exposta no "lugar mais público" da cidade do Recife em Pernambuco, "para satisfazer os ofendidos" e "assustar" os negros que acreditavam ser Zumbi imortal.

Entretanto, Zumbi, tornou-se um exemplo para as gerações futuras, um exemplo de luta e de amor à liberdade, imortalizando-se como um símbolo na luta antiescravista e libertária e até hoje, na luta contra o racismo e pela realização da justiça social e política para o conjunto dos negros excluídos da sociedade brasileira. (2002, p. 65-66)

A imortalidade de Zumbi está mais do que provada para o povo negro do Brasil, pois até hoje ele é o símbolo de luta e resistência negra. O dia 20 de novembro é oficialmente o *Dia Nacional da Consciência Negra*³⁶.

36 Data instituída pelo Movimento Negro brasileiro como o marco das reivindicações da comunidade negra, por ser o dia da morte de Zumbi dos Palmares.



Não há uma mulher ou um homem negro neste país que não tenha ouvido falar em Zumbi dos Palmares. Instituições diversas do Movimento Negro se reúnem todos os anos, em diferentes estados, para comemorar esse dia e também para exigir seus direitos.

Entre os feitos políticos e sociais de Mãe Hilda está a sua visita ao Quilombo dos Palmares a partir de 1981. Para tanto, foi por diversas vezes, acompanhada de filhos e filhas de santo, para auxiliarem naquela missão. Na década de 1980 as preocupações com as questões raciais cresceram muito e o número de instituições negras aumentou significativamente.

Em abril de 1980, militantes negros, intelectuais e funcionários da Fundação Pró-Memória, do Ministério da Cultura, fizeram a retomada da Serra da Barriga e firmaram as bases para a fundação do Memorial Zumbi, criado em 20 de novembro daquele ano, dia da morte de Zumbi dos Palmares.

Do ato de Fundação do Memorial – com o primeiro ritual de subida – que se repete até os dias de hoje, participam dezenas de negro(as), dentre eles as saudosas Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, autoridades governamentais e universitárias, além dos afoxés Ilê Aiyê, Malê, Orumilá e Badauê. E personalidades negras: mãe Hilda, que realizou os rituais religiosos e Abdias do Nascimento, que discursou. (Menezes, 2005, p. 45)

A primeira visita de grupos do Movimento Negro aconteceu em 1980, entretanto, nesse primeiro momento, Mãe Hilda não acompanhou o grupo, indo somente no ano seguinte, como descreve Serra:

No dia 20 de Novembro de 1980 nós fomos à Serra da Barriga e levamos o Ilê. Por que Alagoas e Maceió, embora tenham quilombolas e indígenas no estado, eles fazem com que não os vejam, são invisíveis. Em termos de arte negra, produção cultural, musical, não faz sentido pra eles. Tem ótimos cantores, ótimos compositores, mas a negritude é invisível. Então levamos o Ilê, pra dar um choque, foi um sucesso, porque a meninada que foi do Ilê, não só conheceu um sítio histórico importante.

Nós levamos essa briga adiante, primeiro pra conseguir que o poder estatal tombasse a Serra como patrimônio histórico nacional, segundo, que desapropriasse, porque aquilo tava na mão de fazendeiros, claro, que eram herdeiros de quem exterminou o quilombo. Conseguimos que fosse feita a desapropriação e a Serra está lá como patrimônio.

No ano seguinte, em 1981, é que nós levamos essa parte religiosa da cultura negra. Mãe Hilda, pedimos a ela pra que fosse devidamente instrumentada para que fosse fazer o axexê de Zumbi. O massacre foi tão grande, que tinha que ter uma cerimônia religiosa, para que a gente, depois de tantos séculos, pudéssemos dizer, estamos aqui, somos continuidade de vocês. E o bonito de Palmares, é que a gente sabe que não era algo só dos negros que fugiam da escravidão, era dos indígenas também, fugidos igualmente da escravidão. (Olímpio Serra, 2013, apud Lima, 2014)

Mãe Hilda foi convidada por Abdias do Nascimento e Olímpio Serra para realizar rituais religiosos em homenagem a Zumbi dos Palmares, como relatou abaixo:

Fui convidada em 1980 quando começou com a descoberta da Serra da Barriga pra ir lá fazer as obrigações de 1981 em diante. Fui porque o homem era de Santo, Zumbi era filho de Ogum.

Eu fui fazer umas oferendas, “arriar” pela parte de “Egum, Baba Egum”, essas oferendas que se faz quando “vai” um ser da parte da religião. É claro que não precisava mais obrigação de “Axexê”, mas enquanto as coisas necessárias para arriar e rogar por esse homem, que foi uma grande figura, e que hoje em dia é um BABÁ, com muita força e muita energia, trabalhando para os negros que estão no mundo, ele defendendo na parte espiritual. [...]

A chegada foi um pouco difícil, porque pra chegar no ponto certo, no topo da Serra da Barriga, eu tive que montar num burro pra me levar até a Serra, mas fui com muito prazer, debaixo daquelas palmeiras, levei o que eu tinha que levar pra Babá Zumbi dos Palmares. (Siqueira; Silva, 1997, p. 17)



Mãe Hilda subindo a Serra da Barriga ao lado de Abdias do Nascimento e outros ativistas do Movimento Negro. Fonte: Acervo pessoal da família.

Olímpio descreveu com riqueza de detalhes a participação de Mãe Hilda nas cerimônias em homenagem a Zumbi dos Palmares, nas inúmeras vezes que foram juntos no dia 20 de Novembro, durante a década de 1980. Além das obrigações religiosas que ela realizou para Zumbi, também participava ativamente de outros atos importantes:

Mãe Hilda foi para a cerimônia levando ekedes, outras sacerdotisas. Mãe Hilda passou a ir todo ano, a nosso convite. Ela passou a dormir lá na Serra da Barriga, toda a turma que ia com ela dormia lá. Ficavam lá, não ficavam em hotel não. Era uma casa de moradores lá, a gente conseguiu e ela ficava lá.

Nas cerimônias cívicas, em geral a gente sempre pedia a ela pra ser quem hasteasse a bandeira do Brasil, na cerimônia de cantar o hino nacional, essa coisa toda. Que era um modo nosso de mostrar, não só para Alagoas, mas pro país, dentro das comemorações cívicas do país, uma das mais importantes lyalorixás.

Além dessa participação religiosa, a gente tinha a alegria de ter uma

pessoa como Mãe Hilda, nesse movimento, ela tinha plena consciência de tudo isso. E das coisas curiosas e gostosas que ela fazia, depois dessa cerimônia cívica, ela fazia uma roda de samba dela, samba de roda mesmo, e só entrava quem ela deixava. Entrava algum gaiato, ela botava pra fora. Essa participação dela, foi pra nós, muito significativa, o bonito do movimento todo da Serra da Barriga, foi que nós tivemos líderes de movimento negro, de posturas diferentes, de modos diferentes de pensar, que se juntaram numa tarefa prática, pra fazer o Estado brasileiro olhar aquilo como um monumento histórico importantíssimo. (Olímpio Serra, 2013, apud Lima, 2014)

Mãe Hilda foi diversas vezes à Serra da Barriga entre 1981 e 1988. Após esse período voltou mais uma vez, no tricentenário de morte de Zumbi dos Palmares, em 1995. Nessa época, a Serra da Barriga já era conhecida por mais pessoas; as comemorações do dia 20 de Novembro cresceram cada vez mais, segundo observação feita por ela:

Nos 300 anos agora recente eu fui levar o meu apoio e minha presença, porque já tinham outras pessoas lá também, outras irmãs, outros irmãos de outros estados, que também foram levar seu conhecimento, o Saber, para falar alguma coisa sobre Zumbi, mas eu sendo a pioneira levei o que eu podia levar, levei minha presença e o que ele tinha direito, dado por mim. Fui novamente levar na Serra da Barriga. (Siqueira; Silva, 1996, p. 18)

Aquela foi a última visita de Mãe Hilda à Serra da Barriga. Porém, o Ilê Aiyê continua a ir para Serra em algumas manifestações em homenagem ao grande líder Zumbi dos Palmares, imortalizado também nas letras das músicas do bloco, e, principalmente, na frase que encerra a música "Negro de Luz", de Edson Carvalho, composta em 1989, quando o Ilê Aiyê completou 15 anos de história:

**Se tiver de ser!
Será assim: nós faremos Palmares de novo
Vamos escrever a nossa verdadeira história**



Constitui um universo de beleza

**Zumbi não morreu, ele está vivo em cada um de nós
Será que eles não vêem?
Será que eles não ouvem o nosso grito de liberdade
Valeu Zumbi!**



Abdias do Nascimento beija o solo do Quilombo dos Palmares, em 20 de novembro de 1988, na presença de Mãe Hilda, Lélia Gonzalez e outros ativistas do Movimento Negro.
Foto de Januário Garcia disponível em: <http://mamapress.wordpress.com/2011/05/24/cinzas-de-abdias-nascimento-vao-para-o-chao-que-ele-beijou>



Estrela guia, desde os
tempos de criança³⁷

37 Matriarca do Curuzu, composição de Paulo Natividade.



Mãe Hilda fez sua história

Fez-se conhecer pelo mundo

COMO CONSEQUÊNCIA DE todo trabalho desenvolvido por Mãe Hilda ao longo dos seus 86 anos de vida, foram muitas as homenagens recebidas. Mãe Hilda, assim como as mulheres negras do seu tempo, lutou para que seus filhos tivessem acesso à educação, de modo muito diferente do que ocorreu em sua infância e juventude, e todos concluíram os estudos básicos. Empenhou-se para que nenhuma de suas filhas "adentrassem a cozinha dos brancos" para trabalhar. Foi uma guerreira negra, que não teve acesso à educação, porém, soube reivindicar seus direitos como poucos em um período complicado da história do negro neste país.

Tinha o sonho de um dia se tornar conhecida e respeitada por todos. Uma das situações que muito lhe incomodou durante um longo período foi ver seus filhos serem humilhados por alguns vizinhos, que, por terem uma condição financeira superior à sua, achavam que podiam ofender e desfazer da família de Mãe Hilda. Mas isso não a abateu, muito pelo contrário, por toda a sua vida alimentou o sonho de um dia se fazer conhecida, como afirma seu filho:

Ela falava muito, porque o vizinho aqui ficava dizendo que ela nunca ia ter uma casa de bloco, que a gente ia ficar o resto da vida naquela



casa de taipa, ficava criticando. E nós crescemos e depois, com a criação do *Ilê Aiyê* e o crescimento dela dentro da religião, eles em vida, viram que a coisa não era bem assim. E nós não tínhamos televisão, não tínhamos geladeira, não fomos a última família aqui, mas fomos uma das últimas. A primeira televisão nossa foi uma preta e branca, que ela trouxe de São Paulo. Era uma televisão pequena, mas pra gente foi o máximo aquilo. Antes a gente assistia televisão na casa dos vizinhos aqui. (Vivaldo Benvindo, 2013, apud Lima, 2014)

De fato, Mãe Hilda superou os obstáculos que a vida lhe impôs, e, com o surgimento do *Ilê*, a Mãe de Santo do Terreiro *Jeje Savalu*, da ladeira do Curuzu, ganhou o mundo e as páginas de jornais e revistas, além de importantes livros, que falam sobre as mulheres negras do Brasil. Ela desejou ser conhecida e reconhecida pelo seu trabalho:

Um dia, eu conversando com minha mãe, ela disse que sempre quis que um dia todo mundo ouvisse falar no nome dela. Quando ela recebeu a chave da cidade, ela me disse assim: tá vendo meu filho, eu não disse a você que um dia todo mundo ia ouvir falar de mim, eu recebi a chave da cidade, a chave que abre e fecha as portas da cidade, foi só durante o carnaval, mas todo mundo ouviu falar de mim. (Gilmar Sampaio, 2014, apud Lima, 2014)

A chave da cidade no carnaval de 2001 foi apenas uma das muitas condecorações que Mãe Hilda recebeu ao longo da vida. Sua contribuição para a valorização da religiosidade afro e para a cultura negra foram reconhecidas de diversas formas, em muitos momentos de sua vida, através das muitas homenagens recebidas por ela. Abaixo listo algumas delas:

- *Cartão Postal* com a foto de Mãe Hilda, em homenagem aos 50 anos de dedicação ao candomblé, em 1992;
- *Medalha Dois de Julho*, entregue pela prefeitura de Salvador no dia 20 de novembro de 1995;
- Em 1998 recebeu a *Comenda Maria Quitéria* concedida pela Câmara Municipal de Salvador, através de um projeto de resolução do então vereador João Carlos Bacelar;



- Em 2001 recebeu a *Chave da Cidade* durante o carnaval;
- *Mãe Jitolu – Guardiã da fé e da tradição africana*. A maior de todas as homenagens lhe foi feita dentro de casa. Mãe Hilda foi tema do *Ilê* no ano em que o bloco completou 30 anos de trajetória. As festas deste aniversário foram especiais para ela, já com 80 anos de idade. O carnaval de 2003 foi em sua homenagem;
- Foi indicada ao *Prêmio Nobel da Paz* em 2005 pelo trabalho realizado a favor da comunidade do Curuzu e Liberdade. Entre as 52 brasileiras, quatro eram baianas, que estavam entre as 1000 mulheres do mundo inteiro;
- *Prêmio Nacional de Direitos Humanos*, em 2005. O prêmio foi criado em 1995 e anualmente é concedido pelo Governo Federal a pessoas e organizações que tenham desenvolvido trabalhos de destaque na área de Direitos Humanos no Brasil. Mãe Hilda recebeu o prêmio na categoria “personalidades”;
- Homenagem concedida pelo *Conselho de Cultura do Estado da Bahia*, no dia 20 de novembro de 2006.

Em uma das homenagens recebidas por Mãe Hilda, o professor Júlio Braga foi responsável por proferir um discurso relatando um pouco da história e da importância da Iyalorixá, o que, para ele, “foi uma surpresa, tendo em vista que o Conselho de Cultura do Estado da Bahia, nunca deu importância às questões raciais”. Na ocasião, ele era o presidente do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia:

O simbólico disto é ver que um conselho marcadamente ocidentalista, que dá pouca atenção às coisas afro-brasileiras de repente faz uma sessão extraordinária para reverenciar uma personagem, que para nós, sabemos todos da importância, mas que para eles não teria nenhuma importância. Fui eu quem levou a questão para o conselho e fiz uma grande homenagem a ela. (Júlio Braga, 2013, apud Lima, 2014)

Sua história se tornou conhecida e é referência para os adeptos das religiões de matrizes africanas. Mãe Hilda Jitolu pode não ter compreendido a importância de ter aceito o candomblé e consequentemente de toda a sua família, porém, somente hoje é possível perceber sua relação com o Acé como uma conquista do movimento negro da Bahia e do Brasil.



Seu principal papel enquanto mulher negra foi manter viva a chama da história do povo negro do Brasil. Com muito cuidado e dedicação, ensinou não só seus filhos biológicos, mas também os espirituais, os quais *Olorum* reservou para ela. Mãe Hilda é fundamental para a religiosidade baiana. Ela, assim como muitas *Iyalorixás* baianas, como Mãe Stella, Mãe Menininha do Gantois e muitas outras enfrentaram o preconceito e venceram sua principal batalha: difundir a religião de matriz africana na Bahia, no Brasil e no mundo. Mãe Hilda sempre soube lutar por seus direitos, destacando-se também como uma liderança política constantemente preocupada com os problemas sociais e com a educação. Executou com propriedade o que, de acordo com Helena Theodoro, pode ser considerado o papel de uma liderança religiosa de matriz africana. Pois, segundo ela, a mulher negra se estrutura como uma pessoa que toma para si a responsabilidade de manter a unidade familiar, a coesão grupal e preservar as tradições culturais e religiosas de seu grupo. Isto ocorre devido à nova realidade que a opressão econômica e a discriminação racial pós-abolição criaram no seio da sociedade brasileira. E vai além, garantindo que as mulheres das comunidades-terreiro são caracterizadas por um passado de luta, determinação e resistência, e simbolizam o que podemos identificar como a "mulher de candomblé". Estas enfrentam adversidades e problemas de qualquer ordem, mas ainda assim se distinguem por uma auto-imagem e uma autodefinição como mulher sem papas na língua, de raça, que não têm medo de nada (Theodoro, 2008, p. 92–93).

O papel determinante de Mãe Hilda na fundação do *Ilê* é um dos exemplos de persistência e dedicação a uma causa, nesse caso, o combate ao racismo e a luta pela igualdade. Além das homenagens que recebeu, sua presença em um número significativo de publicações que retratam histórias de mulheres negras pode ser apontado também como resultado. Abaixo apresento alguns dos títulos que fazem referência à Mãe Hilda:

- 1000 Peace Women: Across the Globe, 2005;
- Mulheres do Tempo, Mulheres no Vento, 2006;
- Brasileiras Guerreiras da Paz, 2006;
- Mulheres Negras do Brasil, 2007;
- Mulheres de Axé, 2013.



Mãe Hilda e a imprensa baiana

MÃE HILDA SE TORNOU uma figura conhecida da imprensa baiana; deu incontáveis entrevistas às diversas emissoras de TV do estado, participou de documentários e inúmeras entrevistas aos jornais impressos. Levando em consideração todos esses fatos, é notório que ela realizou seus sonhos, e, aliado a isso, ela contribuiu direta e indiretamente para a valorização da religiosidade de origem africana. Foram muitas suas aparições na imprensa baiana. Em uma das entrevistas concedidas para a televisão, Mãe Hilda falou sobre suas realizações, sobretudo, as que construiu durante sua vida, apesar do seu pouco conhecimento:

Eu me sinto realizada, eu digo assim, sou uma pessoa que tenho tudo, porque agradeço esse pouco que Deus me deu e com a pouca sabedoria, o pouco conhecimento que eu tenho de instrução, mas tenho graças a Deus uma memória, uma sabedoria, eu procuro ajudar aqueles que precisam de ajuda. Porque eu acho que a leitura está em primeiro lugar, é uma grande ajuda pra o mundo. (Mãe Hilda, 2002)³⁸

Se já em 2002 Mãe Hilda se dizia uma pessoa realizada, é sinal de que sua missão na terra, no Aiyê³⁹, foi cumprida de forma satisfatória. A mesma lição passou com sabedoria para os seus filhos, conforme descreve Vovô:

Eu tenho uma vantagem sobre a maioria dos filhos de famílias negras da Bahia. Pois sempre soube ser um descendente da Família Negra de "Lá". Sempre fui orientado a procurar ser o melhor em todos os sentidos, pois negro sempre é vilão, e eles nunca se preocupam conosco, e por isso faço minha parte e tenho tanto orgulho dessa minha formação de categoria em negritude. Obrigado Mãe, por ter me formado esse produto que mudou a cara e a cabeça da Bahia. (Ilê Aiyê, 2004, p. 18)

38 Entrevista exibida pela TVE em agosto de 2002.

39 Terra em yorubá.



Momentos importantes da vida de Mãe Hilda, como a indicação ao prêmio Nobel da Paz, entre as mil mulheres do mundo inteiro, em que haviam apenas 52 brasileiras e dessas 4 eram baianas, foi um dos momentos mais noticiados pela imprensa. Além de Mãe Hilda foram indicadas Mãe Stella, do *Ilê Axé Opô Afonjá*; Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas; e a advogada, escritora e ativista política, Ana Montenegro.

Porém, o momento de maior visibilidade, durante o ano, sempre foi o carnaval. Era na saída do *Ilê*, no sábado de carnaval, que toda a imprensa local, e muitas vezes internacional, se voltava para a casa simples, na ladeira do Curuzu, de onde sai o bloco. Aquele, sem dúvida, era um momento ímpar; havia sempre muita emoção e espiritualidade envolvendo aquela celebração.

E foi assim que a casa de número 233, da Ladeira do Curuzu, se transformou em cenário de filmes, documentários, clipes e outros produtos audiovisuais. Fruto de todo o trabalho realizado ao longo de sua vida. Mãe Hilda foi mãe em todas as suas formas de ser, biológica, espiritual, e acolheu de braços abertos os que chegaram à sua porta. Os problemas nunca deixaram de existir, porém ela tinha uma fórmula para lidar com todos eles. Em uma das inúmeras entrevistas concedidas à TVE, ela revelou "Sempre na estrada da vida a gente encontra um empecilho, mas quando a pessoa tem calma, pensa, reflete, ela passa por cima do empecilho." (Entrevista exibida em janeiro de 2003).



Um ser vivo de luz⁴⁰



Como ela é vista

QUANDO INICIEI O MEU trabalho de campo para escrever este livro, dei prioridade às entrevistas externas com pessoas distantes da família de Mãe Hilda, como uma forma de me afastar ainda mais do meu sujeito de pesquisa. Quis ouvir a parte da história que outros contariam. Não queria sentimentalismo em excesso, pois imaginava que começar pela família poderia ser algo dramático, tanto para mim quanto para os filhos dela, que, neste caso, são meus tios e minha mãe. Afinal de contas, se tratava de um trabalho acadêmico. Pois bem, parti para o campo, fui à procura de intelectuais, como Olímpio, Ordep Serra e Júlio Braga. Pois pensei que estes não falariam como amigos ou algo assim, e o que ouço ao me deparar com estes três intelectuais? Para minha surpresa, eram apenas elogios, mas não era isso que procurava. Estava em busca de relatos objetivos, diretos e incisivos sobre a história de Mãe Hilda.

O interessante, eu acho, dessa sua preocupação com a biografia de Mãe Hilda é de suma importância no meu modo de ver, porque ela teve uma importância inegável numa série de momentos da luta pela igualdade no Brasil. No meu depoimento vai muito da amizade enorme que tivemos e do meu sentimento, eu até hoje não consegui voltar ao Curuzu, depois da morte de Mãe Hilda. Eu sei que vai ser um choque

significativo pra mim. Porque minha relação com ela foi também uma relação filial. Também em razão assim da generosidade dela, da afeição que ela tem e vice versa. (Olímpio Serra, 2013, apud Lima, 2014)

O professor Ordep lembrou saudoso de Mãe Hilda. Percebi um carinho enorme na sua fala. Assumo que fiquei surpresa com tanta admiração:

Eu gostava muito dela, ela era uma pessoa adorável, muito bondosa, tranquila, passava uma segurança muito grande, era uma grande Iyalorixá, eu tinha uma admiração muito grande por ela. Ela sabia do papel dela pro Ilê, sabia da importância do Ilê na Bahia, pra o Brasil todo, então eu fiquei fascinado, ela é uma pessoa encantadora. Muito inteligente também, sábia. Eu a considero uma das grandes Iyalorixás da Bahia, não só pela dignidade e seriedade dela no culto, mas pelo papel positivo que ela teve, e saber mobilizar, entusiasmar, encantar a juventude negra, foi uma coisa importantíssima. Ela não era mãe de santo de ficar restrita ao espaço do seu terreiro, o terreiro acabou sendo de certa forma, a Bahia toda, a Bahia negra. Ela acolheu, ela valorizou, ela deu força, era uma pessoa muito acessível, tranquila, tinha todas as virtudes de uma grande mulher, de uma grande mãe de santo. Eu tenho muita saudade dela. Ela deixou uma marca poderosa aqui na Bahia, você deve ter orgulho, porque o que ela fez foi muito bom, muito importante. Deixou um belíssimo exemplo também. (Ordep Serra, 2013, apud Lima, 2014)

Em muitos momentos me emocionei com essas entrevistas, que, para mim, inicialmente, seriam simples relatos sobre a importância política de Mãe Hilda. Foi através delas que compreendi o tipo de liderança que ela, inconscientemente, utilizou para chegar aonde chegou. O professor Edivaldo Boaventura foi um dos que apontaram esse lado dela:

O grande sucesso que o Ilê teve foi por causa da liderança afetiva de Mãe Hilda. O que acho importante da personalidade de Mãe Hilda é que era uma liderança de uma mulher meiga, uma mulher educada, de uma mulher que sabia das coisas, mas numa tranquilidade, numa paciência muito grande. Era uma personalidade tranquila, ela exalava



tranquilidade e naturalidade. Eu acho que ela representa muito, pelo apoio que ela deu a Vovô para o Ilê ser o bloco que é hoje, do bom gosto, da linha estética. A personagem dela e como se projetou na Liberdade, uma líder do bairro e benfeitora, porque têm outros serviços que ela prestou ao bairro, não foi só a educação. O crescimento do Ilê como grupo afro descendente, a linha estética que tem, tudo isso partiu dela. Evidentemente que tudo isso é reflexo da sua religiosidade, estou certo de que ela fazia tudo isso por uma motivação religiosa muito forte. Ela tinha absoluto respeito às pessoas, de moralidade também. (Edivaldo Machado Boaventura, 2014)

Foi essa liderança que a fez ir tão longe, uma liderança de voz mansa e firme, sem alteração no seu tom. Características que a fizeram penetrar os diversos espaços da sociedade baiana e brasileira. Por esses e outros motivos, para muitos, ela foi uma pessoa muito querida:

Ela era uma pessoa muito séria, conhecia bem seus ritos, e teve esse mérito, foi a primeira pessoa que fez um rito fúnebre para Zumbi. E ela era muito querida pela juventude negra toda, era uma pessoa muito querida por todos, muito respeitada, muito estimada, eu sou fã dela até hoje, acho ela uma pessoa ótima. Teve um papel importantíssimo, sem ela o Ilê Aiyê não teria sido o que foi. O Ilê Aiyê tem um peso, uma importância na história da Bahia muito grande. (Ordep Serra, 2013, apud Lima, 2014)

A família de santo de Mãe Hilda

ENTRE OS SEIS FILHOS DE Mãe Hilda, cinco foram iniciados, a única que não chegou a ser foi Hildelita, que faleceu ainda na infância, e pouco se sabe sobre ela. Entre os demais, dois são filhos de Lissá/Oxalá, o primogênito Antônio Carlos Vovô e a sua caçula, Hidelice Benta, a única que herdou o “Benta” de sua avó materna, também de Lissá/Oxalá. Vovô é Ogã de Azonsu e Hidelice recebeu o cargo de Iyalorixá após o falecimento de Mãe Hilda. Ela tinha uma ligação muito forte com Lissá/Oxalá, um Vodum associado à criação do mundo. Dete é filha de Tobossi/Oxum, e Ekede de Azonsu há mais de quarenta anos. Vivaldo é Ogã de Azonsu, filho de Logun Edé e Hildemaria era filha de Jauci/Oxossi. Todos os filhos

foram iniciados na casa de Mãe Hilda por pessoas da sua confiança e são eles que dão continuidade às atividades da casa. Maria de Lourdes aponta o diferencial de Mãe Hilda, que garantiu a continuidade do terreiro e de sua tradição mesmo após sua morte.

Dona Hilda tinha uma inteligência rara, ela era uma senhora de poderes extraordinários, nunca ninguém tratou de até onde iam os estudos dela, mas ela era uma pessoa de que não fazia diferença, como todo mundo nessa casa. Ela é uma liderança maior, ela é uma pessoa especial, o que torna dona Hilda uma pessoa especial, não é só bondade, ela é uma pessoa boa, mas é a competência, e é isso que precisa ser resgatado. Precisamos lembrar dos saberes dela, como ela sabia administrar, como ela sabia educar, como ela sabia disciplinar, orientar. (Maria de Lourdes Siqueira, 2013, apud Lima, 2014)

A disciplina e orientação de Mãe Hilda em sua casa é visível no cotidiano de cada filho de santo. São esses mesmos filhos de santo, juntamente com os filhos biológicos de Mãe Hilda, que dão continuidade às obrigações tradicionais da casa e das que antecedem a saída do Ilê no sábado de carnaval. Colocando em prática tudo que aprenderam com a sua líder. Sempre pedindo paz a *Lissá/Oxalá!*

Mãe Hilda e seus descendentes

Meus filhos cresceram vendo que eu tenho
fé e pratico a tradição do candomblé.
(Ilê Aiyê, 2004, p. 27)

APROVEITO ESTE ESPAÇO para falar como neta de Mãe Hilda, que, para mim, sempre será “vovó”, com todo o carinho que sempre a chamei, pois foi isso que sempre recebi. Nasci e fui criada na ladeira do Curuzu, numa casa construída sobre a casa dela, com meus pais e irmãos.

O que me fez escrever este trabalho foi a admiração, a qual só aumentou após sua morte, em 19 de setembro de 2009. Dei-me conta de como ela soube conduzir sua vida e dos ensinamentos que nos deixou, não falo da sociedade, e sim da sua família biológica. Enquanto realizava esta



pesquisa, e observava a família, nas principais comemorações restritas do ano, pude perceber o quanto dela ainda está presente em cada um de nós, na forma e na fartura de tudo que fazemos.



Mãe Hilda e suas netas (Valéria, Val e Catarina)
Fonte: Acervo pessoal da família.

Vendo festas como a Sexta-feira Santa, por exemplo, dia em que tomamos a bênção de joelhos e dizemos a frase: "Louvado seja Nossa Senhor Jesus Cristo", e os mais velhos respondem: "Para sempre seja Louvado, pela Glória de Nossa Mãe Maria Santíssima", é difícil explicar essa ligação dela com a Igreja Católica, mas fomos criados dessa forma e aprendemos que num Terreiro de Candomblé nem tudo se pergunta. Entretanto, este é um dia muito importante para todos nós; é quando nos reunimos, não só para comer, mas para preparar as comidas. As mulheres da casa trabalham muito, depois comemos e voltamos a trabalhar. Ela conseguiu fazer com que todos nós nos envolvêssemos nessas comemorações.

Não é só fazer, servir e comer, é algo que transcende tudo isso. A cada vez que me sento à mesa, com os outros da família, é como se ela ainda estivesse ali, presente, sentada no mesmo lugar.

Hoje as cabeceiras da mesa na Sexta-feira Santa são partilhadas por todos os seus filhos, no seu lugar hoje sentam as suas duas filhas, Dete e Hidelice, do outro lado os homens, Vovô e Vivaldo. Antes os netos sentavam-se em uma mesa à parte, separada dos adultos, local que ficou para os bisnetos. Os netos, assim como eu, agora estão na mesa grande com os adultos. Descrever a Sexta-feira Santa é executar de fato a minha participação observante; para desenvolver este trabalho tive que fazer uma viagem à minha infância e adolescência, em que essas coisas pareciam não importarem.

Mãe Hilda acreditava não poder ter filhos, entretanto, no mesmo ano em que teve o seu primeiro filho, fundou o Acé Jitolu. Dessa forma, não consegui, em nenhum momento, separar a família biológica da religiosa.



Mãe Hilda e seus netos.
Fonte: Acervo pessoal da família.



Mãe Hilda e seus netos no seu aniversário de 70 anos (Vinicius, Marley, Valéria, Val, Catarina, Janusa, Taiwô e Kehindê).

Fonte: Acervo pessoal da família.

Uma excelente explicação para tudo está no *Caderno de Educação do Ilê Aiyê*, em que Mãe Hilda fala sobre suas tradições e tudo que herdou de sua mãe biológica:

Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé e pratico a tradição do Candomblé. Sempre trabalhei e sempre tive muito gosto para me arrumar. Para casamentos e batizados, me vestia com roupa de festa e usava chapéus. Sempre trabalhei muito, mas nunca deixei de cuidar de minha vestimenta.

Minha casa sempre foi frequentada, o que considero herança de minha Mãe. Ela gostava muito de ajudar as pessoas, a nossa casa sempre foi uma casa cheia de gente comendo e bebendo. Minha Mãe gostava de festa de sala e no fundo do quintal tinha samba, do que



ela gostava muito. Assim minha vida sempre foi herança do passado. Portas abertas dando apoio, vem da raiz. A gente que tem um princípio, esse princípio tem que brotar. Vem de minha mãe. (*Ilê Aiyê*, 2004, p. 27).

O *Ilê* e os demais projetos acabam por ser um conjunto de tudo isso, o que sempre a agradou. Tudo foi passado de mãe para filha, e da mesma forma que aprendeu com sua mãe, ensinou a seus filhos. E foi essa história, contada basicamente pela oralidade, que quis passar para o papel, em busca de imortalizá-la.

Para mim, são muitas as lembranças, foram muitos os ensinamentos que ficaram, poderia ter sido um pouco mais, eu bem sei. Mas eu sei o quanto ela se realizou com os netos que teve, somos muitos, 11 no total. Abaixo listo os netos que cada filho lhe deu:

- **Vovô** – Hidelita, Antônio Carlos Taiwô, Carlos Antônio Kehindê e Antônio Mawusi
- **Dete** – Paulo Vinícius, Valéria Lima, Catarina Lima e Elcimara Batista
- **Vivaldo** – Marley Benvindo e Val Benvindo
- **Hidelice** – Micaela Jawale

Desse, alguns já tiveram filhos:

- **Elcimara** – Ítalo Bomani e Safira Kimani
- **Taiwô** – Antônio Kallon
- **Vinicio** – Suiane e Paulo Ayô
- **Catarina** – Pérola Nehanda e Augusto Malik
- **Marley** – Isis Makena
- **Micaela** – Henrique Akins
- **Kehindê** – Márton Akin e Malik Ashanti

Alguns desses bisnetos Mãe Hilda viu nascer. A última que nasceu ainda com ela em vida foi Pérola, que ela viu completar um ano de vida, logo depois foi internada no hospital e veio a falecer. Mas a família não para por aí. Mãe Hilda tem uma sobrinha, filha de Olga, sua irmã mais velha, seu nome é Maria de Lourdes, ela foi criada bem próxima, quase



como filha. Ela teve três filhos, Maicon, Alberto e Péricles, todos nasceram e foram criados no Curuzu, em uma casa simples, construída no mesmo terreno da casa de Mãe Hilda. A relação entre Maria de Lourdes e os seus primos é de irmãos, ela participa ativamente dos eventos familiares e também do Ilê, sendo a primeira rainha do bloco.



Mãe Hilda em sua casa na ladeira do Curuzu.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Em vida, Mãe Hilda pôde presenciar muitos momentos importantes na terceira geração, o que muito me alegra. Entre eles, minha formatura em Jornalismo, o que para ela foi uma grande realização, já que somos a primeira geração a chegar à graduação. Antes de mim, somente Marley (filho de Vivaldo, que reside em Minas Gerais) havia se formado em Administração. Depois de mim, graduaram-se meus irmãos Vinicius, em Publicidade e Propaganda, e Catarina, em História; Hidelita, filha de Vovô, em Serviço Social e Val Benvindo, a outra filha de Vivaldo, em Jornalismo. Outro momento muito importante para todos nós foi o casamento de

Catarina, realizado no barracão do terreiro, que a deixou muito emocionada. Fico muito feliz com o fato dela ter tido oportunidade de nos ver crescer e poder ter presenciado o nascimento da quarta geração desta família. Principalmente, o nascimento de Pérola, primeira filha da minha irmã gêmea, Catarina. Gosto dessa sequência de quatro mulheres: Mãe Hilda, Dete, Catarina e Pérola, única sequência de quatro gerações de mulheres que temos na família.

Nasce o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu

UM DOS MOMENTOS QUE mais me marcou, no último ano de vida minha avó, foi em um evento que ocorreu no barracão do Acé Jitolu. Foi o último evento social do terreiro, com a presença física dela. Tratava-se da assinatura de um convênio entre algumas Secretarias do Estado e a Acbantu – Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu, para reforma de inúmeros terreiros de Salvador. Estavam presentes secretários de estado, entre eles Luiza Bairros, então secretária de Promoção da Igualdade, que infelizmente nos deixou em 2016; estava também o professor Ubiratan de Castro, então diretor da Fundação Pedro Calmon, representantes da Acbantu e dos terreiros que seriam beneficiados pelas obras, e muitas outras personalidades.

Uma semana antes desse evento acontecer, eu estava em viagem a São Paulo para dar minha primeira palestra, era um evento sobre tranças na cidade de Várzea Paulista. Minha mãe me ligou (Dete Lima), dizendo que minha avó gostaria que eu falasse em seu nome, em um evento que aconteceria no barracão do terreiro. Eu disse que sim, poderia falar, porém não tinha noção do que tratava o evento, achava que seria um acontecimento simples, para poucas pessoas. Quando cheguei a Salvador nós conversamos e ela passou algumas informações, coisas que gostaria que eu dissesse.

No dia 22 de julho de 2009, enquanto me arrumava, fui ouvindo o nome das personalidades que ali chegavam, os secretários e secretárias de estado, líderes espirituais de importantes terreiros, de inúmeras nações de Salvador... Me peguei pensando: ela não me disse que era algo tão



importante, de tamanha dimensão!

Ao final do evento, com as minhas palavras e emoções, falei um pouco sobre sua vida, seu posicionamento político e religioso, de sua liderança. Expressei o quanto era importante para ela realizar aquela cerimônia de tamanha relevância para o povo de santo em sua casa e, mais do que isso, mostrar para todos a continuidade das suas ações. Talvez só estivesse sendo testada por ela para o que ainda estava por vir. Sua resposta foi positiva, fui abraçada enquanto ela dizia sorridente: "Foi pra isso que eu te criei!". Naquele momento não tinha ideia do tamanho da missão que ela estava me dando. Hoje, em 2023, enquanto revisito este texto para publicação, entendo o que estava embutido naquela pequena frase.



Mãe Hilda e seus filhos (Hildemaria, Dete, Vivaldo, Hidelice e Vovô)

Fonte: Acervo pessoal da família.

No dia 14 de junho de 2020, no auge da pandemia de COVID-19, que paralisou o mundo, me veio de forma muito sutil a ideia de criar uma organização para manter vivo o legado de minha avó, Mãe Hilda Jitolu. De alguma forma, aquele momento me levou a uma grande reflexão sobre a minha contribuição para sociedade. Será que estou fazendo algo? Pensei muito sobre o fato de ser da terceira geração de mulheres, que tem início com ela e segue com minha mãe, Dete Lima, que é responsável por uma verdadeira revolução estética através do seu trabalho no *Ilê*.

Durante muito tempo acreditei que meu papel nesta história era registrar e publicizar suas histórias. Mas a pandemia me acendeu alguns alertas. Ao longo daquele período, a internet se mostrou ainda mais importante do que já era. Em vários momentos assistir lives nos livrou de possíveis problemas mentais, porque era uma forma de se conectar com o que estava acontecendo no mundo. Já que a TV aberta falava exclusivamente sobre o vírus assassino, que estava cada vez mais perto de nossas casas. Uma dessas muitas lives que assisti me fez questionar sobre como estava utilizando o conhecimento que adquiri com os estudos e com a vida. Em uma live do *Potências Negras*, no dia 9 de junho de 2020, minha prima Val Benvindo entrevistou Preta Gil, que contou diversas histórias da sua vida, momentos felizes, superações... entre elas, uma história que presenciei através do meu trabalho na TVE. Sua participação no projeto "Mulher com a Palavra", da Secretaria de Políticas para Mulheres do Governo do Estado da Bahia. Na live ela compartilhou com o público uma situação bem delicada; foi vaiada por três vezes durante o evento, a primeira por falar a palavra denegrir, pois desconhecia o significado. Ao longo da live falou desta e de outras palavras, assim como outras expressões racistas que não conhecia, e do quanto tinha aprendido a partir daquela situação.

Se Preta Gil, com acesso a tanto conhecimento, ainda desconhecia aspectos relevantes das elaborações antirracistas, qual será o nível de conhecimento e consciência das outras mulheres negras, principalmente as da periferia de Salvador? Por que não trabalhar para fortalecer e informar o meu povo? Eu já estava reflexiva sobre o meu trabalho, as minhas escolhas, a minha contribuição para a sociedade antes da live, acredito que ela tenha sido a cereja do bolo. O que me deu o start para



verdadeiramente pensar em criar algo. E só agora, enquanto escrevo essa história, parei para identificar as datas em que tudo aconteceu. No dia 14 de junho, aniversário do primogênito da minha avó, enquanto tomava café da manhã, surgiu a ideia de mansinho na minha mente, já com o nome.



Mãe Hilda e Naomi Campbell na saída do Ilê, em 2008.

Fonte: Acervo pessoal da família.

Acredito na minha ancestralidade e é por ela que estou aqui. Reuni a família para compartilhar a ideia, que logo foi abraçada, principalmente por minha mãe e minha irmã, Catarina. Estamos juntas neste grande desafio, que é fazer acontecer essa parte da nossa história. Em 6 de janeiro de 2023 realizamos a primeira atividade do Instituto. Em uma grande festa, fizemos uma homenagem ao centenário de Mãe Hilda, que nasceu no dia 6 de janeiro de 1923 e compartilhamos com um grande o público o nascimento de nossa organização. O Instituto da Mulher Negra Mae Hilda Jitulu é uma organização feminista negra, que tem como pilar a busca pelo acesso a direitos para meninas e mulheres cis

e transexuais negras. O seu objetivo é promover ações integrais, dentro dos princípios do Bem Viver, voltadas para a educação, direitos sociais e direitos humanos.

Ao longo da vida, Mãe Hilda e seus filhos transformaram a ideia do sagrado, pois mostraram que é possível realizar grandes mudanças, tendo o candomblé como inspiração. Uma religião em que, acima de tudo, em seus rituais sagrados, certos fatores têm presença dominante: a dança, a música, o toque e a comida para louvar os santos, os *voduns*, no candomblé *jeje*. O Terreiro Jeje Savalu do Curuzu foi um dos responsáveis pela mudança de postura e de comportamento da população negra da Bahia e do Brasil.

A importância de Mãe Hilda, do *Ilê Aiyê* e de suas atividades educacionais hoje é reconhecida. Posso afirmar com tranquilidade que Mãe Hilda foi uma mulher realizada, constituiu uma família grande, com filhos, netos e bisnetos. Dedicou-se a esta, ensinando valores, que já não encontramos com a mesma frequência no mundo em que vivemos, onde a violência e as drogas têm trazido consequências terríveis para a população. Em meio às mudanças que iam acontecendo à sua volta, ela conseguiu manter, em grande parte, incólumes, costumes, tradições e valores éticos. A mulher negra de pouco estudo conseguiu o respeito e admiração de muitas personalidades:

Foi uma pessoa a quem a Bahia deve muito, porque ela contribuiu muito pra elevar os valores negros. A Bahia é um grande estado negro, mas é racista, porque não quer aceitar que é negra. O escravismo marcou e ainda continua marcando, o racismo ainda é muito presente, e a coisa melhorou, diminuiu muito, porque teve gente como ela, como Vovô, como tantos outros, que se empenharam em mostrar a grandeza do patrimônio cultural negro, a beleza, a criatividade, tudo isso, que terminaram triunfando, hoje ninguém pode negar isso. Ela teve um papel fundamental, é uma pessoa que eu admiro, que está na minha galeria das pessoas importantes da Bahia. (Ordep Serra, 2013, apud Lima, 2014)

Mãe Hilda foi a minha principal referência, meu maior exemplo de mulher, mãe e avó. Graças a ela nunca desisti dos meus sonhos, mesmo os que parecem impossíveis. E é graças a ela e por ela que fundamos



o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. Trabalhamos para manter seu legado sempre vivo, e para que cada vez mais mulheres negras se inspirem nela e realizem os seus prop  rios sonhos. Para que as nossas histórias sejam honradas e respeitadas, e, ainda mais importante, para que possamos confiar em n  os mesmas e em nossos potenciais.

Obrigada Vovô!



Crianças precisam de
horizontes⁴¹

41 Aos dezenove remos, composição de Gilson Nascimento.



Instituto da
Mulher Negra
Mãe Hilda
Jitolu

O Instituto, a Coalizão, a Serra e o Tempo

A CREDITO MUITO NA MINHA ancestralidade, confio no Tempo como uma senhora que sabiamente determina o momento certo do passo que damos. Apesar de tamanha confiança, enquanto editava este livro, estava muito preocupada com os prazos e tentava entender o porquê de um atraso tão significativo no processo de edição. O que envolve muitas mãos, e principalmente a minha. Foi quando participei do 3º Encontro da Coalizão Negra por Direitos, realizado em Maceió-AL, entre os dias 18 e 20 de novembro de 2023.

O Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu se associou à Coalizão



no dia 07 de julho de 2022. Porém, só recebemos um retorno referente à adesão no dia 28 de agosto de 2023, juntamente com um convite para participar do 3º Encontro, que, pela primeira vez, aconteceria em Alagoas. Ao ver a data e onde seria realizado o evento, logo deduzi que iríamos subir juntos a Serra da Barriga, no dia 20 de novembro. Justo no ano do centenário de Mãe Hilda e nascimento do Instituto. Teria a possibilidade de realizar pela primeira vez na vida tal experiência, e entendi que, para mim, aquele seria o momento mais importante da viagem. Entretanto, muitos outros momentos me emocionaram pelo caminho.

Desde que comecei a me envolver diretamente com o Movimento Negro politizado e formador tive oportunidade de conhecer muitas referências, que são parte desta estrutura a partir da década de 1970. Dentre estes, muitos que subiram a Serra desde o início dos anos 1980, assim como minha avó. Para minha surpresa, comecei a me emocionar ainda no aeroporto de Salvador, quando encontrei o professor Edson Cardoso, que me recebeu com muito carinho. E, para completar, ao chegar ao meu lugar no avião, ele estava lá, sentado na cadeira 18C, e a minha era 18A. Tive a honra de passar todo esse pequeno voo, de 1h20, entre Salvador e Maceió, ao seu lado, já que a poltrona 18B estava desocupada. Que alegria a minha! Pude assistir a uma verdadeira aula sobre a nossa história e compartilhar um pouco do trabalho do Instituto com o criador do Irohìn, um dos mais importantes veículos da imprensa negra no Brasil, e a quem muito admiro. Ele me ouviu atentamente e me deu conselhos valiosos. Posso dizer que a viagem já valeu a pena desde aquele momento.

Ainda no aeroporto de Salvador, encontrei J. Cunha, artista plástico, que, por muito tempo, foi responsável pelas estampas dos tecidos do *Ilê Aiyê*. Convivemos desde a minha infância, já que ele começou a fazer as estampas no início da década de 1980, quando eu ainda não havia nascido. Ele sempre foi como um tio, e, apesar de nunca tê-lo chamado assim, tenho um carinho muito grande. Ademais, coincidência ou não, nos encontramos todos os dias desde o café da manhã, já que ficamos no mesmo hotel. Se tivéssemos planejado não daria tão certo! Até o final da jornada na Serra da Barriga nos encontramos muito. E este último fez uma grande diferença na identidade visual deste livro.

Não sabia quantos outros encontros a viagem me reservaria, só sabia que queria vivê-la intensamente, a cada momento. Reencontrei pessoas

que não via há muito tempo, como Regina Adami e Vanda Menezes. Em Maceió, pude encontrar Bianca Santana, diretora-executiva da Casa Sueli Carneiro, uma amiga recente a quem tenho muito respeito e admiração pelo trabalho, e logo chegou Pedro Borges, do Alma Preta. Ambos são amizades oriundas de uma recente viagem.



Mãe Hilda e sua neta Valéria Lima

Fonte: Acervo pessoal da família.

Tive algumas oportunidades de conversar com o professor Hélio Santos, não escondo de ninguém o quanto gosto de ouvi-lo. No segundo dia do evento nos encontramos na recepção do hotel, e acabamos indo juntos para o local do encontro da Coalizão. Enquanto conversávamos, me dei conta do provável motivo do atraso da edição deste livro; só podia ser a minha ida à Serra da Barriga, uma vez que tinha ali uma oportunidade única para descrever esta primeira experiência. Durante o percurso, li para o professor um pequeno trecho do relato de Mãe Hilda sobre a sua ida à Serra, no dia 20 de novembro de 1981, para realizar obrigações para



Babá Zumbi dos Palmares. Naquele momento me emocionei, lágrimas vieram aos olhos, e assim entendi muitos porquês sobre o livro e enxerguei a necessidade de relatar toda essa experiência no último capítulo. Não somente a subida à Serra no dia 20, mas todo o caminho que me levou a ela, desde a associação do Instituto à Coalizão Negra por Direitos ainda em 2022.

Em todos os momentos senti a minha ancestralidade presente, guiando cada passo, proporcionando encontros e conexões, novas e velhas. E finalmente chegou o dia 20 de novembro de 2023! Acordei às 5h20 da manhã, não queria me atrasar, e antes mesmo do celular despertar já estava acordada. Fui uma das primeiras a entrar no ônibus, que nos aguardava desde às 7h30. Mas, infelizmente, muita gente se atrasou e só saímos às 8h40. Chegamos à União dos Palmares quase 11h da manhã, e muito diferente da década de 1980 – quando minha avó subiu de jegue e os demais a pé –, nós subimos de van. E enquanto percorríamos os nove quilômetros me emocionei profundamente, sentindo a presença dela ao meu lado. Pude ver seu rosto bem nítido enquanto chorava silenciosamente naquela van cheia de pessoas, que, assim como eu, estavam ansiosas para conhecer o local. Ninguém percebeu que eu estava chorando, os óculos escuros ajudaram, e, no meu silêncio interior, cheguei àquele lugar desconhecido para mim, mas íntimo da minha ancestralidade.

O retorno para casa também foi especial. Soube na segunda pela manhã que o professor Ordep Serra também estava em Maceió, participando de uma agenda com a Fundação Palmares. Ele que foi tão importante na minha pesquisa para produção deste livro. Fiquei muito feliz e criei expectativas de encontrá-lo no Quilombo dos Palmares, porém isto não aconteceu. Mas a viagem não tinha chegado ao fim. Ainda tinha o retorno pra casa. Encontrei o professor pouco depois de chegar ao aeroporto. Acho que todas as pessoas da Bahia que subiram à Serra no dia 20 voltaram para Salvador no mesmo voo. A minha espera se tornou emocionante, logo ele me convidou para tomar um café.

Agradeço a Deus e aos Voduns por terem me permitido conhecer a histórica Serra da Barriga, sobretudo por ser em um ano tão emblemático para toda a família. A experiência vivida reforça as nossas conquistas, reflexo de toda luta do povo negro deste país, que tanto se dedica à busca pela igualdade de direitos para todas as pessoas negras.



Referências

AGIER, Michel. *As mães pretas do Ilê Aiyê: nota sobre o espaço mediano da cultura. Afro-ásia*, 18. (p. 189–203). 1996. Disponível em: www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n18_p189.pdf.

AZEREDO, Sandra. *Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais*. Estudos Feministas, Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

BACELAR, Jeferson. *Galegos no Paraíso Racial*. Salvador: Centro Editorial e Didático, Ianamá, 1994.

BACELAR, Jeferson. *A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

BACELAR, Jeferson. *Mário Gusmão: um príncipe negro na terra dos Dragões da Maldade*. Salvador, 2003.

BACELAR, Jeferson. *Resumo inédito de São Luís*. 2012.

BAIRROS, Luisa. *Nossos Feminismos Revisitados*. Estudos Feministas, 1995.

BERNARDO, Teresinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC, 2003.

Biografia. In: *Dicionário Houaiss*. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: ago. 2012.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARDOSO, Marcos Antônio. *O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978–1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). *Pensamento feminista – conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. *A mulher na sociedade brasileira: o papel do movimento*



feminista na luta anti-racista. In: MUNANGA, Kabengele; NASCIMENTO, Abdias. *Negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. Brasília: Fundação Cultural Palmares: MINC, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 19 ed. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petropólis: Vozes, 2012.

CICOUREL, Aaaron V. *Ela Método Y la Medida en Sociologia*. Madrid: Editora Nacional, 1982.

FIGUEIREDO, Ângela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio (org.). Raça: novas perspectivas antropológicas. 2 ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Joseania Miranda. *Movimento Negro Contemporâneo em Salvador: algumas memórias*. In: Siqueira, Maria de Lourdes. *Imagens Negras: ancestralidade, diversidade e educação*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2006.

GUILHERME, Sandra Maria. *Fala o Movimento*. Revista Presença da Mulher, p. 23–24, 1993.

Ilê Aiyê. *Caderno de Educação Mãe Hilda Jitolu – Guardiã da Fé e da Tradição Africana*. Projeto de Extensão Pedagógica. Volume XII. Salvador, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LANDES, Ruth. *Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

LIMA, Valéria Catarina dos Santos. *Mãe Hilda Jitolu – A Trajetória de uma Líder Espiritual Baiana*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, CEAO, Pós-Afro, Salvador, 2014.

LIMA, Valéria Catarina dos Santos. *Mulher, Negra, Mãe... Bahia*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2007.



LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de Santo nos candomblés Jejes – Nagôs da Bahia: um estudo de Relações Intragrupais*. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LORIGA, Sabina. *O Pequeno X: da Biografia à História*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Pensamento crítico desde a subalteridade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das Humanidades e das Ciências Sociais no século XXI*. Afro-Ásia, n. 34, p. 105-129, 2006.

MENEZES, Vanda. *Marcha Zumbi dos Palmares: contra o racismo pela cidadania e a vida*. In: GARCIA, Januário Garcia. *25 anos 1980-2005: movimento Negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

PARÉS, Luís Nicolau. *A Formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PISCITELLI, Adriana. *Tradição oral, memória e gênero*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 1, p. 149-173, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História de Vida e Depoimentos Pessoais*. Cadernos CERU – Pesquisa em Ciências Sociais: Olhares de Maria Isaura Queiroz, Humanitas, 2008.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Dono da Terra: o caboclo nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Sarah Letras, 1995.

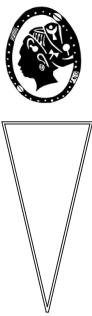
SANTOS, Jocélio Teles dos. *O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2005.

SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador: estudo de Geografia Urbana*. [S.I.]: Aguiar & Souza Ltda, Livraria Progresso Editora, 1959.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.



- SCHUSKY, Ernest L. *Manual para análise de parentesco – Coleção antropologia e sociologia*. São Paulo: EPU, 1973.
- SILVA, Jônatas Conceição da. *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*. Salvador: EDUFBA: Ilê Aiyê, 2004.
- SILVA, Salete Maria da. *Mulheres de Axé: matrizes de afetividade e de empoderamento constantes*. In: CORREIA, Marcos Fábio Rezende. *Mulheres de Axé*. Salvador: Kowo-Kabiyesile, 2013.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Quando falam as lyabas*. Revista Presença da Mulher, p. 20–22, 1993.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes; SILVA, Ana Célia da. *Mãe Hilda: a história da Minha Vida*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.
- SOARES, Cecília C. Moreira. *Mulher Negra no século XIX*. Salvador: EDUNEB, 2006.
- THEODORO, Helena. *Mulher negra, cultura e identidade*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: Reflexões sobre a escrita da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- WOORTMANN, Klaas. *A família das Mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.



Obrigada, Valéria Lima!

Bianca Santana⁴²

SUBI A SERRA DA BARRIGA em 20 de novembro de 2023 com a Coalizão Negra por Direitos, rememorando as palavras de Valéria Lima nos dias anteriores, quando me contou da presença de Mãe Hilda Jitolu, na década de 1980, na terra sagrada da liberdade. A gratidão que transbordava dos meus olhos, ao pisar aquele solo, me tomou muitas vezes durante a leitura deste livro. Testemunhar a história por meio das palavras de Valéria e do caminho percorrido por Mãe Hilda foi um aprendizado e uma alegria. Obrigada, Valéria Lima.

Escrever sobre a avó é um desafio que muitas mulheres negras da minha geração desejam enfrentar. Colocar nos livros – por tanto tempo brancos e ricos – nossas vozes e histórias ao retratar o que aprendemos com nossas mais velhas; buscar reparar, pelas palavras, os silenciamentos



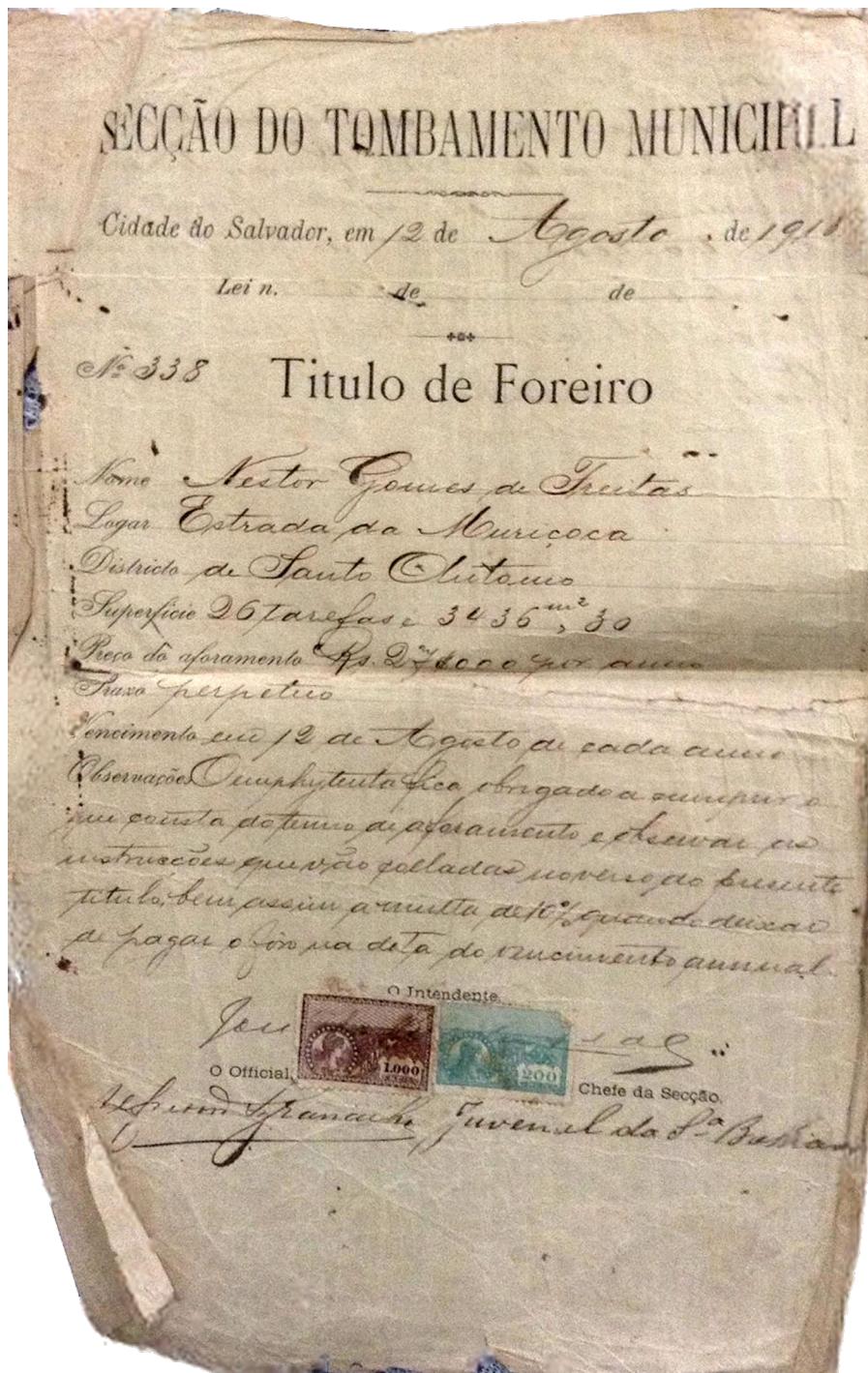
e apagamentos provocados pelo racismo machista e colonial que insiste em nos acusar de identitárias. Mas poucas de nós realmente enfrentamos esse desafio. Apesar de saber da relevância dessa escrita, há medo, inseguranças, dificuldades materiais de dedicar tempo à pesquisa e ao trabalho árduo de tecer palavras. Sem contar as barreiras para a publicação. É preciso, portanto, reconhecer o esforço generoso empreendido por Valéria de nos contar a história de sua avó.

E se as histórias de nossas avós, anônimas, são tão importantes para que conheçamos a história do Brasil, ganha ainda mais peso a história de uma das principais lideranças religiosas e de movimento negro do país. Do Curuzu nasceu o Ilê Aiyê, prosperou a família Jitolu, se firmou a nação Jeje Savalu, foi reinventada a estética negra que transformou gerações e suas possibilidades de existência e Mãe Hilda foi fundamento dessa história que é de todas as pessoas negras deste país e da diáspora.

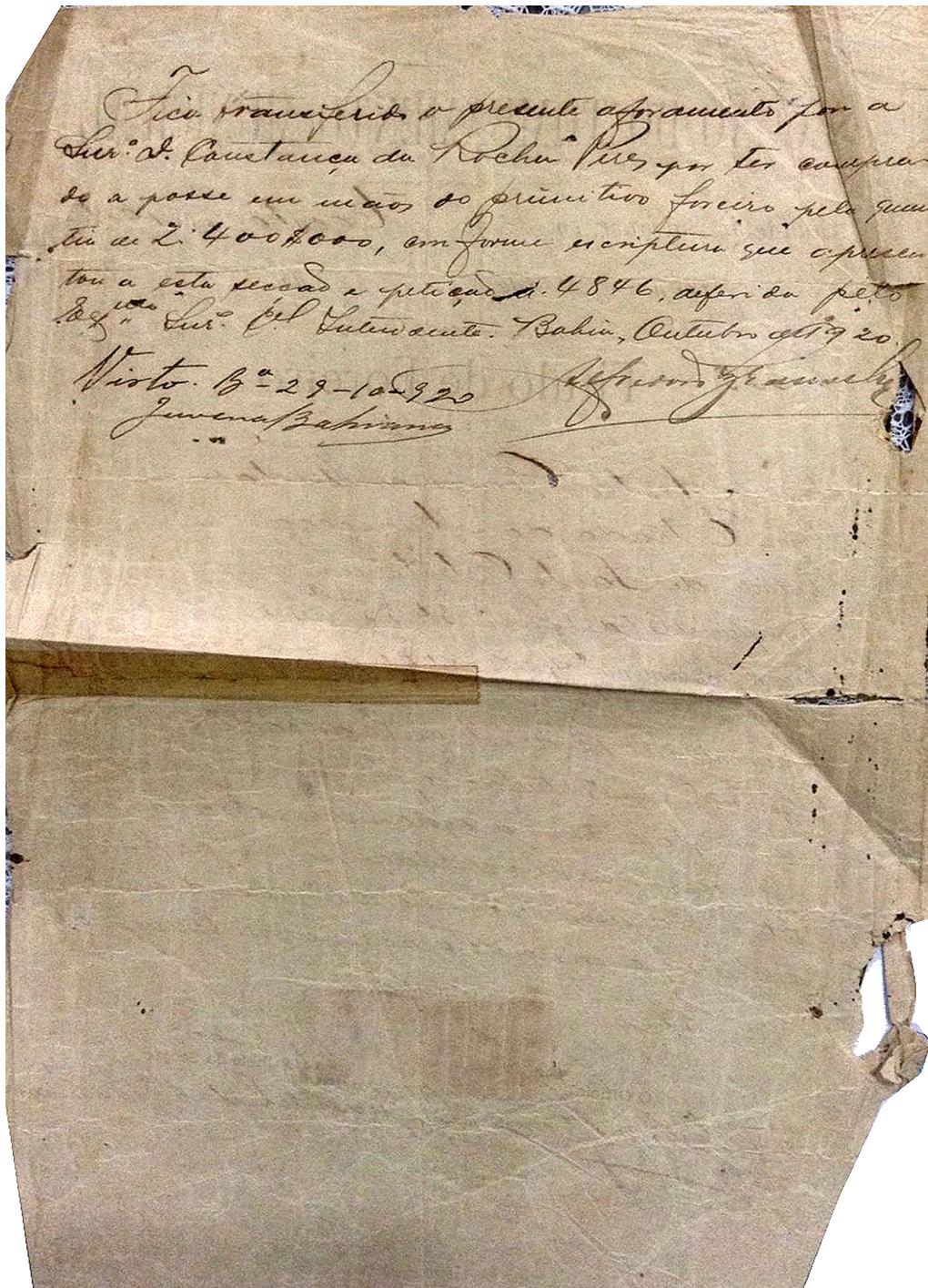
Em minha tese de doutorado, afirmei que a escrita de mulheres negras, de formulação estética de sua própria existência e trabalho de memória, possibilita a constituição de subjetividades e de sujeitos coletivos que permitem resistir ao racismo. Com a publicação deste livro, Valéria Lima propaga e honra o legado de sua avó, e se coloca como agente fundamental na produção e circulação de conhecimento sobre quem somos, e da resistência negra no Brasil. Obrigada, Valéria Lima.



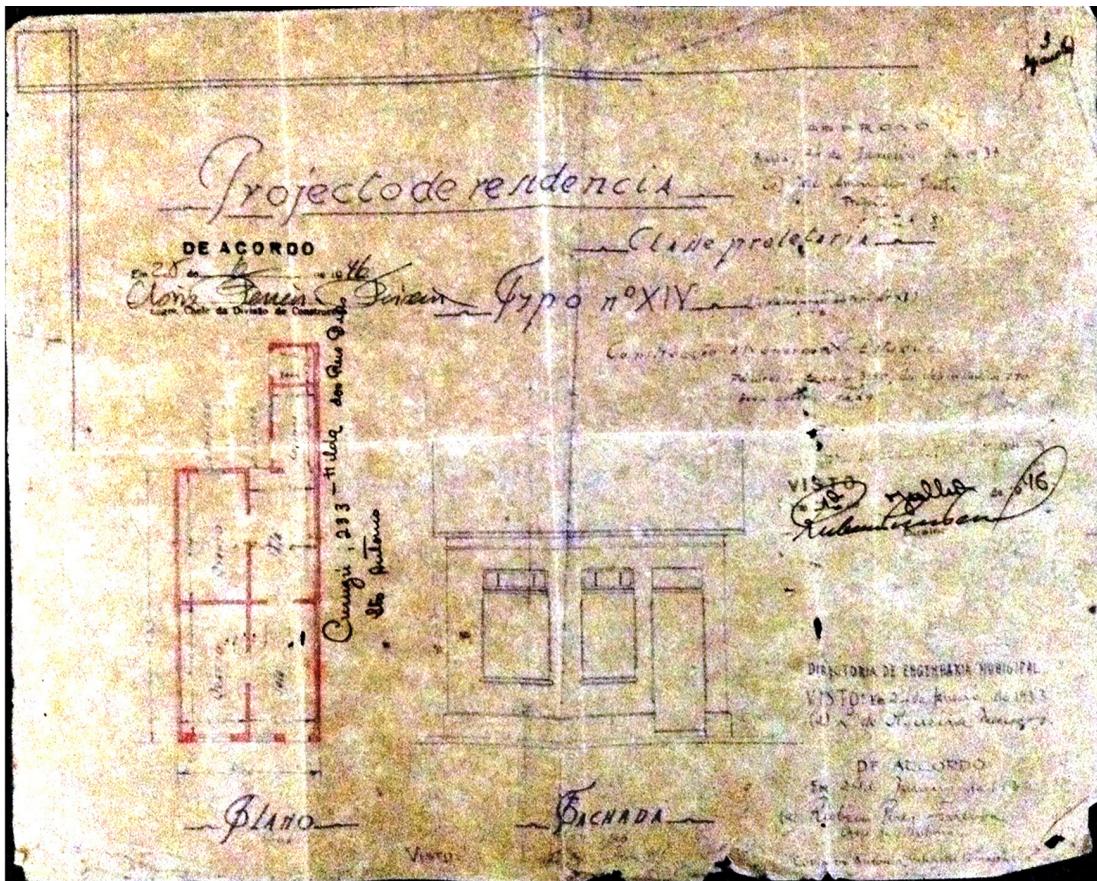
Imagens de arquivo



Título de Foreiro do terreno da Cacunda de Iaiá – 22 de outubro de 1920 Página 01



Título de Foreiro do terreno da Cacunda de Iaiá – 22 de outubro de 1920, Página 02



Projeto de Residência – Casa de Benta (Ladeira do Curuzu, nº 233 Liberdade, datada de 1933)


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE CASAMENTO
CASAMENTO CIVIL

NOME
WALDEMAR BENVINDO DOS SANTOS
HILDA DOS REIS DIAS
MATRÍCULA
007179 01 55 1959 2 00176 066 0015102 21

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS E LOCAIS DE NASCIMENTO, NACIONALIDADE E FILIAÇÕES DOS CÔNJUGES

WALDEMAR BENVINDO DOS SANTOS, NASCIDO EM BAHIA , NACIONALIDADE BRASILEIRA, PROFISSÃO FUNCIONÁRIO MUNICIPAL, EM Vinte e DOIS (22) DO MÊS DE MARÇO (03) DO ANO DE UM MIL NOVECENTOS E OITO (1908), FILHO DE JORGE MANOEL DOS SANTOS E CONSTÂNCIA MARIA DE SANTANA.
HILDA DOS REIS DIAS, NASCIDA EM BAHIA , NACIONALIDADE BRASILEIRA, PROFISSÃO DOMÉSTICA, EM SEIS (06) DO MÊS DE JANEIRO (01) DO ANO DE UM MIL NOVECENTOS E Vinte e Três (1923), FILHA DE ANICETO MANOEL DIAS E BENTA MARIA DO SACRAMENTO.

DATA DE REGISTRO POR EXTENSO
DEZESSEIS DE SETEMBRO DE UM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE

DIA	MÊS	ANO
16	09	1959

REGIME DE BENS DO CASAMENTO
COMUNHÃO UNIVERSAL DE BENS (Comunhão de bens)

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)
HILDA DIAS DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
 Livro oriundo da 5ª Vara de Família desta Capital, livro 176 A, folhas 66, assinado por Fernando da Silva Pires, sub escrivão da referida Vara.

NOME DO OFÍCIO: CARTÓRIO DE RCPN DE SANTANA

OFICIAL(A): SUBOFICIAL DESIGNADO VERA RITA LINS DE
MUNICÍPIO: SALVADOR-BA
ENDEREÇO: AV. ESTADOS UNIDOS, Nº 376, EDF. UNIÃO, 2º ANDAR,
 COMÉRCIO, CEP: 40010020, Tel.: (71)3328-7732

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
 SALVADOR, BA, 03 de Setembro de 2013.
Vera Rita Lins de Albuquerque Seixas
 Assinatura do Oficial(a)

Certidão de casamento - 16 de setembro de 1959



Companhia Progresso e União Fabril da Bahia

(SECÇÃO DE CASAS E TERRAS)

Av. Estados Unidos, 377 - Edifício União - Sala 301 - Tel. 2-0531
C. G. C. 15-120-454/001Nº 4524 C (Sem direito a Sublocar) Cr\$ ~~398,40~~

Recebemos do Snr. Benta Maria Sacramento
a quantia de trezentos e noventa e oito cruzeiros e quarenta centavos -x-
pela locação de 498,00m² -x- do terreno situado à Guruzú, nº 233
-x- no distrito de Santo Antônio referente
ao ano de 1972 -x- Vencido em 30 de dezembro de 1972 -x-
de propriedade da Companhia União Fabril da Bahia

Ficha N.º 19 Letra B

Bahia, 9 de abril de 1975

COMPANHIA PROGRESSO E UNIÃO FABRIL DA BAHIA

(Encarregado)

Nelson Tinoco da Costa

C. I. C. 019970765

Comprovantes de pagamento do terreno da casa de Hilda no Curuzu

a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia – 1973



Mãe da Liberdade

<p>Federação Baiana do Culto Afro - Brasileiro</p> <p>Reg. em Cartório de Títulos e Pessoas Jurídicas sob n.º 619 Considerada de utilidade Pública Lei 1263 de 9 de Março de 1960</p> <p>" Não sendo permitido o uso de bebidas Alcoólicas, a presente é da maneira res e depois das 22hs. Ora que aqueles não poderão passar 24 hs por (90 Dias) Alvará de Autorização</p> <p>O Presidente da FEDERAÇÃO BAIANA do CULTO AFRO - BRASILEIRO, no uso de suas atribuições legais resolve:</p> <p>Autorizar o Funcionamento ao Terreiro <u>O ATO DE ORALWATE</u>, situado à <u>Rua do Curiú, 233 - Liberdade, Salvador (BA)</u> (FISCALIZAÇÃO A CARGO DA FEDERAÇÃO) sob à responsabilidade <u>HILDA DIAS DOS SANTOS</u>, no sentido de que sejam observadas as exigências ESTATUTARIAS, pela boa ordem e os bons costumes.</p> <p>Validade do Alvará até <u>31 de Dezembro de 1976</u> Salvador (Ba), <u>25 de Outubro de 1976</u></p> <p><u>Antônio Monteiro</u> PRESIDENTE</p>	<p>FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO - BRASILEIRO Utilidade Pública Lei Estadual N.º 1263 de 9-3-60 Salvador - Bahia</p> <p>DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO E CADASTRAMENTO</p> <p>LICENÇA Nº 0404</p> <p>Nome <u>Hilda Dias dos Santos</u> Mat. N.º <u>113</u> Responsável <u>Terreiro Xê de Obaluê</u> Rua <u>do Curiú, 233</u> N.º <u>223</u> Bairro <u>Liberdade</u> Cidade <u>Salvador</u> Estado <u>Bahia</u>, Está autorizado pelo Departamento de Fiscalização e Cadastro a celebrar o(s) _____ em louvor ao Orixá(s) _____ de sua devoção.</p> <p>Dia(s) _____ Confirmação de _____ Dia _____ Vai receber o círio no dia _____ hs. Pelo(a) _____ Nome de Iyowá: <u>(14/8/72) 15 a 16 de 08/77</u> Responsabilizando-se criminalmente pela boa ordem e respeitos aos bons costumes.</p> <p>PROIBIÇÕES E IMPEDIMENTOS: Bebidas alcoólicas, ordem MM. Juiz Titular de Menores da Capital, é expressamente proibido a entrada de menores, mesmo acompanhados, aos Rituais e Barracão. Fiscalização a cargo da FEBACAB, só poderá bater até <u>22</u> horas.</p> <p>Cidade de Salvador, <u>1º</u> de <u>Agosto</u> de <u>1977</u> Coodenador Geral <u>Antônio Monteiro</u> Secretário Geral <u>Hildete O. Carvalho</u> Presidente <u>Antônio Monteiro</u></p>
---	---

Alvara de autorizacao e licença para realização de rituais religiosos
(documentos mais antigos, 25 de outubro 1976 e 1 de Agosto de 1977)



CP cia. progresso
e união fabril da bahia
Av. EE. UU. 376 - Edif. União - S/601 - Tel. 243-3533
C. G. C. 15.120.454/0001-73

N. 9700 (Sem direito a Sublocar) **O₂₆** 206.000,00

Recebemos do Sr.a RENTA MARIA SACRAMENTO
a quantia de Duzentos e seis mil cruzeiros x,x,x,x,x,x,x

pela locação de 498m² do terreno situado à Rua do Curuzu nº 233
no distrito de Santo Antônio referente
1º pagamento ref. atualização VENCIDO
ao ano de 1989/1992 A VENCER em x,x,x,x,x,x

Ficha Nº 19 Letra B Salvador, 02 de junho de 1992
COMPANHIA PROGRESSO E UNIÃO FABRIL DA BAHIA

(Encarregado)

G. M. 80819 - 200 Bis. 50x3 - 0001 a 10.000 - 02/88

Comprovantes de pagamento do terreno da casa de Hilda no Curuzu a
Companhia Progresso e União Fabril da Bahia – 1973 e 1992 B



181

Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Rua Carlos Gomes, 17 - 2.^o Andar S/n 214
Salvador — Bahia

Nº 296

GUIA DE RECOLHIMENTO

REGISTRADO
Em: 10/12/76

Salvador, 10 de Dezembro de 1976

CR\$ 300,00

O Sr. Hildá Dias dos Santos
responsável pelo Terreiro Axé de O kálwaiê
recolheu à Tesouraria da **FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO (FEBACAB)**.
a importância de Trezentos reais
proveniente de por conta de seu Débito

N.º da MATRÍCULA 113
Assinatura Jitolu
FUNCIONÁRIO

Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro
RECEBEMOS
Em: 10/12/76

TESOURARIA

Comprovantes de recolhimento do Ilê Axé Jitolu para a Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro (O mais antigo encontrado, 16 de dezembro de 1976 A)



Mãe da Liberdade



Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro - FEBACAB

TESOURARIA GERAL

Rua Alfredo Brito, 39 - 1º andar - Pelourinho - Tel. 321-0145

CGC 14.443.014/0001-94 CEP 40025 040

Salvador - Estado da Bahia

GUIA DE RECEBIMENTO

Nº 0223

	MAT. N.º 113	<input checked="" type="checkbox"/> Terreiro <input type="checkbox"/> Centro <input type="checkbox"/> Outro	\$ 7,00 #
--	--------------	---	-----------

Valor por Extenso

setenta e quatro reais #

Nome do Responsável

Hilda Jitou dos Santos ———/—/—

Recolhe a Tesouraria da FEDERACAO BAIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO - FEBACAB,
a quantia discriminada acima e favor de 1996 X 1997 (setenta e seis e sessenta reais)

Name do Terreiro	Axé de Oláhuê	Município	Serra
Recebemos			
1.º Tesoureiro		2.º Tesoureiro	
Em / /	Em 31/07/97	Caixa	
1.º Filiação / 2.º Via - Caixa			

Comprovantes de recolhimento do Ilê Axé Jitou para a Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro (O mais antigo encontrado, datado de 1976 e o mais recente, de 1997 B)



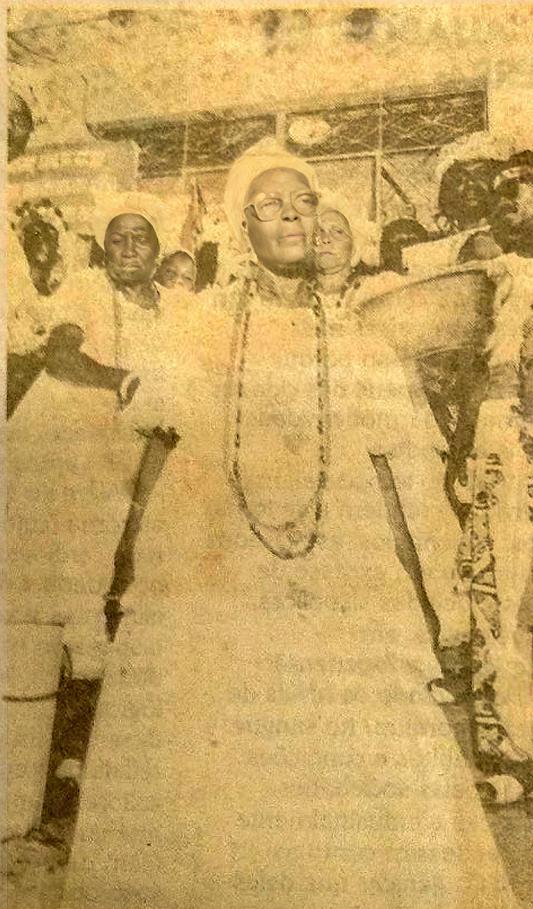
Mãe Hilda em um cartaz de Abdias do Nascimento, na década de 1980



Semana da Mãe Preta debate as questões da mulher negra

Durante toda esta semana, de hoje a 30, estará sendo comemorada a Semana da Mãe Preta, essa criatura de presença marcante em toda a história da civilização brasileira. Na Bahia, o setor cultural do Bloco Ilé Aiyé promoverá uma série de eventos, que constarão de exposição, debates e pronunciamentos de várias entidades acerca do assunto. Todas as solenidades serão realizadas sempre a partir das 20 horas, e a abertura da semana ocorrerá hoje, no Teatro Gregório de Matos (Praça Castro Alves), com uma exposição de trabalhos produzidos por mulheres da comunidade negra, uma oficina de penteados afro e desfile de roupas e penteados, seguido de coquetel, onde não faltarão o acarajé, o abará e as batidas de frutas.

Amanhã, além da exposição, que ficará aberta à visitação pública no Teatro Gregório de Matos, haverá, também, oficina de dança e a apresentação de grupos de mulheres do bairro de Curuzu. No dia 28, no barracão do terreiro de candomblé Ilé Axe Jitulu (Rua do Curuzu, 233), haverá debate sobre as questões da mulher negra na sociedade baiana. Dia 29, instituída como a 'Noite do Ageum', haverá a mostra da cul-



Mae Hilda é a orientadora espiritual do Bloco Ilé Aiyé

nária africana e afro-baiana para venda ao público, no Centro de Cultura Popular Santo Antônio (Largo de Santo Antônio). No dia 30, as solenidades realizar-se-ão simultaneamente nestes locais, com pronunciamentos de várias representantes de entidades afro-baianas, distribuição do 'Estandarte da Mãe Preta' e ensaio do Bloco Ilé Aiyé.



Imagens de arquivo



Luca Correa Lima

Mãe Hilda dá início ao carnaval do Ilê

Uma tradição de dezenas de anos trouxe no sábado de carnaval a saída do bloco afro Ilê Aiyê da sua sede, na ladeira do Curuzu, Lapa, berlade. As 22h30m, mãe Hilda, guia espiritual do terreiro Ilê Axé Gitola, abençoou para o bloco os deuses e os animais que o acompanham. Ela percorreu, à frente de um grupo de filhas de santo, a ladeira ingreme onde fica situada a casa número 233, sede do bloco e do terreiro. O ponto alto da cerimônia foi a oferenda feita pelo presidente do bloco, Vovô, e pelo presidente do Aiyê, de dezenas pombos brancos, animal que representa o símbolo universal da paz.

"É uma responsabilidade muito grande", disse mãe Hilda, referindo-se ao ritual, que não quis explicar devido aos dogmas religiosos secretos do candomblé. A movimentação começou cedo na ladeira do Curuzu. Desde as 17h diversos membros da bateria, da segurança e das alas do Ilê Aiyê se preparam para o desfile. Este ano, os roteiros apresentaram tonalidades vermelhas e amarelas. O tema Costa do Marfim, numa homenagem especial, foi produzida uma flâmula que lembrava recente a libertação do líder negro Nelson Mandela.

Como sempre, as atenções da cerimônia foram divididas entre rainha, Flora Paula de Souza, e pelo presidente do bloco, Vovô, além é claro, de sua própria mãe, a ialorixá Hilda. Após entoarem hinos em dialeto africano ao som da bateria do Ilê, elas puxaram a evocação agô, em iorubá, um pedido de bênção aos deuses.

Jornal A Tarde, década de 1990



Ilê Aiyê: uma nação africana chamada Bahia

A tradição escravocafá da sociedade brasileira esteve institucionalizada no período que vai do século XVI ao XIX, época em que o país vivia sob o regime colonial escravista. Essa tradição criou mecanismos de segregação através dos quais, dentro da raça ou o segmento étnico, os quais ou pessoas se identificam e/ou neles são identificados, servem como elemento diferenciador entre as pessoas, determinando formas de pertencimento ou negando acesso a determinados grupos ou classes sociais. Embora tente-se criar a impressão de que vivemos em uma sociedade não preconceituosa, é fato que, sendo 46% da população brasileira, os negros são apenas 4% entre os universitários e que a maioria deles continua ganhando salários menores que os brancos.

O grupo Ilê Aiyê surge em 1974, juntamente com os movimentos de negritude, afro-brasileiros, afro-americanos e de libertação dos povos africanos que se expande na Bahia e Brasil. Foi criado por Antônio Carlos dos Santos Vovo, Apóloônio e Popô, visando ser uma organização cultural negra, de resistência a políticas discriminatórias e segregacionistas, buscando fortalecer a identidade cultural do negro, reafirmando sua dignidade, cidadania e autorrealização. Outro fator importante no grupo é a sua dimensão religiosa. A casa onde surge o grupo é também a sede do Terreiro Axé Jitólu, de Mãe Hilda Jitólu. Mãe Hilda é a Iyálorixá do Ilê, mãe espiritual do grupo e fonte de sabedoria. Há cinquenta anos ela guarda um segredo que lhe foi confiado: "Jitólu do Curuzu de toda a Bahia". O Ilê Aiyê constitui-se de vários grupos: a Banda Aiyê, a Banda Erê, a Ala do Canto e o Grupo de Dança.

O Ilê, como organização de identidade étnica afro-baiana marca um espaço, tem uma especificidade, um lugar na Bahia e no mundo. A cidade de Salvador sempre foi um polo da cultura afro-brasileira, onde as religiões afro, as danças e os ritos nunca perderam espaço. O Ilê Aiyê apropriou-se dessa cultura e a representa com as vestimentas e penteados com os quais se apresenta. As tranças ressaltadas, em penteados que refletem costumes, moda e jeito de ser africano, tornaram-se características de homens e mulheres do Ilê, lembrando a nobreza africana e fraduzindo significados ancestrais. As fantasias dos blocos representando a cada ano um pôs africano ou um motivo de significação histórica no Brasil ou na Diáspora, constam sempre de saias longas e turbinadas. Cores como o amarelo, vermelho, preto e branco estão sempre presentes, pois representam a África.

O sentimento de dignidade humana existencial do negro é cultivado como requisito fundamental à ação que os componentes desenvolvem junto às comunidades. A alegria, a beleza e o orgulho de pertencimento ao Bloco é cultivada e reforçada em cada apresentação. As principais questões hoje colocadas a partir da ação do Ilê Aiyê são:

- afirmação de referências e identidades numa sociedade múltipla e plural;
- a dimensão cultural e educativa



Mãe Preta: Hilda Dias dos Santos

tentando articular o cotidiano brasileiro à realidade das culturas africanas e indígenas;

• a leitura dos acontecimentos da comunidade negra, transformando estigmas e estereótipos em positividades;

• o sentido de mobilização e organização da comunidade negra em torno de questões concretas, num processo de aprendizagem social, ético e musical;

• o desenvolvimento sistemático de pesquisa sobre cosmologia, mitologia cultura, religiosidade e ancestralidade africana.

O Ilê completa 21 anos de existência pesquisando, cantando, divulgando organizações de resistência negra, de Palmares ad Ilê Aiyê, com integridade, dignidade, celebra maioridade no coração da África.

1) Calendário de Eventos fixos do Ilê Aiyê:

O grupo apresenta anualmente um calendário de eventos ao longo do ano civil. São eles:

1. Festa da Beleza Negra — o Ilê inicia oficialmente o ano com esta festa, onde é escolhida, entre as candidatas negras que concorrem ao título de Rainha do Ilê Aiyê, a "Deusa do Ebaño" — que reinará durante todo o ano no bloco. Essa escolha acontece ao longo de uma semana de festas e conta com a presença de associados, diretores, cantores, pessoas da sociedade baiana e visitantes de outros estados e países. Os critérios utilizados nessa escolha são: ser negra, reconhecer-se negra, dançar igéká e ter disponibilidade para representar o bloco o ano inteiro, no Brasil e exterior.

2 - Festa da Mãe Preta — A segunda festa tradicional do Ilê é a semana da Mãe Preta, realizada todos os anos

no mês de setembro. A figura da Mãe Preta é encarnada na pessoa da Iyálorixá Jitólu — Dona Hilda dos Santos — que é a Iyálorixá do bloco e fundadora da organização. Ela é quem assegura o fundamento da ancestralidade africana, respeitando a tradição do Candomblé e seus orixás.

Durante essa semana são realizadas exposições, palestras e mesas redondas onde o assunto principal é a afrocanadianidade reconstruída na Bahia. A festa da Mãe Preta incorpora o sentir-se participante dos simbolismos representados.

3 - Novembro Azeviche — o aniversário do bloco — No dia 1º de novembro de cada ano, dia de todos os santos, era comemorado, em missa solene, o aniversário do Ilê. A missa era preparada com cenários que iam sucedendo entre cantos, danças e leituras, refletindo a trajetória do bloco e seu engajamento com a causa negra. Em 1993, quando o Ilê comemoraria 20 anos, a Igreja Católica promoveu que a comemoração se desse em um de seus templos. Desde então o aniversário do bloco é comemorado em local público.

4 - Carnaval — fevereiro — O Carnaval talvez seja a festa do bloco mais famosa fora da Bahia. Música selecionada, rainha eleita, Banda e Ala do Canto afinadas, e a participação

do público: começa então a maior festa do bloco. A primeira atividade é o lançamento oficial do Bloco na rua, através do Ritual da Saída. Essa saída passa em trente à sede tradicional do Bloco, no Curuzu. Logo após a Festa de São João, muito tradicional na cidade, iniciam-se os ensaios para o Carnaval, que duram até o início do ano seguinte. Nesses ensaios a participação do público e dos membros do grupo é efetiva e dinamiza a vida do

O 21 de Novembro

Hoje, como sempre, é fundamental a gente, nós, Povo Negro, não perdemos a perspectiva da Organização. Tudo bem que celebremos os 300 anos de Zumbi dos Palmares. Que ele seja, se torne Herói Nacional. Tudo bem. Mas o dia 21 de novembro é a gente que esqueceu que Quilombo foi Organização Negra que disputou o poder. E, hoje, nós, Negros, temos que lutar mais e mais para aumentar a nossa organização e o nosso poder de logo para conseguirmos algo melhor para as futuras gerações. E para isso temos de ter poder. Vereadores, Prefeitos, Deputados, Governadores, Presidente. Não temos capacidade para governar e administrar bem este país. Palmares provou isso há 300 anos. Por isso, eu sempre digo que o 21 de novembro deve representar para a gente a continuação da luta de Zumbi dos Palmares por um país igual, melhor para todos nós que sempre construímos neste Brasil. Desde o tempo da Independência. Não devemos esquecer que muitas lutas que marcaram Zumbi e a independência democrática de Palmares. Celebrar e comemorar é bom. Mas, a luta tem de continuar até a conquista do poder.

Antônio Carlos dos Santos Vovo — Presidente da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

bloco, enraizando-se no cotidiano da cidade de Salvador.

2) Estrutura do Bloco Ilê Aiyê:
O bloco mantém várias alas internas divididas por etnia:

• Banda Aiyê, composta de 200 percussionistas, é quem assegura o ritmo e o compasso do Bloco na avenida; durante o Carnaval.

• Banda Erê, também de percussão, é formada por jovens de 7 a 14 anos, em parceria com o projeto Axé, responsável pela reintegração de membros de rua à uma vida social. A Banda Erê se apresenta nos Carnavais aos Domingos, no Bairro Liberdade. Desta banda saem alguns componentes para a Banda Aiyê. O sentido de pertencimento incentiva a carreira de percussionista. Os meninos vivem o orgulho de pertencerem ao Ilê.

• Ala do Canto, constituída por cantadores e compositores profissionais do bloco. É ela quem leva a passarela no Carnaval as composições apresentadas pelo Ilê. Alguns dos compositores também são cantores.

• Grupo de Dança — O Ilê desenvolve uma coreografia própria, que o público já espera ver em cada apresentação. O "igéká" é uma dança que combina musicalidade, ritmo e efeitos de palco específicos. O público balançado identifica o passo do Igéká marcadamente pelo Ilê.

• As decisões organizacionais do grupo são tomadas pela diretoria, composta por 17 pessoas, incluindo o presidente e o vice-presidente.

A Iyálorixá, Mãe Hilda, Jitólu, também faz parte da diretoria. Ela quem organiza a saída ritual do bloco na saída do Carnaval com cortejo de suas filhas de santo. Também é seu dever dirigir a escola que atende às crianças do Bairro do Curuzu, incluindo filhos da comunidade e meninos de rua; em parceria com o projeto Axé.



Imagens de arquivo



Cartão postal, produzido em homenagem aos 50 anos de santo de Mãe Hilda 1992



JORNAL A TARDE 26-06-1992

Escola de bloco afro quer apoio do governo

A Escola Mãe Hilda, mantida pelo bloco afro, Ilê Aiyé, poderá fechar suas portas, caso as secretarias do município ou do estado não destinem recursos para o seu funcionamento. O estabelecimento ministra aulas de alfabetização e da 1^a à 3^a série do primeiro grau. Funciona na sede provisória do Ilê Aiyé, La-deira do Curuzu, 233/237, Liberdade. Tem cerca de 150 alunos, divididos entre os turnos matutino e vespertino.

A diretora da escola, Arany Santana, declarou que se o estabelecimento fechar se agravará mais a situação das crianças e adolescentes das áreas próximas ao Curuzu, que não dispõem de muitas escolas de alfabetização e de todo o primeiro grau públicas. "Em toda a Liberdade, existem dezenas de escolinhas particulares irregulares".

SEM SALÁRIOS

O presidente do Ilê Aiyé, Antônio Carlos dos Santos — Vovô —, informou que as professoras da Escola Mãe Hilda recebem por mês uma gratificação simbólica de Cr\$100 mil, retirada das verbas do bloco. São quatro professoras e duas monitoras. Para Vovô, o pagamento dos professores poderia ser feito pelas se-

cretarias de Educação do município ou do estado.

Outra forma de apoio seria o fornecimento de material didático e merenda escolar, devido à carência de recursos dos alunos que freqüentam a Escola Mãe Hilda. São crianças e adolescentes, entre sete e 14 anos, que moram nos bairros de San Martin, Pero Vaz, Santa Mônica, Largo do Tanque e outras áreas pobres.

A professora Arany Santana está elaborando um projeto para conseguir o envio de merenda escolar pela Secretaria da Educação do Estado. O documento será entregue no início da próxima semana ao Serviço de Educação ao Educando.

No começo deste mês, Vovô esteve em contato com o secretário de Planejamento, Waldeck Ornelas, e com o prefeito de Salvador, Fernando José, onde solicitou ajuda para a escola. O prefeito e o secretário prometeram estudar o caso para viabilizar algum tipo de apoio. A Escola Mãe Hilda foi fundada em 1988. O nome é em homenagem à Ialorixá Hilda dos Santos, mãe do fundador do Ilê Aiyé e uma das sacerdotisas mais respeitadas em toda a Bahia do culto afro.

Foto: Alceu Elias



Jornal A Tarde – 26 de junho de 1992



JORNAL BAHIA HOJE 26-03-1995

Ilê faz escola diferente para negros no Curuzu

O bloco afro Ilê Ajyê vai implantar uma pedagogia direcionada para a cultura negra nas escolas do Curuzú. A primeira fase do projeto foi iniciada ontem, com o "Encontro de Capacitação Pedagógica" na sede do bloco. O projeto pretende estimular os estudantes negros da rede estadual e municipal do bairro, levando ao processo de conhecimento suas realidades sociais e culturais.

Inicialmente o projeto atingirá 5 escolas da rede pública, além da escola Mãe Hilda, que funciona no terreiro Jitolu, e junto aos meninos da banda Eré, que une o bloco ao Projeto Axé. Todo o conhecimento acumulado pelo Ilê, sobre o candomblé e a história do negro, será aplicado em sala de aula por 30 educadores e deve atingir cerca de 600 crianças e adolescentes.

O professores que serão capacitados para trabalhar no projeto, utilizarão vídeo, material fotográfico, músicas e edições do bloco. Para Jonatas Conceição, diretor e coordenador do projeto, o universo negro pode entrar em qualquer matéria. Para dar um exemplo, ele cita uma das músicas do bloco, 'O Ilê é Impar'. "Falamos nela em quilombo. 'O que foi o quilombo?' A resposta dá uma aula de história. Falamos, que o bloco tem 3x7 anos de glória, o que cabe perfeitamente numa aula de matemática", explica.

O início dos trabalhos em sala de aula será imediato e a cada mês haverá uma reunião de avaliação. Participam como colaboradores, entre eles, a Fundação Emílio Odebrecht e a UNICEF.

Jornal Bahia Hoje, 26 de Março de 1995



JORNAL A TARDE 19-04-1995

Maior entusiasta do Projeto Educacional do Ilê Aiyê, a matriarca do bloco afro, Mãe Hilda, tem motivos para comemorar esta quinta-feira. Diretores da Fundação Emílio Odebrecht vão estar na sede do bloco, às 10 horas, para assinar o convênio que prevê apoio às ações educacionais. Ações estas que se distribuem entre a Escola Mãe Hilda, o Projeto Erê e, mais recentemente, o projeto que prevê que se leve ao acervo do Ilê Aiyê às escolas públicas (*Da Assessoria*).

Jornal A Tarde, 19 de abril de 1995



JORNAL A TARDE 20-04-1995

Convênio ajudará na valorização da cultura negra

A mais nova parceira da Associação Cultural Ilê Aiyê no trabalho de valorização da cultura negra é a Fundação Emílio Odebrecht, que ontem à noite assinou convênio na sede do bloco afro no Curuzu. O projeto envolverá alunos de três escolas estaduais, uma escola municipal, além da Escola Mãe Hilda e Banda Erê (ambas mantidas pelo Ilê Aiyê).

Antes da Fundação Emílio Odebrecht, o UNICEF já aderira a esta filosofia de educação destinada a ensinar aos alunos parte da história que o ensino oficial não difundiu. Ou seja, introduzir uma pedagogia que reconhece a contribuição do negro na construção da sociedade brasileira. O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê se destina ainda a captar 20 professores e promover a elaboração conjunta de materiais didáticos baseados nas músicas e pesquisas produzidas pela entidade e nas lendas ligadas ao candomblé, dentre outros.

Além de financiar o projeto, orçado em R\$17 mil, a fundação apoiará o Ilê Aiyê na sistematização do modelo educativo proposto, tendo como referência os projetos desenvolvidos na área de educação de adolescentes para a cidadania. Dentre vários outros convidados estiveram presentes à assinatura a secretária municipal de Educação, Salete Silva, representantes do UNICEF, a ialorixá Mãe Hilda e moradores do Curuzu.

Jornal A Tarde, 20 de abril de 1995



JORNAL CORREIO DA BAHIA 22-04-1995 *Ilê Aiyê firma convênio com FEC e inova educação*

Projeto prevê inserção de aulas sobre cultura negra em várias escolas

“É um sonho que se torna realidade, um objetivo que vinhiamo buscando há 21 anos e que agora conseguimos atingir”, disse a aluna Mãe Hilda, do terceiro Ilê Aiyê Rio, durante a noite da última quinta-feira, quando foi assinado o convênio entre o bloco afro Ilê Aiyê, do qual é fundadora e matrizca, e a Fundação Odebrecht. O convênio prevê o apoio financeiro da Fundação ao Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê, cujo objetivo fundamental é implementar um sistema educacional nas escolas da Liberdade, enraizado na cultura negra. Na assinatura pública do convênio, estiveram presentes o presidente do Ilê Aiyê, Antônio Carlos dos Santos, Vovô, a secretária municipal de Educação, Salette Silva, representantes da Secretaria Estadual de Cultura, além de integrantes do Movimento Negro e da comunidade da Liberdade.

Orcado em R\$17 mil, que serão entregues pela Fundação Odebrecht de maneira escalonada, o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê prevê ações variadas, em princípio nas escolas no bairro da Liberdade. Ações que vão, desde a utilização das músicas do bloco como elemento facilitador de aprendizagem — uma vez que estas músicas são sempre a cultura negra como tema central —, até a produção de exposições itinerantes com o acervo do bloco afro mais antigo do país.

Segundo o presidente do Ilê, ao chegar à maioria de, o bloco sente-se maduro e suficiente para levar a público as suas ações, até então restritas à comunidade interna. A parceria com a Fundação Odebrecht é, segundo ele, importante na medida em que inaugura uma associação capaz de colaborar para a “formação de pessoas conscientes e em condições de recuperar a auto-estima”. Vovô declarou que novas parcerias estão sendo buscadas e antecipou, também, a renovação do convênio que o Ilê mantém com o Unicef.

Da mesma forma que o presidente do Ilê Aiyê, a coordenadora de Projetos da Fundação Odebrecht, Márcia Campos, viu a iniciativa como revolucionária.

O Ilê Aiyê está desenvolvendo um projeto que tudo tem a ver com o que faz a nossa fundação, ou seja, investir na formação de cidadãos”, declarou. Ainda segundo a coordenadora, o resgate da identidade cultural é fator fundamental para a formação de uma sociedade mais justa. Para a secretária municipal de Educação, Salette Silva, o convênio celebrado entre o Ilê Aiyê e a Fundação Odebrecht é a demonstração de que está surgindo um novo conceito de público. “Público não quer dizer, necessariamente, o estatal, pois está vinculado à estadaquia”, declarou a secretária. De acordo com ela, a prefeitura dá total apoio à iniciativa do Ilê Aiyê e aposta na inclusão das escolas da rede municipal no Projeto de Extensão Pedagógica. O Ilê Aiyê tem mantido uma série de encontros entre professores e diretores das escolas sediadas na Liberdade, para colocar em prática o Projeto de Extensão Pedagógica. A próxima reunião acontece no dia 28 de abril, próxima sexta-feira, na sede do bloco, no Curuzu, a partir das 10h da manhã.



Jornal Correio da Bahia, 22 de abril de 1995



Comenda à Mãe Hilda do Ilê Aiyê



A cada ano, quando o bloco afro mais antigo de Salvador, o Ilê Aiyê, vai iniciar seu desfile no Carnaval, os seus integrantes costumam saudar a ialorixá Hilda Dias dos Santos, conhecida como "Mãe Hilda", através do canto de uma música "Mãe Preta", que fala da sua dedicação à religião afro-brasileira e ao bloco. Agora a Câmara Municipal de Salvador também poderá homenagear Mãe Hilda, com a entrega da Comenda Maria Quitéria. Nesse sentido, o vereador do PFL, João Carlos Bacelar, apresentou projeto de resolução, já na pauta para apreciação do plenário do

Legislativo Municipal. "Com uma vida inteiramente voltada para a comunidade e os desprotegidos, Mãe Hilda é, por certo, merecedora da homenagem", justifica o vereador.

Com 75 anos de idade, Mãe Hilda tem cinco filhos, sendo o mais velho, Antônio Carlos dos Santos, presidente do Ilê Aiyê. Segundo Bacelar ela é conhecida como uma das personalidades cuja contribuição nas áreas artística e religiosa reflete os ideais da cidadania, da dignidade, da igualdade, da cultura afro-brasileira, contribuindo para uma melhor percepção e compreensão da história do povo e de seus valores espirituais.

Conforme ressalta João Bacelar, "sempre com o ideal de implantar uma creche para crianças carentes da Liberdade, bairro onde reside, Mãe Hilda conseguiu realizar seu sonho, abrindo as portas de seu barracão e instalando uma escolinha de primeiro grau, cujo projeto pedagógico tem sido aproveitado por diversas escolas existentes naquela comunidade", informa.

Comenda da Câmara Municipal de Salvador – 27 de agosto de 1998



Salvador, dezembro de 1998 - Pg. 08
Viva! Viva! Viva a sociedade alternativa...

Jornal do VERÃO

COMO É LINDO DE SE VER

Abençoado por Obaluaiê (Mãe Hilda)
o filho de Oxalá (Vovô)
botou o bloco da negada do Curuzu na avenida
100 por cento negro
e nunca mais o carnaval da Bahia foi o mesmo
desde aquele fevereiro de 75
Olorum quem mandou esta gente bonita
e mais bonita ainda de se ver ?
almas negras vestindo vermelho-amarelo-preto
e os tambores em rituais marcando o novo compasso
o que será o próximo o passo do país do carnaval

pela primeira vez
dois mil e tantos crioulos doidos
bem legal cabelo duro bleque pau
orgulhosamente e na cadência
da inconfundível levada da bateria
transformavam a sonoridade musical
da maior farra da terra
um tempo novo
deixando de ser mero coadjuvante da alegria
para ser ponta de lança de uma raça e sua energia

nasceu dia Primeiro de Novembro de 74
incorporando pioneiramente
os ritos e preceitos e orixás do candomblé
na festa momesca
até então uma folia mais pra branco do que pra negro

cresceu dentro de casa (Ilê Axé Jitulu)
nação gégé marin
amparado pelo carinho e mãos fortes
de Mãe Hilda Jitulu (Obaluaiê)

e rompeu a madrugada de sábado no Campo Grande
pra nunca mais deixar de estar no lugar onde deve ficar
batedor fundo no coração do legítimo povo herdeiro
dos ancestrais africanos
seja nos Orixás nas cores e nos panos
uma identidade étnica e de auto-estima
fortalecia-se com o passar do tempo
nas fadadas esburacadas do Curuzu

vem de lá avisando alto e bom som
que esta turma é da pesada
é animada e conscientemente
retoma a evolução dos movimentos
o renascimento negro-africano negro-americano
e prioritariamente o afro-baiano

esta explosão de Liberdade ecoa
e pipocam vários outros blocos de negões
nos barracos da cidade

e então se passaram 25 cinco anos
que bloco é esse queremos saber?
mundo negro que expandiu jeito de ser além de fevereiro
terreiro que vira sala de aula o ano inteiro
a escola alfabetizando cem meninos a cada ano
outra centena aprendendo a saber tocar um instrumento
e outros mais aprendendo os primeiros ofícios
na estratégia de consolidar sua auto-sustentação
educação-saúde-politização-comunidade em ação

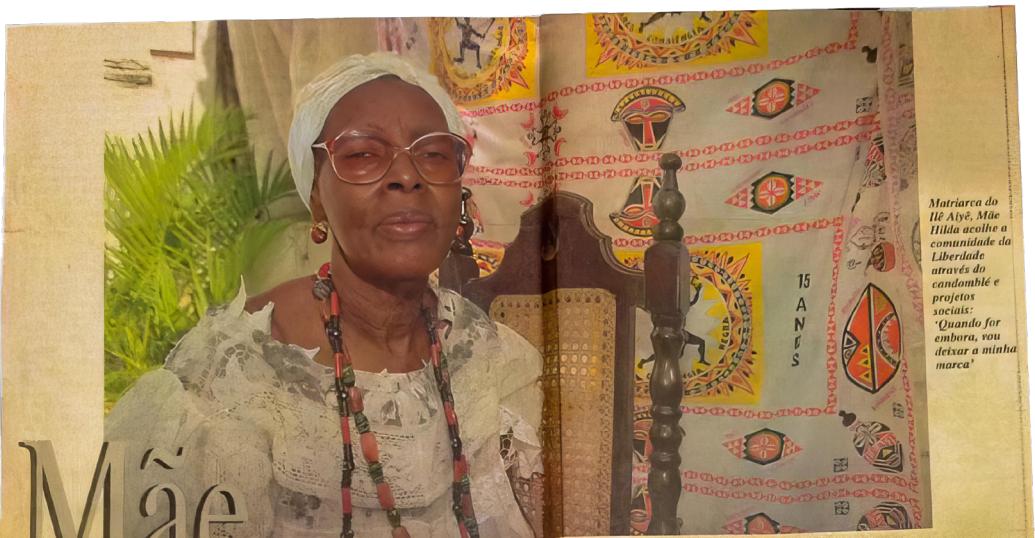
fazendo história
levando sua gente à glória
como é bonito de se ver
você Ilê Ayé

Foto arquivo Ilê Ayé

"*O Ilê nasceu para o negro ter orgulho em ser negro*".
(Mãe Hilda)

"*O Ilê preserva e expande os valores da cultura africana no Brasil*".
(Vovô)

Foto arquivo Ilê Ayé



Mãe da beleza

Elaine Hazin

A força do Ilê está na beleza de um sorriso que, como um mágico tapete azevinho, invadem e emocionam a avenida. Ela está também no resgate que o bloco do Cururu fez do orgulho negro, o *black is beautiful*, que remonta a 25 anos, tempo em que Vovô e cinco amigos foram barraqueiros num bloco de brancos e fundaram a mais bela resistência negra do Carnaval. Mas a tal força, o tal espírito do Ilê, este sobretudo, em sua maternidade. Mãe Hilda, uma senhora de 77 anos, mãe de Vovô e dos filhos-de-santo da Liberdade.

Passo devagar, voz mansa, olhar forte, seguro. Mãe Hilda chega em seu terreiro, o Ilê Axé Gitó, onde também está instalada uma escola com seu nome e sua causa. Todos que passam pedem sua bênção, ela abençoa, assim como faz há 25 anos na saída do Ilê, num ritual que atrai centenas de pessoas à Liberdade e é considerado um dos momentos mais significativos da festa de Momo.

Sagnado, profundo, o sotaque explica que, no candomblé, o Candomblé é festa da criada e os Egum e Exu. "Os atoxins nascem no candomblé. A maioria eram filhos e filhas de santos, egus", conta, avisando que o ritual sagrado da saída do Ilê é um pedido de paz para o Carnaval, abrindo caminhos e buscando proteção. Os detalhes ela não explica - é um ritual misterioso e bém melhor da se ver do que de se falar.

Filha de família de matrinxas. "Fui criada assim, em casa quem resolvia tudo era minha mãe, era a chefe", Mãe Hilda é quem orienta cada decisão tomada por seu filho, Vovô, presidente do bloco. "Ele é nosso guru, nossa grande referência. As pessoas pensam que o Ilê é um bloco de homens, mas se enganam. A maioria é de mulheres e Mãe Hilda é nossa matraca", diz Vovô.

Não é à toa que o bloco nasceu no centro de terreiro, criado há 57 anos. "Os orixás acendem essa luz, e a gente via seguindo a estrada da vida", filosofa. Ela conta que quando Vovô pensou em fundar o bloco, o primeiro nome sugerido foi Poder Negro. "Não consentiu, na época podíamos parecer alguma conspiração, dar proble-

mas políticos", lembra, reforçando que o Ilê tem sua orientação e a belangrada das crianças.

O significado em iorubá do Ilê Aiyé é "casa grande, casa de todos". Talvez por isso, o ferreiro e o bloco lenham se transformado num grande lar, que acolhe a comunidade do bairro. Dos projetos do Ilê, Mãe Hilda está à frente da escola, criada há dez anos e que atende a 300 crianças até a terceira série primária. "Também daqui que já está no colégio, fico atenta é como o candomblé que também é uma grande escola. Quando eu for embora, vou deixar a minha marca", sentencia.

Em 25 anos do Ilê, e de negros orgulhosos na avenida, Mãe Hilda atribui ao surgimento do bloco uma série de mudanças comportamentais. "Em

dos anos do Ilê, a gente

já viu a diferença. Os negros

começaram a assumir

o cabelo trançado,

o black power. Ele

já pisava mais forte no chão, entrava mais no mundo de eventos promovidos pelo bloco, como a Noite da Beleza Negra, que respiraram a estética dos negros.

Quanto à reserva negra do Ilê, Mãe Hilda se posiciona: "Não é separação nem racismo, somos tua-cor. Mas é pra o negro ter coragem de assumir o que é de negreiro, sua raça. Para ter responsabilidade com sua cultura. O Ilê veio abriu os olhos de quem está com os olhos fechados, veio trazer consciência".

Mesmo com tanta beleza, com tanta resistência, o Ilê ainda enfrenta muita dificuldade para desfilar na avenida. "É preciso respeitar esses blocos que falam a alegria do povo exilado", ensina Mãe Hilda, acrescentando ainda que boa parte das fantasias do bloco é cortesia.

Aqui vai todo mundo, tendo dinheiro ou não. O Ilê é a coisa mais linda de se ver, é nossa pérola negra". O frenche da música do bloco que ela mais gosta: "Dona a quem doer, eu sou Ilê, Ilê Aiyé".

Ilê passando

Este ano, em que os 25 aniversários do Ilê Aiyé e bloco da Liberdade traz como tema *A força das raízes africanas*. Com cerca de 1,5 mil associados ruiva, o bloco sai no sábado, dia 27, da Liberdade em direção ao Caxangá Grande. Na segundona, às 20h, o bloco desfila no Circuito Olímpico, assim como na Casa da Memória às 17h. O bloco é o maior do bloco Vovô, conta com o único apoio que teve feito da Etil - Empreendimento Balana do Almeida - e da Schenckendorff.



Certificado de comprovação 50 anos de dedicação ao Candomblé, dado a Hilda Dias dos Santos, pela Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro – 2 de dezembro de 2004



FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
FUNDADA A 24 DE NOVEMBRO DE 1946
CNPJ:14.443.014/0001-94
Utilidade Pública Lei n. 6866 de 17/07/95 e Lei Municipal n. 5.718/2000

GABINETE DO PRESIDENTE

AUTORIZAÇÃO

Nome: Hilda Dias dos Santos
Tereiro: AXÉ PE OBIRIAI Mat: 113
Rua: Rua Capixaba N°: 233 Tel: 3862148
Bairro: Gleno Cidade: Salvador Estado: BA CEP: _____
Dia(s): 05-12-04
Confirmação: Ritual de Oshun
Nomes: _____
Confirmação: _____
Nomes: _____
Confirmação: _____
Nomes: _____
Vai receber o Cargo no dia: _____
Pelo (a): _____
Nome do (a) Iaô dia: _____

ATENÇÃO: A FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO BRASILEIRO, INFORMA QUE QUALQUER OBRIGAÇÃO SEM AUTORIZAÇÃO NÃO TERRA VALIDADE.

"É proibido ao Iaô de Art. 5º, Parágrafo 6º da Constituição da República Federativa do Brasil, a livre prática do Culto Religioso e profissão seu livre de culto e suas liturgias em todo o Território Nacional que não contrarie a ordem pública e os bons costumes."

Salvador, 2 de dezembro de 2004.
Hilda Santos
Assinatura

Rua Alfredo Brito,39 Pelourinho - Tel : (071) 322-0174 / 3841-7167 CEP:40025-040
SALVADOR - BAHIA e-mail: fenacab@hol.com.br / www.fenacab.hpg.com.br

Autorização mais recente para realização de ritual religioso
no Ilê Axé Jitulu - 2 de dezembro de 2004



Mãe da Liberdade

CORREIO DA BAHIA

reporter

27 de fevereiro de 2005

Que bloco é esse?

Ilê Aiyê desafia o preconceito e põe a negritude nas ruas de Salvador em plena ditadura militar

Jornal Correio da Bahia – 27 de fevereiro de 2005 A



Imagens de arquivo

essa, conseguiram a atrair e atraçõe, oferecendo novos símbolos de beleza para os negros", avalia a museóloga Rita Mala.

Uma série de outros elementos surgiu para reafirmar essa ideologia nos anos subsequentes ao nascimento do Ilê Ayé. A Semana da Mãe Preta, iniciada em 1978, é um dos exemplos. Realizada na última semana de setembro, o evento promove o resgate e valorização da participação da mulher negra no processo civilizatório. É também a oportunidade de reverenciar suas matrícias em uma data diferente da determinada pelo segundo branco". Mas a grande força feminina que o Ilê tinha para mostrar naquele ano estava presente na avenida.

Tinha ficado no Curuzu, depois de abençoar seus filhos e filhas. Mãe Hilda Jitulu se auxiliava para pedir proteção dos orixás para o seu povo. É ela a matrícia, a responsável pela proteção espiritual do bloco e, ao longo dos 31 anos de existência do Ilê, sua grande base.

Mãe Hilda Jitulu não brinca o Carnaval. Fica na supervisão, oferecendo caminhos e cingindo da parte espiritual da Associação Cultural Ilê Ayé. Foi assim desde o início e é assim até hoje, passados 31 anos. As oferendas à Exu começam na quarta-feira que antecede o Carnaval, durante quase todos os dias. Os dias próximos contam que mãe Hilda faz oferendas para o santo todas as madrugadas, a partir das 3h, para pedir paz na avenida.

"Sempre foi muito difícil para o negro considerar seu espaço dentro de uma casa de candomblé: autoridade e respeito", afirma. Segundo o antropólogo, Hilda Jitulu ensina aos seus filhos e aos associados do bloco o princípio básico do candomblé: hierarquia sem imposição.

"Cobrou a mãe Hilda transferir o respeito e a hierarquia do candomblé para as pessoas que estavam dentro do bloco. Para você se situar na condição de respeitar o outro para também ser respeitado", explica. "E graças a ela que o Ilê trilhou esse caminho", conclui.

E foi graças à sua sobriedade e autoridade que os diretores do bloco não se chocaram de frente com a Igreja Católica, no ano de 1995, quando o então cardeal e arcebispo dom Lucas Moreira Neves, proibiu que a

(Deusa do Ebano; Geraldo Lima)



Mãe Hilda administra os conflitos e serve de intermediária entre os homens e os orixás

tras lalorixás exercem dentro de uma casa de candomblé: autoridade e respeito", afirma. Segundo o antropólogo, Hilda Jitulu ensina aos seus filhos e aos associados do bloco o princípio básico do candomblé: hierarquia sem imposição.

"Cobrou a mãe Hilda transferir o respeito e a hierarquia do candomblé para as pessoas que estavam dentro do bloco. Para você se situar na condição de respeitar o outro para também ser respeitado", explica. "E graças a ela que o Ilê trilhou esse caminho", conclui.

E foi graças à sua sobriedade e autoridade que os diretores do bloco não se chocaram de frente com a Igreja Católica, no ano de 1995, quando o então cardeal e arcebispo dom Lucas Moreira Neves, proibiu que a



Vovô: realizando inovações de olho na tradição

mãos no pátio do Olodum e mostrar que acreditávamos sim em Deus e que o mundo devia ser para todas as pessoas", comentou a matrícia.

Filha de uma costureira com um estivador, mãe Hilda sempre se destacou pela forma lúdica como lidava com as adversidades. "Essa ideia de que, pelo Carnaval, você pode conseguir aliança entre as pessoas e uma visibilidade política veio da formação de mãe Hilda, cujo pai teve grupo de rancho e a ensinou que o Carnaval era um importante espaço para expor essas reflexões. É ela quem administra os conflitos", afirma Sodré.

Através de uma ética muito refinada, de respeito à tradição religiosa, Hilda Jitulu conduziu o Ilê na elaboração de todos os proje-

tos do bloco afro Maria das Guapas Coroa Sana à Grapa. O bloco desportivo com as primeiras mulheres tocando tambores e muitas outras que passaram a ter representatividade, dando exemplo para o resto da sociedade.

Consolidada, assim, uma das principais características do Ilê: sua liderança feminina é indiscutível. "Isso filterou-se de tal forma que o Ilê foi o primeiro bloco de homens a levar uma mulher para cantar", destaca Jaime Sodré. "E esse referencial, Graca influenciou o surgimento de uma série de bandas femininas, hoje vistas com naturalidade, mas não admitido naquela época", conclui o historiador.

O Ilê fez o importante papel de referência e de afirmação da mulher, da música, da cultura negra. O que também reformula o conceito da mulher: "Porque no momento em que o Ilê diz que o negro é lindo ele diz que o negro que já se sentia lindo, agora tem suas referências. São os símbolos. A beleza negra existe de fato, ela não é só uma construção. A tradição africana também. Ela não é só uma construção. E o Ilê deu visibilidade a algo que efetivamente existe. Deu forma ao negro em Salvador", avalia Rita Maia.

Trinta anos depois dessa semente plantada, hoje, Salvador tem conjuntos de mulheres negras que não se organizam só em bandas: "Têm o Ceará, que é um conjunto de mulheres resolvendo a questão do negro. O bloco viabilizou a questão negra, porque eles cantavam a possibilidade de você trançar o seu cabelo, usar cores fortes e de ressaltar o belo", conclui o antropólogo.

Reprodução/Evandro Velloz



Jornal Correio da Bahia – 27 de fevereiro de 2005 B



Mãe da Liberdade

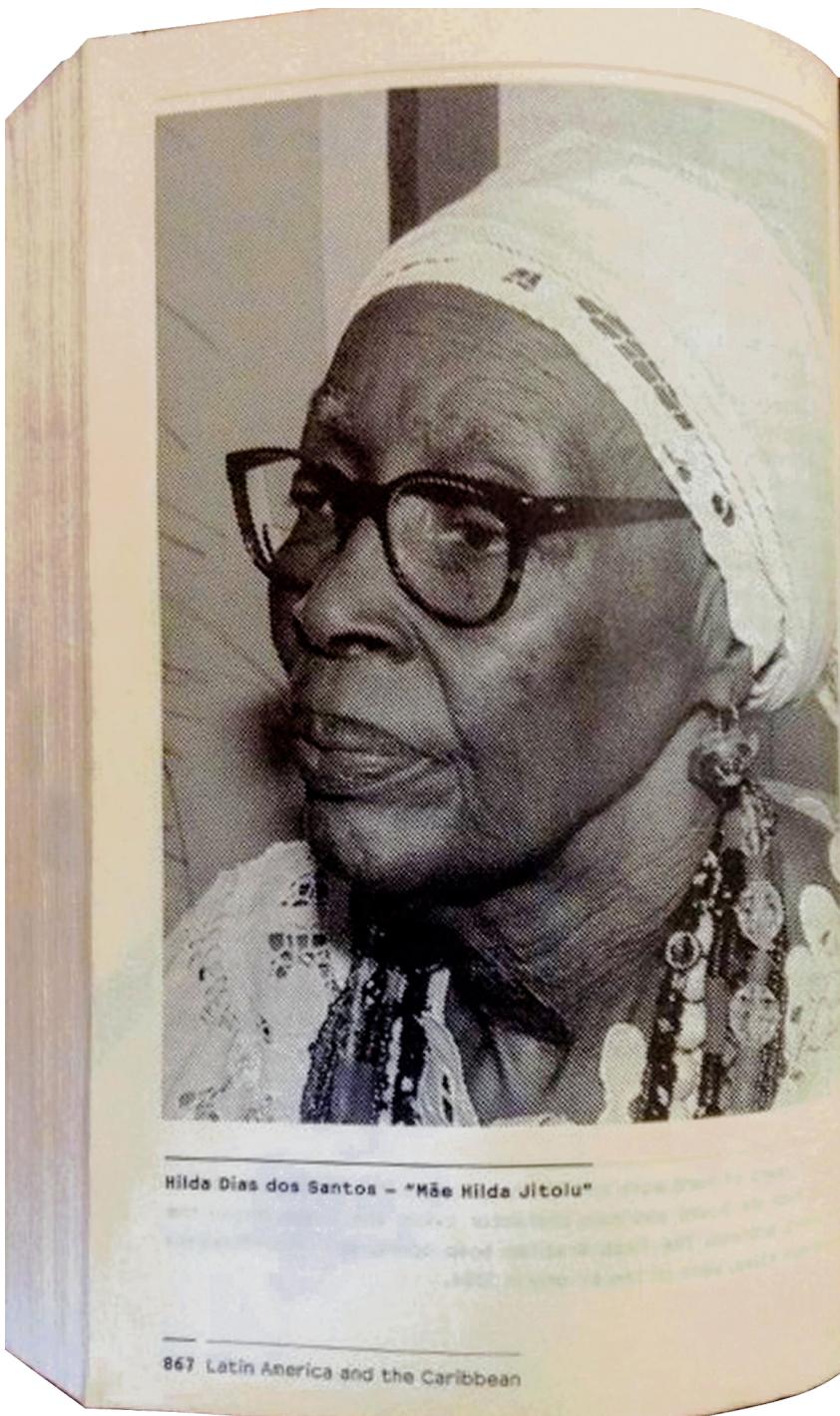


1000 PeaceWomen
Across the Globe

Livro escrito em homenagem as mil mulheres pela paz 2005 A



Imagens de arquivo



Hilda Dias dos Santos - "Mãe Hilda Jitolu"

867 Latin America and the Caribbean

Livro escrito em homenagem as mil mulheres pela paz 2005 B



CONSCIÊNCIA NEGRA I A ialorixá Mãe Hilda e o ator Lázaro Ramos foram homenageados pelo Conselho de Cultura

Histórias de honra e de luta

REGINA BOCHICHO

regib@correiope.com.br

"Verdadeiros ícones da tradição e da modernidade da cultura negra". Assim resumiu Edâncipa Reisber, presidente do Conselho de Cultura do município, referindo-se à sacerdotisa mãe Hilda Itôlo, ialorixá do Terreiro de Axé Jijóbi, e ao ator baiano Lázaro Ramos, durante cerimônia que os homenagearam, ontem, no Palácio da Aclamação, num auditório lotado. A moção de honra ao mérito – materializada numa placa de metal –, como parte integrante da Semana da Consciência Negra, evidenciou o reconhecimento da importância de mãe Hilda para a história não só do candomblé, entretanto, ialo-rixá, mas também como uma das mentoras do bloco afro Ilé Aiyê, criado no início da década de 70 do século passado, cuja ideologia afirma a etnia negra.

Desnecessário, ainda, o talento do ator baiano Lázaro Ramos e a influência positiva no imaginário do brasileiro a partir de suas atuações. Ele protagonizou a novela da Globo, *Cobras & Lagartos*, em horário nobre. Com o personagem Fugazza, o ator conquistou milhares, conquistando admiração e, consequentemente, espaço. Resultado de vasta caminhada no teatro e cinema, diferente, portanto, da trajetória de grande parte dos "atores globais" mais novos. Segundo palavras do professor Jorge Portugal, que integrou a mesa e foi o autor do pedido de homenagem a Ramos, o

ator "é a maior ação afirmativa personificada hoje".

MENTORA – "Estou emocionada... este é um momento importante, pois é o reconhecimento de um trabalho", disse mãe Hilda para a imprensa, em voz muito baixa. A ialorixá falou, ainda, que deixa uma mensagem para os negros: "Que sejam unidos e reivindiquem seus direitos". Mãe Hilda, nascida

em Salvador, filha de Olubasile e Oxum, sabe do que está falando. Pois ela quem, no início da década de 70, ajudou a fundar o bloco afro Ilé Aiyê, do qual, até hoje, é a principal mentora. Mãe Hilda, sacerdotisa, é mãe biológica de Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilé, atual presidente do bloco. Nada que se faça no Ilé, hoje, acontece antes da aprovação dela. Além disso, foi a primeira ialorixá a subir a Serraria Barriga (onde ficava o Quilombo de Palmares) e fazer culto a Zumbi.

atuações inclusivas como as crianças negras do Carnaval.

A ialorixá Hilda Itôlo, homenageada no Terreiro Jeje Salvador, que ficava na Praia da Águia, teve cinco filhos biológicos e dezenas de filhos-de-santo. Foi a primeira ialorixá a subir a Serraria Barriga (onde



Lázaro Ramos e Mãe Hilda receberam uma placa de metal durante cerimônia realizada ontem, no Palácio da Aclamação

era criado, deixando uma elite branca sobrepujante surpresa, mãe Hilda fundava seu território na Liberdade. Além disso, promovia ações inclusivas como as crianças negras do Carnaval.

A ialorixá Hilda Itôlo, homenageada no Terreiro Jeje Salvador, que ficava na Praia da Águia, teve cinco filhos biológicos e dezenas de filhos-de-santo. Foi a primeira ialorixá a subir a Serraria Barriga (onde

havia o Quilombo de Palmares) e fazer culto a Zumbi. Além disso, estava entre as 31 mulheres brasileiras indicadas, em 2005, para fazer parte da lista do Prêmio Nobel.

MODESTIA – O ator Lázaro Ramos disse que nem devia estar ali, recebendo homenagem idêntica à de mãe Hilda, pelo valer religioso, histórico e social da sacerdotisa. "Vou guardar na minha estante e

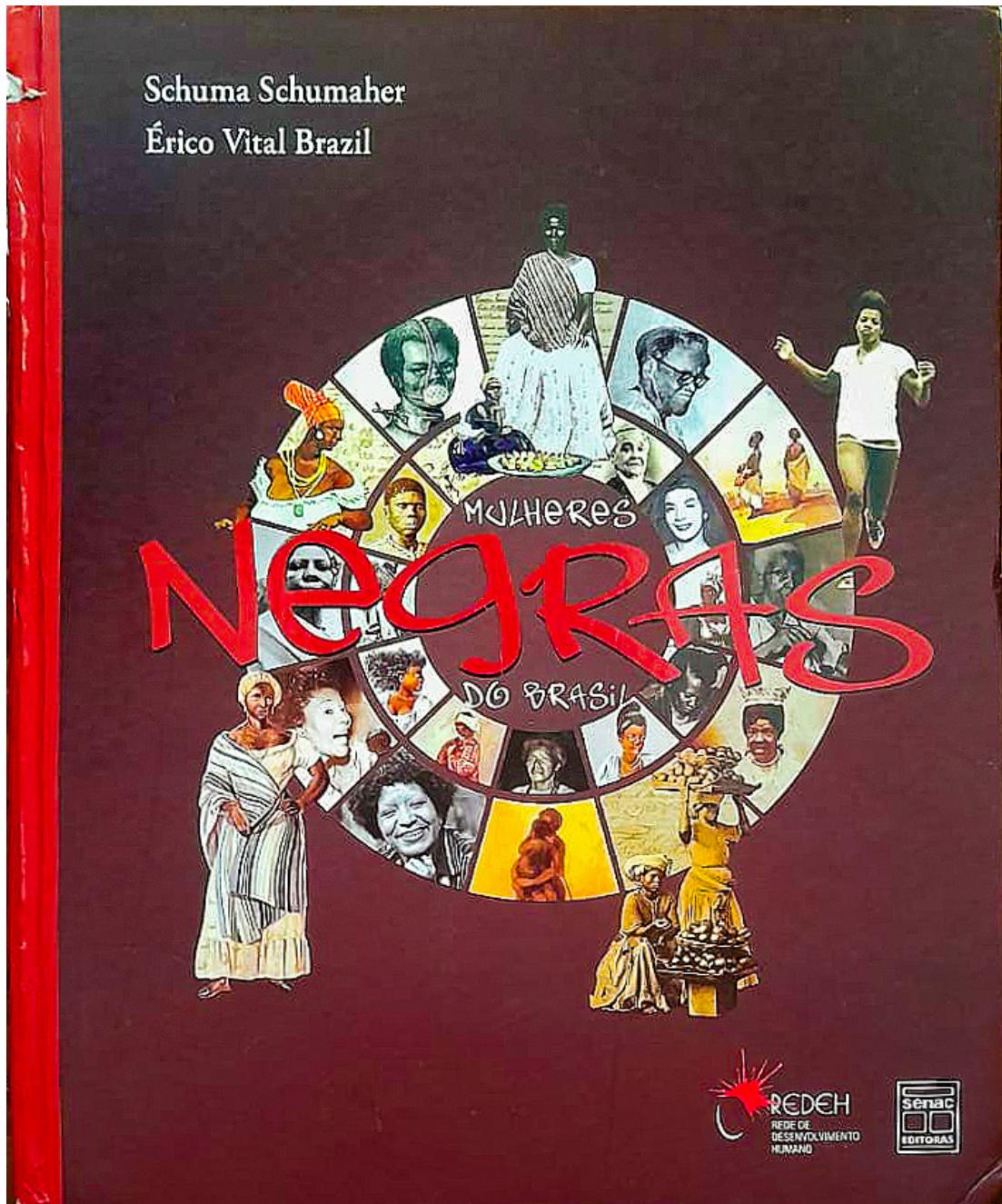
quando tiver 112 anos, e tiver casinha só minha, ali, sim, eu, vou agradecer com méritas. Mas por enquanto, aceito".

Lázaro Ramos conseguiu um Banco de Teatro Odéon, atuando em peças como *O pif*. E, foi descoberto pela indústria da TV e do cinema, recebendo elogios pelos atuações em filmes como *Madame Satã*, *O Homem Que Copiou* e *Giuliane Baixa*.

Jornal A Tarde – 22 de novembro de 2006



Imagens de arquivo



Livro Mulheres Negras do Brasil 2006 A



Mãe da Liberdade



Livro Mulheres Negras do Brasil 2006 B



Imagens de arquivo

TABELIONATO 03º DE CACIQUE DE MACHADAS
Rua Miguel Calmon, nº 34 - Centro - Salvador-BA
Comércio - Térreo - Edifício União - CEP: 40.010-020 - Tel: 3241-5491

PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE SALVADOR - BAHIA
Av. Miguel Calmon, nº 34 - Edifício União - Térreo - Comércio - Salvador-BA
CEP: 40.010-020 - Telefone: (071) 326-2069 - FAX: (071) 241-5491

Nº de Ordem: 600415
Livro nº: 0997
Folha nº: 114
Traslado Nº: 1

Escritura de Doação, na forma abaixo:

SAIBAM quantos esta pública escritura virem, que aos vinte e cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e sete (**25/09/2007**), nesta Cidade do Salvador, Capital do Estado Federado da Bahia, neste Cartório do Sexto Ofício de Notas, a cargo da Bela **IVANISE PINTO VARELA**, Tabeliã Titular, compareceram, partes entre si, justas e contratadas, a saber de um lado, como OUTORGANTE DOADORA, a **COMPANHIA PROGRESSO E UNIÃO FABRIL DA BAHIA**, firma com sede nesta Capital, à Avenida Estados Unidos, 376 - Edifício União, sala 601, Comércio, inscrita no CNPJ/MF sob número 15.120.454/0001-73, neste ato representada por seus Diretores, LUIZ MARTINS CATHARINO GORDILHO FILHO, brasileiro, casado, economista, inscrito no CPF do MF sob número 042.517.095-00 e PAULO CATHARINO GORDILHO, brasileiro, casado, empresário, inscrito no CPF do MF sob número 142.303.725-15, residentes e domiciliados nesta Capital; e, do outro lado, como OUTORGADA DONATÁRIA, **HILDA DIAS DOS SANTOS**, brasileira, viúva, pensionista, portadora da Cédula de Identidade número 581.026, SSP/BA e inscrita no CPF do MF sob número 295.074.995-04, residente e domiciliada nesta Capital. Assina a rogo da Outorgada, Sr. **ANTONIO CARLOS DOS SANTOS VOVÔ**, brasileiro, casado, produtor cultural, portador da Cédula de Identidade número 667.064, SSP/BA e inscrito no CPF do MF sob número 052.781.125-49, residente e domiciliado nesta Capital, por ter declarado a mesma impossibilidade de faze-lo em virtude do seu estado de saúde não o permitir, deixando apostila abaixo a impressão digital do seu polegar direito; os presentes meus conhecidos e das duas testemunhas adiante nomeadas e no final assinadas, de cuja identidade e capacidade jurídica dou fé. E, perante as mesmas testemunhas pelos representantes legais da OUTORGANTE DOADORA, por seus Representantes, me foi dito o seguinte: **1º) Que, a justo título e boa fé, é senhora e legítima possuidora, em mansa e pacífica posse, livre e desembaraçado de ônus de qualquer natureza, do bem imóvel identificado pela ÁREA DE TERRENO PRÓPRIO inscrito no Cadastro Imobiliário Municipal sob número**

10.09.089

[Handwritten signatures and initials over the text]

Escritura de doação de terreno da União Fabril para Hilda
Dias dos Santos – 25/09/2007, Página 01



Mãe da Liberdade

049.034-2, situada na Rua do Curuzu, número 233, Liberdade, subdistrito de Santo Antônio, zona urbana desta capital, com área total de 781,15m², que mede 6,70m de frente para a citada rua do Curuzu, fundo com segmentos de 5,05m + 1,40m + 6,90m + 1,05m + 5,20m, lado direito com 70,80m e lado esquerdo com segmentos de 44,10m + 6,50m + 30,95m todos limitando-se com propriedade da Outorgante Vendedora; 2º) Que, dito imóvel foi havido pela OUTORGANTE DOADORA por incorporação ao seu patrimônio, conforme registro no Livro 3-F, folhas 180/185, sob número 2.175 em data de 30 de dezembro de 1932, no Registro Geral de Imóveis do Segundo Ofício desta Capital, consoante atas de Assembléias Gerais e Extraordinárias realizadas há 28 de novembro e 21 de dezembro do ano de 1932, arquivados na Junta Comercial do Estado da Bahia - JUCEB, e publicado no Diário Oficial de 24 de dezembro de 1932; 3º) Que, assim sendo e possuindo outros bens necessários a sua manutenção, doa, como efetivamente doado tem a OUTORGADA DONATÁRIA, o já descrito e caracterizado imóvel, transmitindo-lhe desde já toda a posse, direito, domínio, ação e pretensão, que tinha e exercia sobre o alienado imóvel, para que lhe fique pertencendo, doravante, não só por força da presente como também em virtude da "CLÁUSULA CONSTITUTI", obrigando-se por si, seus herdeiros e/ou sucessores a fazer a presente doação a todo tempo sempre boa, firme e valiosa, defendendo-a e à OUTORGADA DONATÁRIA de quaisquer dúvidas ou contestações futuras, respondendo pela evicção de direito, nos termos da legislação em vigor. Pela OUTORGADA DONATÁRIA, me foi dito ante às aludidas testemunhas que aceita a presente escritura em todos os seus termos. À presente doação foi dado o valor de R\$4.000,00 (quatro mil reais), para efeitos fiscais. Assim disseram, convencionaram, aceitaram e me pediram esta escritura que lavrei e aceitei em nome dos interessados, dou fé e certifico que o Imposto de Transmissão "ITD - Doação", no valor de R\$129,69 a razão de 2% sobre a avaliação de R\$6.484,50 e quitação no DAE que acompanha a presente, fazendo parte integrante e inseparável; que foi recolhida a taxa pela prestação de serviços no valor de R\$118,00 através do DAJ de número 775361-807, cuja terceira via arquivada; que foi apresentada a certidão negativa de ônus reais expedida pelo cartório imobiliário competente; que foram apresentadas as certidões dos feitos ajuizados a que se refere a Lei Federal número 7.433 de 18 dezembro de 1985; que pela donatária foi dispensada a apresentação da Certidão de Quitação do IPTU; responsabilizando-se por quaisquer débitos fiscais ante à Prefeitura Municipal de Salvador, em relação a inscrição anteriormente mencionada; que foi emitida a DOI - Declaração sobre Operações Imobiliárias. Deixo de consignar a apresentação da Certidão Conjunta Negativa de Débitos relativos a Tributos Federais e a Dívida Ativa da União e da Certidão Negativa de Débito do INSS, em razão da doadora ser empresa de comercialização de imóveis, declarando a mesma sob pena de responsabilidade civil e

Escritura de doação de terreno da União Fabril para Hilda

Dias dos Santos – 25/09/2007, Página 02



Imagens de arquivo

Nº de Ordem: 600415
Livro nº: 0997
Folha nº: 115
Traslado nº: 1

PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE SALVADOR - BAHIA
Av. Miguel Calmon, nº 34 - Edif. União - Térreo - Comércio - Salvador
CEP: 40.010-020 - Telefone: (071) 326-2069 - FAX: (071) 241-5411

penal, que o imóvel objeto da presente não faz parte do seu ativo permanente e sim
do seu ativo circulante, de acordo com o artigo 16 da Medida Provisória 258 de 31 de
março de 2005 e Instrução Normativa de número 071 expedida pelo INSS em 10 de
maio de 2002, publicada no D.O.U. em 15 de maio de 2002. Declara ainda, sob pena
de responsabilidade civil e penal, que inexistem ações reais, pessoais reipersecutórias
e de ônus reais ajuizados que incidam sobre o imóvel objeto da presente. Foram
testemunhas a tudo presentes, os abaixo assinados, brasileiros, maiores, capazes,
residentes nesta Capital, que assinam com os contratantes, depois de lida esta
escritura, perante todos por mim Belá Ivanise Pinto Varella BELA IVANISE
PINTO VARELA, Tabeliã, digitei o presente instrumento na forma da legislação em
vigor, a subscrevo de tudo dou fé e assino em público e raso! IPV

EM TESTEMUNHO _____ DA VERDADE.

Belá Ivanise Pinto Varella
Tabeliã

Luiz Martins Catharino Gordilho Filho
COMPAÑHIA PROGRESSO E UNIÃO FABRIL DA BAHIA
Representante

Paulo Catharino Gordilho
COMPAÑHIA PROGRESSO E UNIÃO FABRIL DA BAHIA
Representante

Antônio Carlos dos Santos Vovô
A rogo de Hilda Dias dos Santos

1086

TABELIÃO DO 4º OFÍCIO DE ROTAS
Rua Miguel Calmon, nº 34
Comércio - Salvador - Bahia - CEP: 40.010-020

Escritura de doação de terreno da União Fabril para Hilda
Dias dos Santos – 25/09/2007, Página 03



Aos 85 anos, mãe Hilda discursa com lucidez sobre o racismo

Longe dos desfiles, mas firme na força e na bênção

Às 85 anos, a voz calma e debilitada e os passos lentos refletem o peso dos seus 85 anos, mas contrastam com a lucidez de quem recorda com clareza uma trajetória de luta e conquistas do povo negro. Quando abençoou a fundação do Ilê Aiyê, mãe Hilda Jijó transformou em realidade um sonho e acreditou que estava na hora de começar a combater o preconceito. Em três décadas e meia, a matriarca do bloco acredita no importante papel do Ilê na transformação da população da periferia do Curuzu, na Liberdade.

"É uma data marcante. Foi um sonho de meu filho em que meu acredeitei e dei força para que se tornasse realidade. O negro está sendo mais respeitado e se sente mais confiante. Sabe que impõe chegar lá. Acho que o Ilê tem um papel importante no combate ao preconceito, mas o Racismo é uma coisa que ainda

está na consciência de muita gente. Muita coisa mudou, mas ainda falta melhorar", pontua mãe Hilda.

Para ela, a mulher negra teve um papel de destaque dentro do bloco e aprendeu. Com a criação do concurso Beleza Negra, o Ilê exaltou a auto-estima afro. "Antes, elas não assumiam seus cabelos e roupas afro. Hoje, muitas têm orgulho de usar o cabelo natural ou trançinhas e usam qualquer tipo de roupa", ressalta a ialorixá.

As limitações da idade, no entanto, não impedem que a matriarca do bloco continue exercendo a função de guia espiritual do Ilê. Apesar de estar afastada há 3 anos dos desfiles, ainda é a principal conselheira do Ilê e faz questão de cumprir o ritual de saída do bloco durante o Carnaval: "Enquanto existir, estarei dando força e axé para que eles possam seguir".

Jornal A Tarde – fevereiro de 2008

Sucessão mobiliza Curuzu

**Ritual vai escolher
ialorixá que ficará
no lugar de Mãe
Hilda em terreiro**

From Campos

www.ramossururbano.com.br

Um jogo de búzios, a força das entidades divinas do candomblé Jeje e a iluminação de Mã Hilida Jitoh. Através dessa mística combinação, deve ser escolhida, amanhã, a laorixá que vai se tornar a nova sacerdotisa de um dos mais renomados terreiros de Salvador, o Ilê Axé Jitoh, na Ladeira do Curuzu, Liberdade.

Desde a morte de Hilda Dias dos Santos, a Mãe Hilda Jitolu, em 19 de maio de 2009, a tradição casa esteve praticamente fechada à espera do complexo e reservado processo de escolha, através de uma série de misteriosos rituais guardados a sete chaves pelos praticantes da religião canômbige.

"Depois de determinado tempo em que a casa praticamente não funciona, uma consulta ao jogo divinatório (jogo de búzios) é realizada para saber quem é que o orixá deguarda como sucessor. Geralmente é escolhido uma pessoa mais experiente, com um bom tempo na casa", explica Orlando Serra, antropólogo especialista em cultura africana. Ele, porém, resguarda a existência de diversas variações a depender do terreiro e vertente do candomblé em questão.

AXEXÉ O anúncio é esperado após a realização de um ritual iniciado na última segunda-feira e que irá até amanhã, conhecido como Axexé. A cerimônia é um rito funerário que está sendo realizado nesta semana em decorrência do aniversário de um ano da morte de Mãe Hilda.

"Imediatamente após a morte da pessoa iniciada é feito o Axexe. No candomblé, a morte é uma passagem na qual



Seruza Meneses, Rainha do Ebano em 1928, está cheia de expectativa para o primeiro Axé.

ela sai de um domínio e vai pra outro, conhecido como Orun. Esse desligamento no caso de Mãe Hilda é muito complexo. A depender do significado da pessoa para a Casa o ritual pode se repetir um ano depois, como agora, e até outras vezes", conta Serra.

Segundo Antônio Carlos dos Santos, o Vovo do Ilé, filho biológico de Mãe Hilda, há seis meses um outro Axexé, com três dias de duração, foi realizado em memória da matriarca, mas sem a mesma mobilização. "Agora são sete dias de preparação. Um Axexé desse é de importância maior".

MORADORES A história do tradicional terreno fundado em 1952 se confunde com a própria história da Ladeira do Curuzu, no vasto bairro da Liberdade. Talvez, por isso, é fácil achar pessoas acostumadas com os negócios da região: freqüentadores assíduos da casa, prontamente disponíveis para conversar sobre a importância do evento e de Mde Hilda nara a região.

"Será um evento carregado, de muita emoção. O axexé é bem diferente dos outros rituais", conta a comerciante Mariúcia Oliveira, 59 anos, que frequenta o Ile Axé Jibóia

desde que se iniciaron hacia 19
baño, los más de 40 años.

Embora a assiduidade, ex-
te-se sente um pouco receoso em
participar. "A pessoa tem que
ter uma certa experiência. É
diferente de outros assuntos.
Não sei se vou achar, não me dou
muito bem", explica Meril-
da Oliveira.

Para a saudadeira Geralda Menezes, Rainha do Carnaval de 1998 e tradicional dançarina do Ile Ayé, este será o seu primeiro Axé, o que lhe dá grande expectativa.

"Será meu primeiro Ano-
nt. Belga e só de Izarandebela
Hilda será uma grande festa.
Pelo que comentam, entre
uma grande furtura de costela
branca frango, peixe, vatapa
branco, caruru, aguado."

De acuerdo con la reunión, a
maior parte dos moradores de
Quarai deve participar do
encontro, incluído o seu chefe, o
capitão.



Manoel Oliveira: 'Será um evento carregado de muita tristeza'

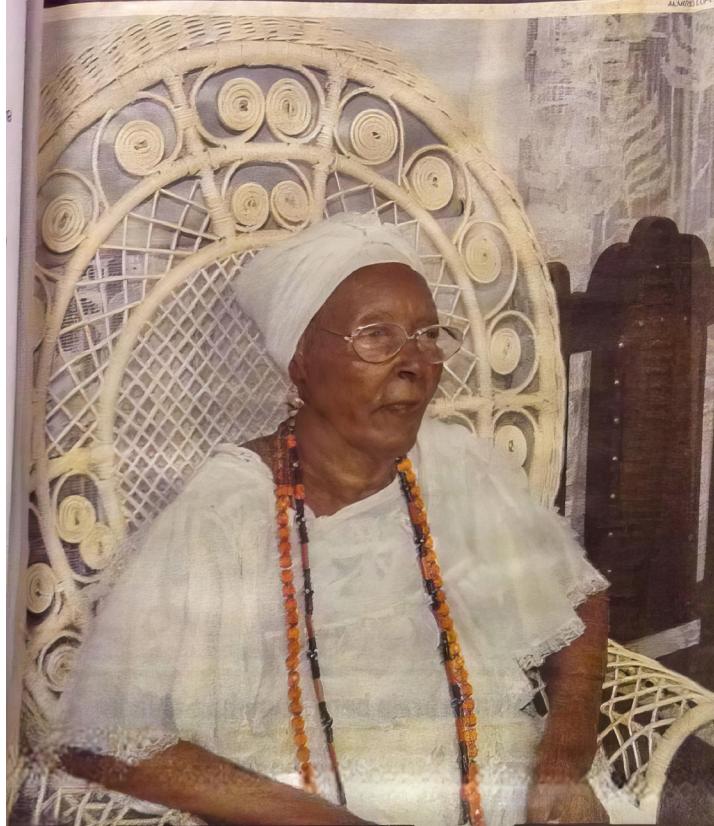


卷之三十一

Jornal Correio – 18 de setembro de 2010



Hilda, exemplo de mãe



ALMIRIO LOPES

A Bahia perdeu uma das suas mães - de - santo mais importantes. A iorixá Hilda dos Santos, 86 anos, mais conhecida como mãe Hilda, que era líder espiritual do grupo cultural Ilé Ayé e comandava o terreiro Ilé Axé Itolu (no bairro da Liberdade) há mais de cinco décadas, morreu na manhã de ontem. Hilda estava internada desde o último dia 7 no Hospital Unimed, em Lauro de Freitas. Ela sofria de problemas cardíacos e depois contraiu uma pneumonia. "Todos nós estamos muito tristes, é uma perda irreparável", disse o filho de mãe Hilda, Antônio Carlos dos Santos, mais conhecido como Vovô do Ilé. "Estou no Rio de Janeiro, recebi a notícia há pouco e posso dizer que é um momento de muita consternação. Vai ficar uma lacuna na nossa luta contra o preconceito racial. Ela nos deixa uma grande lição de vida", declarou o presidente do Olodum, João Jorge. Mãe Hilda foi iniciada no candomblé aos 20 anos e, nove anos depois, fundou o terreiro Ilé Axé Itolu. Com o objetivo de preservar os conhecimentos sobre a cultura africana, em 1988, ela fundou a Escola Mãe Hilda Itolu, que oferece formação em cidadania. "Com a morte de mãe Hilda, perdemos grande parte da nossa história", afirmou o professor de história da Universidade Federal da Bahia (Ufba) José Carlos de Souza. Estava marcada para hoje o inicio de uma série de atividades educativas e culturais que o Ilé realiza em homenagem a mãe Hilda todos os anos, a chamada Semana da Mãe Preta. Segundo Vovô do Ilé, todas as atividades serão canceladas. O corpo de mãe Hilda foi velado na sede do terreiro que comandava, durante toda a madrugada. O cortejo vai subir até a entrada do Curuzu, às 8h30 de hoje. O sepultamento será às 10h no Cemitério Jardim da Saudade, em Brotas.

CAMILA BOTTO

A iorixá
Hilda dos
Santos, mais
conhecida
como mãe
Hilda, era líder
espiritual do
grupo Ilé



A morte de
mãe Hilda, do
terreiro Ilé
Axé Itolu,
levou muita
tristeza à
comunidade
da Liberdade

Antônio
Carlos dos
Santos, o
famoso Vovô
do Ilé, é filho
de mãe Hilda

O que ela
sempre pedia
para a gente
(os filhos) era
união. É uma
perda
irreparável

VOVÔ DO ILÉ. Antônio Carlos dos Santos, o filho mais velho de mãe Hilda

ARTE E DESIGNER GRÁFICO: DADA JAQUES

24h*

redacao@correio24horas.com.br

RENOVAÇÃO DE

ILÉ AXÉ

Somente em 2011 o histórico terreiro do Ilé Axé Jitoli, na Ladeira do Curuzu, terá uma festa regida por Hildelice Benta dos Santos, mãe Hildelice, que domingo se tornou a nova responsável pelo terreiro que foi comandado por mãe Hilda até setembro do ano passado, quando morreu aos 86 anos.

Um dos terreiros mais importantes para a comunidade do candomblé Jeje na Bahia, o Ilé Axé Jitoli passará por uma reforma após a conclusão do Axené – ritual realizado após a morte para indicação de sucessor.

No Axené realizado no terreiro que foi capturado por mãe Hilda, sua filha biológica, Hildelice, que é filha de Oxalá, foi escolhida pelos Orixás para ser a responsável pela casa que esteve praticamente fechada desde a morte da sacerdotisa mãe Hilda.

Apesar dos laços sanguíneos com a antiga matraca, foi através dos buzios que mãe Hildelice, de 49 anos, foi escolhida como sucessora na tradicional cata.

Iniciada no candomblé como Ialó (praticante recém-iniciado), aos 20 anos, ela conta que sempre acompanhava a mãe, que era autora profunda admiração às normas como condizentes as relações entre terreiro e comunidade. Gabera a mãe Hildelice a representação como guia espiritual de toda uma comunidade pioneira na afirmação da beleza negra, que fincou suas raízes no mais africano dos bairros de Salvador, a Liberdade.

PHOTO: FELIPE CAMPUS

MÃE HILDA morreu em 2009, vítima de parada cardíaca. A talorixá comandava o terreiro Ilé Axé Jitoli, que foi fundado em 1952

DEDICAÇÃO RELIGIOSA

TERREIRO ILÉ AXÉ - JITOLI
SALVADOR - BAHIA

ENTREVISTA / HIDELICE BENTA DOS SANTOS

Sucedessora de mãe Hilda promete continuidade

Como aconteceu a cerimônia de escolha como sucessora?
Não estava esperando, foi surpresa para todos os presentes. Foi uma cerimônia aberta, todos os iniciados foram convidados para ficar no barraço (chão sagrado, onde são realizados os festas do terreiro). Quem jogou os buzios foi o pai Flaviano, uma pessoa bem antiga no candomblé. Ele é do terreiro de Ilé Axe Obaná, em Areia Branca. No primeiro jogo ele apenas leu e não se manifestou. Foi no terceiro jogo que ele perguntou: Quem é que Oxalá aqui? Eu respondi: a filha de Oxalá sou eu. Me levantei e sentei próximo a ele. As colas foram feitas de uma maneira bem clara, para quem estava lá ouvir e entender. Teve muito choro, muita emoção. Foi um momento de alegria.

Ser filha biológica de mãe Hilda interferiu na decisão?
Pelo que eu percebo, tinha que ser uma pessoa da família. Mas foi surpresa para todos os presentes. Foram jogados os buzios e a gente só ficou sabendo na hora.

O que representa para a senhora ser a sucessora de uma pessoa importante para todo o movimento negro e para a religião?
Minha mãe sempre teve esse lado de combater e conversar muito sobre nossas origens. Eu vou dar continuidade a todo esse trabalho que foi feito. Eu estou assumindo um cargo que foi dela. Tenho que representar. Estou alegre e satisfeita porque a herança que ela deixou foi isso. Dar continuidade a tudo de bonito que ela fez.

Qual a energia que deseja passar para o bloco Ilé Axé, que foi tão difundido por sua mãe, nos próximos anos?
Acima de tudo, a energia positiva. A saída do Ilé será do mesmo jeito. Mantemos a tradição que é o nosso orgulho.

MÃE HILDA morreu em 2009, vítima de parada cardíaca. A talorixá comandava o terreiro Ilé Axé Jitoli, que foi fundado em 1952

ENTREVISTA / HIDELICE BENTA DOS SANTOS

Sucedessora de mãe Hilda promete continuidade

Como aconteceu a cerimônia de escolha como sucessora?
Não estava esperando, foi surpresa para todos os presentes. Foi uma cerimônia aberta, todos os iniciados foram convidados para ficar no barraço (chão sagrado, onde são realizados os festas do terreiro). Quem jogou os buzios foi o pai Flaviano, uma pessoa bem antiga no candomblé. Ele é do terreiro de Ilé Axe Obaná, em Areia Branca. No primeiro jogo ele apenas leu e não se manifestou. Foi no terceiro jogo que ele perguntou: Quem é que Oxalá aqui? Eu respondi: a filha de Oxalá sou eu. Me levantei e sentei próximo a ele. As colas foram feitas de uma maneira bem clara, para quem estava lá ouvir e entender. Teve muito choro, muita emoção. Foi um momento de alegria.

Ser filha biológica de mãe Hilda interferiu na decisão?
Pelo que eu percebo, tinha que ser uma pessoa da família. Mas foi surpresa para todos os presentes. Foram jogados os buzios e a gente só ficou sabendo na hora.

O que representa para a senhora ser a sucessora de uma pessoa importante para todo o movimento negro e para a religião?
Minha mãe sempre teve esse

MÃE HILDA morreu em 2009, vítima de parada cardíaca. A talorixá comandava o terreiro Ilé Axé Jitoli, que foi fundado em 1952

ENTREVISTA / HIDELICE BENTA DOS SANTOS

Sucedessora de mãe Hilda promete continuidade

Como aconteceu a cerimônia de escolha como sucessora?
Não estava esperando, foi surpresa para todos os presentes. Foi uma cerimônia aberta, todos os iniciados foram convidados para ficar no barraço (chão sagrado, onde são realizados os festas do terreiro). Quem jogou os buzios foi o pai Flaviano, uma pessoa bem antiga no candomblé. Ele é do terreiro de Ilé Axe Obaná, em Areia Branca. No primeiro jogo ele apenas leu e não se manifestou. Foi no terceiro jogo que ele perguntou: Quem é que Oxalá aqui? Eu respondi: a filha de Oxalá sou eu. Me levantei e sentei próximo a ele. As colas foram feitas de uma maneira bem clara, para quem estava lá ouvir e entender. Teve muito choro, muita emoção. Foi um momento de alegria.

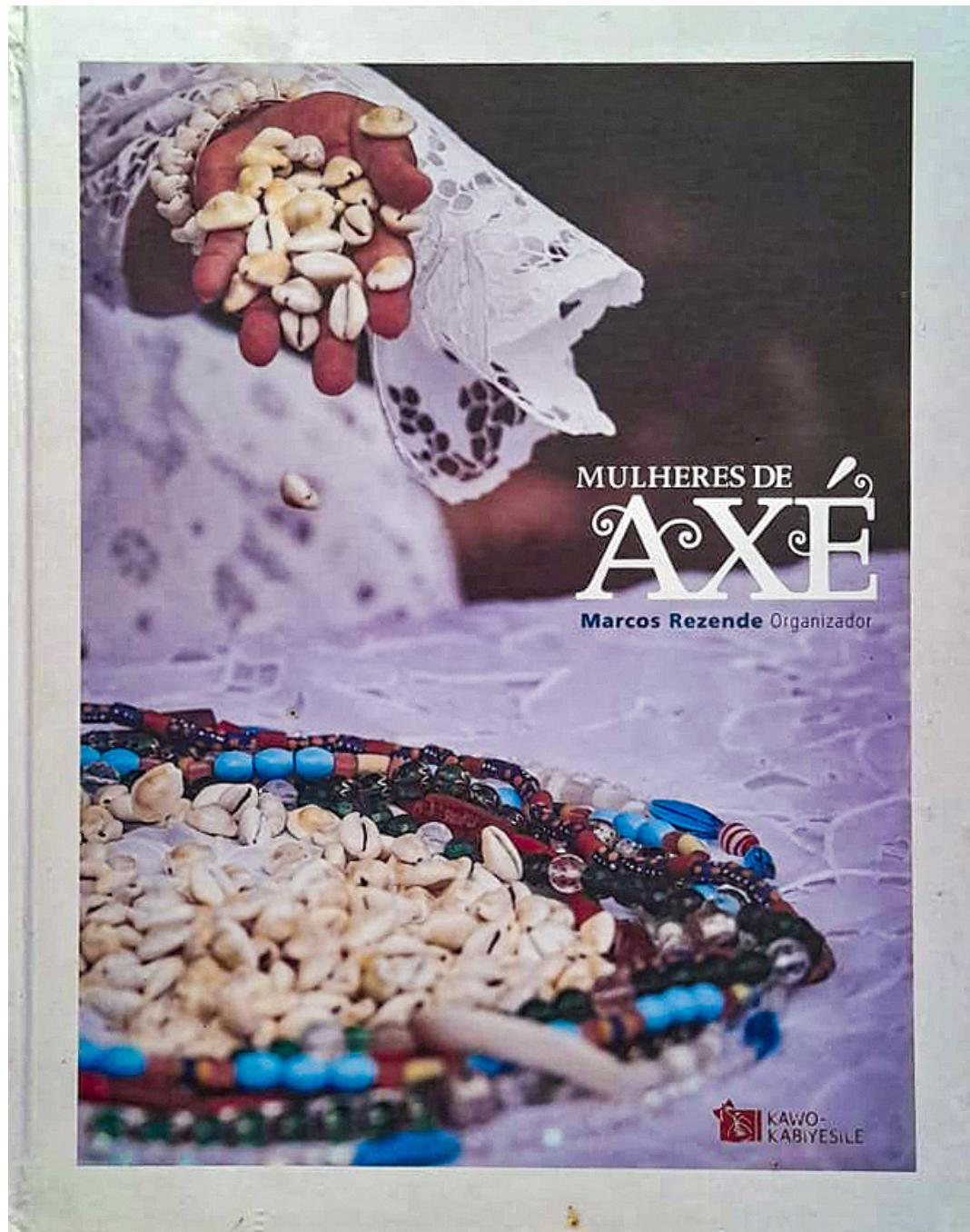
Ser filha biológica de mãe Hilda interferiu na decisão?
Pelo que eu percebo, tinha que ser uma pessoa da família. Mas foi surpresa para todos os presentes. Foram jogados os buzios e a gente só ficou sabendo na hora.

O que representa para a senhora ser a sucessora de uma pessoa importante para todo o movimento negro e para a religião?
Minha mãe sempre teve esse

Jornal Correio – 22 de setembro de 2010



Mãe da Liberdade



Livro Mulheres de Axe 2013



Livro Mulheres de Axe 2013





Instituto da
Mulher Negra
Mãe Hilda
Jitolu

Este livro foi composto na tipologia Arboria Book 13/16

